



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA**

**PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BACHARELADO EM
ARQUEOLOGIA**

Outubro 2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

Sumário

1. INFORMAÇÕES INSTITUCIONAIS.....	6
1.1. MANTENEDORA.....	6
1.2. MANTIDA.....	6
1.2.1. <i>Identificação</i>	6
1.2.2. <i>Atos Legais de Constituição</i>	7
1.2.3. <i>Dirigente Principal da Mantida</i>	7
1.2.4. <i>Dirigentes da Universidade Federal do Oeste do Pará</i>	7
1.3. HISTÓRICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ.....	8
1.4. MISSÃO INSTITUCIONAL.....	11
1.5. VISÃO INSTITUCIONAL.....	11
1.6. PRINCÍPIOS NORTEADORES.....	12
2. O CURSO DE BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA.....	12
2.1. INSERÇÃO INSTITUCIONAL.....	12
2.2. ARQUEOLOGIA NA AMAZÔNIA.....	12
3. DADOS GERAIS DO CURSO.....	14
4. JUSTIFICATIVA DO CURSO.....	15
5. CONCEPÇÃO DO CURSO.....	17
6. JUSTIFICATIVA PARA AS ADEQUAÇÕES NO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA.....	17
6.1. OBJETIVOS.....	19
6.1.1. <i>Geral</i>	19
6.1.2. <i>Específico</i>	20
6.2. PERFIL DO EGRESSO.....	20
6.3. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR.....	22
6.3.1. <i>Políticas de Ensino</i>	22
6.3.2. <i>Políticas de Extensão</i>	24
6.3.3. <i>Políticas de Pesquisa</i>	25
6.4. QUADRO DOCENTE.....	26
6.5. ATIVIDADES DO CURSO.....	26
6.5.1. <i>Atividades de Sala de Aula</i>	27
6.5.2. <i>Atividades de Campo</i>	28
6.5.3. <i>Atividades Laboratoriais</i>	28
6.5.4. <i>Atividades Complementares</i>	29
7. FORMA DE ACESSO AO CURSO.....	34



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

7.1.	PROCESSO SELETIVO VIA EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO (ENEM)	34
7.2.	PROCESSO SELETIVO VIA MOBILIDADE EXTERNA	34
7.3.	PROCESSO SELETIVO VIA MOBILIDADE INTERNA	34
7.4.	PROCESSO SELETIVO ESPECIAL	35
8.	REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DO PERFIL DE FORMAÇÃO	36
9.	SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM	40
9.1.	REFERENCIAIS NORMATIVOS	40
9.2.	OBJETIVOS DA AVALIAÇÃO	40
9.3.	ATRIBUIÇÕES DO DOCENTE	40
9.4.	COMPONENTES CURRICULARES	41
9.4.1	– <i>Aproveitamento de Disciplinas</i>	41
9.5.	ÍNDICE DE DESEMPENHO ACADÊMICO	42
10.	TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO (TCC)	42
10.1.	ASPECTOS GERAIS	42
10.2.	FORMATO DO TCC	43
10.3.	ORIENTAÇÃO	43
10.4.	SUPERVISÃO E DEFESA DO TCC	43
11.	ESTÁGIO CURRICULAR	44
12.	SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO DO CURSO	45
12.1.	REFERENCIAIS NORMATIVOS	45
12.2.	MECANISMOS DE AVALIAÇÃO	45
12.2.1.	<i>Projeto Pedagógico do Curso</i>	46
12.2.2.	<i>Parâmetros para Avaliação Continuada</i>	46
12.2.3.	<i>Avaliação do Quadro Docente</i>	46
12.2.4.	<i>Avaliação do Quadro Discente</i>	47
12.2.5.	<i>Outros Instrumentos</i>	47
13.	RECURSOS HUMANOS	48
13.1.	ORGANIZAÇÃO ACADÊMICO–ADMINISTRATIVA	48
13.1.1.	<i>Secretaria Acadêmica</i>	48
13.2.	DOCENTES	48
14.	COMPOSIÇÃO DO NDE - NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE	53
15.	INFRAESTRUTURA	54
15.1.	ESPAÇO PARA A COORDENAÇÃO	54
15.2.	SALAS DE PROFESSORES	54
15.3.	SALAS DE AULA	55
15.4.	LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA	55
15.5.	BIBLIOGRAFIA DO CURSO	56



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

15.6.	PERIÓDICOS ESPECIALIZADOS	56
15.7.	LABORATÓRIOS DIDÁTICOS	57
15.8.	AUDITÓRIOS	59
15.9.	BIBLIOTECA	59
15.10.	CONDIÇÕES DE ACESSO PARA PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS	59
15.11.	INFRAESTRUTURA DE SEGURANÇA	60
15.12.	APOIO AOS DISCENTES	61
16.	ATOS AUTORIZATIVOS	61
	ANEXO	62
1.	MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA (PAA/ICS/UFOPA)	63
	<i>INTRODUÇÃO À ARQUEOLOGIA</i>	63
	<i>INTRODUÇÃO À ANTROPOLOGIA</i>	64
	<i>HISTÓRIA DA AMAZÔNIA</i>	64
	<i>CURADORIA E CLASSIFICAÇÃO DE MATERIAL ARQUEOLÓGICO</i>	65
	<i>ETNOHISTÓRIA</i>	66
	<i>TEORIA ANTROPOLÓGICA I</i>	67
	<i>HISTÓRIA E TEORIA ARQUEOLÓGICA I</i>	68
	<i>MÉTODOS E TÉCNICAS EM ARQUEOLOGIA</i>	69
	<i>ARQUEOLOGIA BRASILEIRA</i>	70
	<i>INTRODUÇÃO À PRÁTICA DE CAMPO EM ARQUEOLOGIA I</i>	70
	<i>HISTÓRIA E TEORIA DA ARQUEOLOGIA II</i>	71
	<i>ETNOLOGIA INDÍGENA</i>	72
	<i>ANÁLISE DE MATERIAL CERÂMICO</i>	73
	<i>PRÉ-HISTÓRIA GERAL</i>	74
	<i>ARQUEOLOGIA HISTÓRICA</i>	74
	<i>ORIGENS DA AGRICULTURA E DOMESTICAÇÃO DE PLANTAS</i>	76
	<i>ARQUEOLOGIA AMAZÔNICA</i>	77
	<i>BIOARQUEOLOGIA</i>	78
	<i>INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DE ARTE RUPESTRE</i>	79
	<i>GEOARQUEOLOGIA</i>	80
	<i>ZOOARQUEOLOGIA</i>	81
	<i>PRÁTICA DE CAMPO EM ARQUEOLOGIA II</i>	82
	<i>ESTATÍSTICA APLICADA À ARQUEOLOGIA</i>	83
	<i>ETNOARQUEOLOGIA</i>	84
	<i>ANÁLISE DE MATERIAL LÍTICO</i>	85
	<i>PROJETO DE PESQUISA</i>	86
	<i>TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO</i>	87
	<i>ANÁLISE DE MATERIAL ÓSSEO</i>	88
	<i>ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA DA GUERRA</i>	88
	<i>ARQUEOLOGIA DAS AMÉRICAS</i>	90
	<i>ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM</i>	90



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

ARQUEOLOGIA EXPERIMENTAL	92
ARQUEOLOGIA PÚBLICA E DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL	93
ARQUEOLOGIA REGIONAL DOS RIOS TAPAJÓS-TROMBETAS	94
CAÇADORES-COLETORES	96
CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS	97
CULTURA MATERIAL	97
FUNDAMENTOS DOS SIG E GPS PARA ARQUEOLOGIA	98
GEOMORFOLOGIA AMAZÔNICA	99
INTRODUÇÃO À ANATOMIA COMPARADA E PREPARAÇÃO DE COLEÇÕES OSTEOLÓGICAS	100
LABORATÓRIO DE TEXTOS ARQUEOLÓGICOS E ANTROPOLÓGICOS I	101
LABORATÓRIO DE TEXTOS ARQUEOLÓGICOS E ANTROPOLÓGICOS II	102
LABORATÓRIO DE TEXTOS ARQUEOLÓGICOS E ANTROPOLÓGICOS III	103
LABORATÓRIO DE TEXTOS ARQUEOLÓGICOS E ANTROPOLÓGICOS IV	104
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS (Demanda ao ICED)	105
PALEOETNOBOTÂNICA	106
POVOAMENTO DAS AMÉRICAS	107
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS	108
SEMINÁRIOS EM TERRAS PRETAS DA AMAZÔNIA	109
SENSORIAMENTO REMOTO E ARQUEOLOGIA	110
TÉCNICAS DE REGISTRO EM ARQUEOLOGIA	111
TÉCNICAS DE REGISTRO VISUAL DE ARTE RUPESTRE	112
TEORIA CONTEMPORÂNEA DA ARQUEOLOGIA	113
TERRAS PRETAS E TERRAS MULATAS: HISTÓRIA, FORMAÇÃO E USO	114
TÓPICOS ESPECIAIS EM ANÁLISES QUANTITATIVAS E QUALITATIVAS	115
TÓPICOS ESPECIAIS EM ARQUEOLOGIA HISTÓRICA	116



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

1. INFORMAÇÕES INSTITUCIONAIS

1.1. MANTENEDORA

Dados de Credenciamento	
Documento/Nº:	Lei 12.085, de 06 de novembro de 2009
Data Documento:	05 de novembro de 2009
Data de Publicação:	06 de novembro de 2009

Mantenedora:	Ministério da Educação						
CNPJ:	00.394.445/0003-65						
End.:	Esplanada dos Ministérios, Bloco L, Ed. Sede e Anexos						
Bairro:		Cidade:	Brasília	CEP:	70.047.903	UF	DF
Fone:		Fax:					
E-mail:	gabineteUFOPA@hotmail.com						

1.2. MANTIDA

1.2.1. Identificação

Mantida:	Universidade Federal do Oeste do Pará						
End.:	Rua						
	Vera	n.	s/n				
	Paz						
Bairro:	Salé	Cidade	Santarém	CEP	68135-110	UF	Pará
Telefone:	(93) 2101-	Fax:	(93) 2101-4912				



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA**

	4911
E-mail:	gabineteUFOPA@hotmail.com
Site:	www.UFOPA.edu.br

1.2.2. Atos Legais de Constituição

1.2.3. Dirigente Principal da Mantida

Cargo	Reitor		
Nome:	Hugo Alex Carneiro Diniz		
CPF:	037.680.987-61		
Telefone:	(93) 2101-6506	Fax:	(93) 2101-6520
E-mail:	gabineteUFOPA@hotmail.com		

1.2.4. Dirigentes da Universidade Federal do Oeste do Pará

Reitor: Prof. Dr. Hugo Alex Carneiro Diniz

Vice-Reitor: Prof^a. Dr^a. Aldenize Ruela Xavier

Presidente do Conselho Superior: Prof. Dr. Hugo Alex Carneiro Diniz

Pró-Reitora de Ensino de Graduação: Prof^a. Dr^a. Solange Helena Ximenes Rocha

Pró-Reitor de Planejamento Institucional: Prof. Esp. Rogério Favacho da Cruz

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas: Prof^a. Msc. Fabriciana Vieira Guimaraes

Pró-Reitor de Gestão Estudantil: Prof^a. Dr^a. Eliane Cristina Flexa Duarte

Pró-Reitora de Administração: Sofia Campos e Silva Rabelo



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA**

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica: Prof. Pós-Dr. Domingos Luis Wanderley Picanço Diniz

Pró-Reitor de Comunidade, Cultura e Extensão: Prof. Dr. Marcos Prado Lima

Diretor do Instituto de Ciências da Sociedade: Prof. Dr. Jarsen Luis Guimarães

Coordenadora do Bacharelado em Arqueologia: Prof^ª. Dr^ª. Gabriela Prestes Carneiro

Vice-Coordenador do Bacharelado em Arqueologia: Prof. Me. Vinicius Eduardo Honorato de Oliveira

Coordenadora do Laboratório Curt Nimuendajú: Prof^ª. Dr^ª. Camila Pereira Jácome

1.3. HISTÓRICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ

A **Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)** foi criada pela Lei nº 12.085, de 5 de novembro de 2009, sancionada pelo Presidente da República em Exercício José Gomes Alencar da Silva e publicada no Diário Oficial da União (DOU) em 6 de novembro de 2009. É uma instituição de natureza jurídica autárquica, vinculada ao Ministério da Educação (MEC), com o objetivo de ministrar o ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas do conhecimento e promover a extensão universitária. É a primeira instituição federal de ensino superior com sede no interior da Amazônia brasileira, cuja sede está localizada na cidade de Santarém-Pará, terceira maior população do Estado.

É uma universidade multicampi, além de Santarém, foi pactuado com o MEC a implantação de campus nos municípios de Alenquer, Itaituba, Juruti, Monte Alegre, Óbidos e Oriximiná. Em Santarém, existe a Unidade Rondon, antigo campus da UFPA e a a Unidade Tapajós, antigo Núcleo Interinstitucional de Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (NDSA), onde funcionava a Unidade Descentralizada da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA Tapajós) e a Unidade Amazônia, localizado em espaço alugado.

A história da UFOPA inicia com o processo de interiorização dos cursos de graduação da Universidade Federal do Pará (UFPA) em Santarém, efetivamente em 1971, pelo Núcleo de Educação da Universidade Federal do Pará, criado em 14 de outubro de 1970 (Resolução nº 39/1970 – CONSEP-UFPA). Inicialmente, foram ofertados cursos de



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

licenciaturas de curta duração, no período de 1971 a 1973, cujas atividades de ensino foram desenvolvidas na Escola Estadual de Ensino Médio Álvaro Adolfo da Silveira.

O Núcleo de Educação foi reativado em 1980, proporcionando que, no período de 1980 a 1983, fossem realizados novos cursos de licenciatura de curta duração e cursos de complementação de estudos para os professores da rede básica de ensino que já possuíssem a licenciatura de curta duração. Posteriormente, um convênio realizado entre a UFPA e a Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) – em 1983 – possibilitou o início do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. As atividades referentes a este curso foram desenvolvidas na Escola Municipal Everaldo de Souza Martins, cedida à UFPA pela Prefeitura Municipal de Santarém, onde hoje funciona a Unidade Rondon da UFOPA.

Em janeiro de 1987 a UFPA começou o processo de interiorização por meio de 8 (oito) campi universitários em municípios considerados polos de desenvolvimento do Pará: Abaetetuba, Altamira, Bragança, Cametá, Castanhal, Marabá, Santarém e Soure. Em cada um deles foram implantados cinco cursos de Licenciatura Plena – Matemática, Letras, Geografia, História e Pedagogia –, todos iniciados em janeiro de 1987. Estabeleceu-se também que os campi teriam como abrangência os 143 (cento e quarenta e três) municípios paraenses. Todos os campi da UFPA foram criados na expectativa de, no futuro, serem transformados em Universidades. Além disso, os cursos lá disponíveis inicialmente funcionavam no período intercalar, com os professores sendo deslocados do campus de Belém.

Com a finalidade de dar um caráter permanente às ações da UFPA no município de Santarém, no princípio da década de 90, deu-se início à implantação de cursos em caráter permanente, com corpo docente próprio.

Em 2000, foi elaborado um projeto de transformação do Campus Universitário da UFPA em Santarém no Centro Universitário Federal do Tapajós, como estratégia para criação da Universidade Federal do Tapajós.

No ano de 2003 começou o processo de interiorização da UFPA com a criação da Unidade Descentralizada do Tapajós (UFPA Tapajós). O Campus da UFPA Tapajós começou a funcionar nas instalações do Centro de Tecnologia Madeireira (CTM) da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), o qual em 20/12/2005 passou a ser denominado de



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

NDSA.

Em 2006, foi apresentado um Projeto Legislativo no Senado Federal, com o objetivo de criar duas Universidades Federais nos Estado do Pará, sendo uma com sede em Santarém e outra com sede em Marabá.

Em solenidade comemorativa aos 50 anos da Universidade Federal do Pará, ocorrida no Teatro da Paz em Belém-Pará, em 2 de julho de 2007, o então Reitor Alex Fiúza de Melo entregou ao Ministro da Educação Fernando Haddad o projeto de criação e implantação da Universidade Federal do Oeste do Pará. Posteriormente, os Ministros da Educação Fernando Haddad e do Planejamento Paulo Bernardo da Silva encaminharam a Exposição de Motivos Interministerial nº 332/2007/MP/MEC ao Exmo. Senhor Presidente da República em 11 de dezembro de 2007. Isso possibilitou que, em fevereiro de 2008, o Projeto de Lei - PL 2879/2008 propondo a Criação da UFOPA fosse enviado ao Congresso Nacional.

A SESU/MEC instituiu a Comissão de Implantação da UFOPA, pela Portaria nº 410, de 3 de junho de 2008, com a finalidade de realizar estudos e atividades para o planejamento institucional, a organização da estrutura acadêmica e curricular, administração de pessoal, patrimônio, orçamento e finanças, visando atender os objetivos previstos no Projeto de Lei nº 2879/2008. O Ministro da Educação instalou a comissão e empossou o seu presidente, Prof. Dr. José Seixas Lourenço, no dia 4 de julho de 2008.

Nesta mesma data, foi instituído um Conselho Consultivo integrado pelo Governo do Estado do Pará (Vice-Governador, SEDECT, FAPESPA, SEDUC, SEPAQ, SIDS e IDEFLOR), Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia – SUDAM, Banco da Amazônia, UFPA, UFRA e Prefeitura Municipal de Santarém, que prestou primoroso apoio à Comissão de Implantação.

Durante todo o processo de implantação da UFOPA, foi realizada uma ampla discussão com a comunidade acadêmica local e regional, dentre as quais destacamos os Seminários realizados em Santarém, nos dias 14 e 15 de agosto de 2008, denominados “Pensando em uma Nova Universidade, modelos inovadores de formação de recursos humanos” e “Santarém: Polo de Conhecimento, catalisador do desenvolvimento regional”. Participaram desse Seminário Reitores e Dirigentes das mais destacadas instituições de ensino



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA**

e pesquisa do país, dirigentes da Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESU/MEC), Coordenação de Aperfeiçoamento de Ensino Superior (CAPES/MEC), Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Academia Brasileira de Ciências (ABC), Governo do Estado do Pará, Prefeitura Municipal de Santarém, docentes, técnicos administrativos e discentes, além de representantes da sociedade civil organizada.

Os resultados dessas discussões foram sintetizados no Projeto de Implantação (1ª Edição) da Universidade Federal da Integração Amazônica (UNIAM), entregue ao Ministro da Educação Fernando Haddad, em dezembro de 2008, em Belém-Pará. Esse projeto, além de propor a mudança de nome da Universidade, apresentou uma arquitetura administrativa e acadêmica inovadora, flexível, interdisciplinar, empreendedora, eficiente, integrando sociedade, natureza e desenvolvimento.

Em 5 de dezembro de 2009, sob a presidência do Reitor da Universidade Federal do Pará, instituição tutora da UFOPA, foi instalado o Conselho Consultivo da UFOPA com finalidade de manter um canal de comunicação com a sociedade.

Atualmente, a Universidade possui mais de 8 mil alunos de graduação matriculados, os alunos ingressaram via ENEM ou via Programa de Ação Afirmativa, que permite o acesso de alunos indígenas, remanescentes de quilombo e deficientes físicos ao ensino superior por um processo seletivo especial. Mais de mil alunos estão matriculados nos cursos de especialização, mestrado e doutorado.

1.4. MISSÃO INSTITUCIONAL

Socializar e produzir conhecimentos, contribuindo para a cidadania, inovação e desenvolvimento na Amazônia.

1.5. VISÃO INSTITUCIONAL

Ser referência na formação interdisciplinar para integrar sociedade, natureza e desenvolvimento.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA**

1.6. PRINCÍPIOS NORTEADORES

São princípios da formação na Universidade Oeste do Pará:

- Interdisciplinaridade;
- Flexibilidade curricular;
- Mobilidade acadêmica;
- Educação continuada;

2. O CURSO DE BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

2.1. INSERÇÃO INSTITUCIONAL

A UFOPA foi criada pela Lei nº 12.085/09, de 05 de novembro de 2009 a partir da incorporação dos campi da UFPA e UFRA, situados em Santarém, com o propósito de ampliar a missão de interiorização e de integração do ensino superior na Região Amazônica. Considerada enquanto Universidade da Integração Amazônica, ela apresenta um objetivo estratégico de repensar e ampliar a formação acadêmica e a produção de conhecimento científico na região.

Assim, pensadas sob uma ótica relacional, as áreas de formação da UFOPA partem, sobretudo, da integração entre diversos saberes como marco central de sua constituição colocando-se para si o desafio de serem diferenciadamente interdisciplinares. Neste contexto, a Arqueologia apresenta uma assinatura interdisciplinar particular, pois, se entendida como o estudo das sociedades humanas do passado e de seus processos adaptativos socioambientais a partir de vestígios materiais, ela se apoia em elos recíprocos entre História, Ecologia, Antropologia e Geologia. Este aspecto da Arqueologia por si só já define uma afinidade estratégica com o projeto da Instituição.

2.2. ARQUEOLOGIA NA AMAZÔNIA

Para entender melhor essa relação e sua relevância é necessário compreendermos um pouco mais o que é Arqueologia Amazônica. Os primeiros vestígios da ocupação humana



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

na região remontam há mais de 12 mil anos, podemos falar então de uma História Cultural da Amazônia. Isto implica que quando se fala em História Natural da Floresta Tropical observa-se reciprocamente uma História Cultural da Floresta. Assim, a Arqueologia Amazônica é a história antiga dos povos indígenas modificando a natureza e sendo modificados por ela. É a história de um processo recíproco da relação cultura-natureza, que permitiu que centenas de milhares, talvez milhões, de pessoas vivessem dentro de seus limites, sobretudo nos últimos 3.000 anos quando se observa uma intensificação da ocupação humana. O estudo arqueológico das ocupações e sociedades amazônicas não termina em 1500, as novas ocupações e transformações culturais a partir dessa data nos levaram a uma nova configuração da sociodiversidade amazônica que também faz parte do escopo da arqueologia.

Estudar Arqueologia Amazônica, portanto, é um caminho para se entender como as sociedades viveram adaptadas ao bioma amazônico até 1500, modificando-o sem exauri-lo. Isto quer dizer em uma palavra: sustentabilidade. Arqueologia Amazônica é a história da sustentabilidade humana na floresta tropical. Os graves problemas socioambientais que as Sociedades Amazônicas atuais e o Estado Brasileiro enfrentam para desenvolver adequadamente a região nos indicam que as lições históricas de sustentabilidade não estão sendo ouvidas. A Amazônia não está estudando o seu próprio passado humano. Uma sociedade sem história, sem memória, é obrigada a inventar-se do nada sem considerar o meio ambiente em que se insere. As populações indígenas e tradicionais amazônicas da atualidade tão pouco estão sendo ouvidas, mas são elas que, em grande parte, ainda possuem informações sobre esse “viver sem destruir”.

Falar em meio ambiente é falar na história das sociedades que construíram essas paisagens, ambientes estruturados pelas ações e ideias humanas ao longo de milhares de anos. Desta forma, estudar Arqueologia na Amazônia é um meio de planejamento estratégico para orientar a sustentabilidade da sociedade atual e futura na floresta tropical. Neste quadro, a maior lacuna é a inexistência de um processo consolidado de formação acadêmica endógena em Arqueologia na região. Ou seja, a formação de quadros profissionais na Amazônia é bastante frágil.

As demandas crescentes de um mercado de trabalho para a Arqueologia na região,



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

sobretudo vinculadas ao licenciamento ambiental das centenas de obras de infraestrutura, públicas e privadas, atreladas ao Processo de Aceleração do Crescimento nacional, em que pesem hidroelétricas, mineração, agronegócio, etc., vêm sendo preenchidas por profissionais de fora da Amazônia formados igualmente fora dela. Neste ponto, se insere de maneira estratégica um Bacharelado em Arqueologia dentro da UFOPA contribuindo na formação de uma primeira geração de arqueólogos nativos, bem como, oriundos de outras regiões interessados nas questões amazônicas. Todos dedicados a investigar o passado das diversas “Amazônias” e de aplicar as orientações derivadas desses estudos na resolução dos problemas do presente, dentro e fora da região. Desta maneira, olhando para o passado estaremos refletindo sobre modos mais inteligentes de nos relacionarmos com a diversidade socioambiental amazônica.

Mesmo tendo um forte viés para a arqueologia regional o Bacharelado em Arqueologia da UFOPA foi pensado para preparar seus egressos de maneira que possam atuar em qualquer vertente principalmente, mas não somente, da Arqueologia Brasileira e Latino-Americana.

3. DADOS GERAIS DO CURSO

Endereço de oferta do curso	Av. Mendonça Furtado, 2946, Bairro Fátima, Campus Amazônia, Santarém PA				
Denominação do Curso	Bacharelado em Arqueologia				
Turno de funcionamento/n. de vagas anuais	Integral	Matutino	Vespertino	Noturno	Totais
	40				40
Modalidade	Presencial				
Regime de matrícula	Semestral				
Duração do curso	Carga Horária Total (Horas)	Tempo Mínimo	Tempo Máximo		
	2460	8 (oito) semestres	12 (doze) semestres		



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

4. JUSTIFICATIVA DO CURSO

A Amazônia apresenta processos singulares de inter-relações sociobiodiversas profundamente enraizadas na estruturação de suas paisagens e gentes. Entender esses processos históricos, socioambientais, na escala milenar de suas configurações é o papel fundamental da Arqueologia Amazônica. Contudo, apesar de ser um centro de interesse internacional para a pesquisa arqueológica, a formação e a fixação de profissionais em Arqueologia na Amazônia apresenta-se bastante debilitada, o que gera uma demanda para formação de profissionais de Arqueologia na escala regional. Alia-se a isso o acelerado processo de crescimento econômico da região feito sobre premissas muitas vezes inadequadas, pois, estão desligadas das inter-relações complexas e milenares entre paisagens e sociedades amazônicas.

Assim, a Arqueologia que aqui vem sendo pensada é entendida, sobretudo, como uma ferramenta crítica e propositiva para a construção de modelos de desenvolvimento mais adequados à Amazônia tendo por fundamentação a história cultural do Bioma. Por este viés, concebemos a Arqueologia dentro de um contexto em que seus papéis social, econômico e político podem ser visualizados na atualidade a partir do estudo das relações entre os grupos humanos, e entre estes e o meio ambiente, ao longo de uma história socioambiental de longa duração. Tal processo caracteriza-se como uma construção interdisciplinar, por excelência, de amplo espectro em que elementos de Antropologia, Geologia, História, Biologia e Ecologia se amalgamam a um corpus próprio de teorias, métodos e práticas da pesquisa arqueológica. Portanto, não se trata do estudo do passado, pura e simplesmente, mas de apontar possibilidades de efetivação desses conhecimentos no presente, um exercício de transporte e tradução interdisciplinar, entre o passado e o presente, entre o científico-acadêmico e o tradicional-popular.

Nos últimos 13 anos foram abertos 14 cursos de arqueologia no Brasil, esse quantitativo apesar de pequeno, representa um crescimento enorme para a disciplina, mesmo se ainda muito limitado. A região Norte do Brasil, apesar de ser a maior região do país e uma das mais ricas arqueologicamente, só possui três cursos de arqueologia a nível de graduação que



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

funcionam de maneiras muito diferentes. O curso mais antigo se encontra no Estado de Rondônia, na Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). O segundo curso mais antigo foi criado pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), contudo esse curso não é continuado, ele funciona como projeto e é ofertado de maneira esporádica, por isso também não conta com um corpo docente permanente. Esse panorama demonstra o quão importante foi a criação do curso de Arqueologia na UFOPA, único para toda a região Oriental da Amazônia.

Desta forma, o curso visa fornecer uma formação teórica de amplo espectro, tratando desde temas como processo de hominização e as metodologias da Pré-história geral, passando por povoamento humano das Américas, História indígena pré-colonial, História, Etnohistória e Etnologia amazônica, História e Teoria do Pensamento Arqueológico até abordar a profissionalização da arqueologia, mercado de trabalho, o papel do arqueólogo na sociedade contemporânea, etc. Desde um ponto de vista metodológico e prático, estão previstas diversas disciplinas envolvendo atividades de campo e laboratório a fim de instruir e familiarizar os discentes com essas importantes etapas da prática arqueológica. Neste aspecto, o contexto regional do Oeste do Pará é favorecido pela riqueza de seu patrimônio histórico e pré-colonial arqueológico, favorecendo o contato direto dos alunos com o objeto de estudo do arqueólogo e as atividades de campo do bacharelado. Os sítios arqueológicos ocorrem dentro dos *campi* universitários (ex. Campus Tapajós e Fazenda Experimental da Universidade), na cidade de Santarém e no entorno próximo, em municípios vizinhos como Monte Alegre, Alenquer, Prainha, Belterra e Aveiro, caracterizando um rico registro arqueológico acessível aos discentes e docentes.

Em laboratório a análise do material cerâmico, mais abundante no registro arqueológico amazônico, dividirá espaço com análise de material lítico, também muito presente no contexto regional, ecofatos (e.g. vestígios botânicos e faunísticos) e outros vestígios culturais como a arte rupestre, frequente no município de Monte Alegre, também serão alvo de análises e estudos. Em suma, o Oeste do Pará é uma região arqueologicamente riquíssima e pouco conhecida, onde processos importantes do desenvolvimento humano na Amazônia ocorreram com implicações para todo o povoamento Sul Americano. A pesquisa arqueológica aqui é uma necessidade científica, histórica, cultural e desenvolvimentista.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA**

5. CONCEPÇÃO DO CURSO

A concepção original do curso de Arqueologia e sua atual revisão foram formuladas a partir das demandas institucionais e das demandas inerentes à própria disciplina. Sendo assim, num primeiro momento a Universidade tentou implantar um percurso interdisciplinar comum a todos os alunos da instituição, o que aumentava consideravelmente a carga horária do curso de Arqueologia. Contudo, com a constatação de que esse modelo não estava funcionando nos foi aberta a possibilidade de mudar o percurso acadêmico, aproximando-o das exigências estabelecidas pelo MEC e dos percursos estabelecidos por outras universidades brasileiras e internacionais, onde a tônica da interdisciplinaridade atravessa todos os componentes curriculares.

No caso específico do curso criado na UFOPA buscamos alinhar o curso com a realidade brasileira e com as especificidades amazônicas, que são únicas em todo o continente sul-americano.

6. JUSTIFICATIVA PARA AS ADEQUAÇÕES NO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

Até as visitas de avaliação dos cursos de Arqueologia e Antropologia pelo Ministério da Educação (MEC) em junho e setembro de 2014, respectivamente, os seus projetos pedagógicos (PPC's) haviam sido estruturados tendo-se em vista dois fatores principais: o corpo docente que se tinha até aquele momento (seu número, suas capacidades e especificidades em termos de formação) e a conjuntura maior da Universidade e do Instituto dentro dos quais se trabalhava.

Assim, os PPC's que foram avaliados pelo MEC em 2014 foram produtos de uma conjuntura externa específica no âmbito universitário e de um contexto interno, igualmente específico, no âmbito do colegiado do Curso de Arqueologia. O Curso de Arqueologia se constituiu de maneira muito próxima ao Curso de Antropologia, os Projetos Pedagógicos



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

refletem essa parceria. As condições dos cursos que vinham se estruturando desde 2011/2012/2013, mudou com a entrada de novos professores, o que permitiu a retomada de intensas discussões nos Núcleos Docentes Estruturantes (NDE) dos cursos sobre seus PPC's, reavaliando propostas anteriores. Tal atmosfera revisionista se projetou em 2014, em caráter parcialmente conclusivo, para efeito das avaliações.

Naquela altura, havia o entendimento categórico por todo corpo docente dos Cursos de Arqueologia e de Antropologia de que aqueles projetos não eram os melhores possíveis nem os ideais, apenas eram exequíveis guardando-se os dois fatores enunciados acima no marco temporal situado. Portanto, era de comum compreensão dentro do corpo docente que tão logo houvesse mudanças nos fatores, adequações nos PPC's teriam que se seguir. O que espelhava um aspecto importante da lógica própria deste instrumento de orientação dos cursos, isto é, sua abertura e flexibilidade para modificações mediante regulares avaliações internas por parte do corpo docente.

Ao se comparar o contexto acadêmico de 2013/2014 com 2016, tendo-se por base os dois fatores mencionados acima, percebe-se que mudanças consideráveis ocorreram. No que diz respeito ao corpo docente, houve mudança significativa na composição em ambos os cursos. No segundo semestre de 2014 com a entrada de novos docentes, cinco na Arqueologia e três na Antropologia, com seus perfis teórico-metodológicos específicos ampliou-se não apenas a quantidade de profissionais, mas também a diversidade das formações acadêmico-científicas. Ou seja, foram introduzidos novos referenciais qualitativos e quantitativos. Além disso, no próprio ano de 2016 mais um professor de cada curso foi contratado.

Com relação à conjuntura maior da Universidade, mudanças significativas foram observadas em seu projeto de gestão superior, com uma nova reitoria e novas administrações nas pró-reitorias, inaugurando uma nova fase na construção da Instituição. Reflexos importantes não tardaram a serem sentidos ao longo de 2015 culminando no presente. Assim, 2016 trouxe como desafio estrutural à Universidade uma reorientação no entendimento de como a interdisciplinaridade deve ser doravante construída, marcadamente sem a participação direta



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

e obrigatoriedade dos componentes curriculares da Formação Interdisciplinar I, que era ministrada por docentes do Centro de Formação Interdisciplinar (CFI) dentro dos cursos. De fato, isto implica em uma mudança profunda no percurso acadêmico dos discentes da Instituição. No entanto, apesar da retirada da obrigatoriedade Formação Interdisciplinar I do CFI, no percurso do curso de Arqueologia, continuamos seguindo um dos princípios que norteiam a Ufopa, e que se encontra em seu Estatuto, que é oferecer aos discentes que nele ingressam experiências interdisciplinares. A Arqueologia é por si, uma disciplina interdisciplinar, que transita entre as ciências Humanas, Biológicas, da Terra e Exatas, sendo assim, os discentes do curso, tem tanto em seu componente curricular de ensino, quanto nos projetos de pesquisa e extensão ações que promovem a vivência da interdisciplinaridade.

Assim, o NDE de Arqueologia entende que, dado o exposto acima, algumas adequações pontuais devem ser operadas em seus PPC's de forma a melhor atender às novas exigências do contexto atual. Tais adequações se restringem à criação de algumas disciplinas obrigatórias em substituição, ou não, a disciplinas anteriores. Bem como, a reformulação dos primeiros e segundos semestres de ambos os cursos que são preenchidos com disciplinas de formação introdutória em Antropologia e Arqueologia. Ou seja, observa-se uma reformulação na distribuição da grade de disciplinas. Para além dessas ações intrínsecas ao curso, a universidade vem propondo percursos diferenciados para os alunos de origem indígena, com o objetivo de melhorar o aproveitamento dos mesmos dentro da instituição e permitir que o acesso ao conhecimento universitário se dê de maneira mais adequada.

6.1. OBJETIVOS

6.1.1. Geral

Assentado em perspectivas teórico-metodológicas interdisciplinares, o bacharelado em Arqueologia da UFOPA volta-se para a formação de alunos que contribuam à pesquisa arqueológica bem como a atender às demandas e exigências da Arqueologia Brasileira com ênfase na Amazônia.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

6.1.2. Específico

Objetiva-se a preparação de profissionais para um mercado que exige sólida capacidade reflexiva e prática de trabalho, mas também flexibilidade nas estratégias de resolução de problemas de pesquisa. Tais capacidades são primordiais para intervenções inteligentes em realidades específicas das sociedades e paisagens amazônicas que enfrentam hoje um processo de acelerada modificação dos padrões de vida tradicionais e transfiguração sensível de suas paisagens socioambientais. A Arqueologia, no contexto regional, tem um papel fundamental de potencial balizamento entre as modificações do presente e modelos de desenvolvimento bem-sucedidos no passado em termos de adaptação ao bioma amazônico. Assim, mais do que preservar a memória de maneira estática, a Arqueologia visa preservar a memória de maneira a possibilitar orientações nas práticas atuais das relações homem-meio ambiente. Uma memória que se efetiva no presente ajudando a direcioná-lo sustentavelmente. Tal proposta nos remete ao corolário da Arqueologia Amazônica, acima mencionado, enquanto História da Sustentabilidade Humana na Floresta Tropical.

Desta maneira, o objetivo do Bacharelado em Arqueologia é preparar o estudante para atuar em diversas frentes da Arqueologia motivando-o a refletir sobre o significado próprio do desenvolvimento histórico das sociedades humanas na Amazônia e fora dela. Sustentamos a ideia de que Arqueologia da Amazônia trata do presente e tem um papel importante na construção das relações que o homem desenvolve com a natureza e com a sociedade.

Tendo isto em tela, a criação pioneira do Bacharelado de Arqueologia na Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA responde a: 1) suprir a citada demanda de formação e fixação regional; 2) formar profissionais com perfil interdisciplinar crítico aptos para entender as inter-relações complexas entre cultura, meio ambiente e história; 3) formar profissionais que atuem no mercado de trabalho dentro de premissas éticas e tecnicamente competentes de pesquisa, ensino e extensão.

6.2. PERFIL DO EGRESSO

O curso visa formar, além de profissionais tecnicamente aptos para o exercício da atividade de arqueólogo, pesquisadores iniciantes com perfil interdisciplinar crítico,



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

capacitados para o entendimento básico das inter-relações entre cultura, meio ambiente e história no contexto amazônico e em contextos arqueológicos mais amplos. Egressos que, tanto do ponto de vista teórico quanto metodológico, estejam aptos ao desenvolvimento de projetos de pesquisa de pós-graduação dando seguimento às suas formações acadêmicas, bem como, profissionais graduados que possam vir a atuar crítica e competentemente nos mais variados segmentos do mercado de trabalho aberto à Arqueologia, sejam dentro de instituições públicas e privadas, com e sem fins lucrativos, sejam acadêmicas ou empresariais, organizações não governamentais, etc. Propõe-se uma atuação pautada pela observância às premissas éticas de pesquisa, ensino e extensão que englobem preservação, valorização e promoção do Patrimônio Arqueológico Brasileiro, compreendendo e respeitando-se, fundamentalmente, as diversidades socioambientais intra e inter-regionais. Neste sentido, o curso visa habilitar os discentes para o desenvolvimento das seguintes competências:

- Domínio teórico dos principais conceitos, escolas, teorias e hipóteses essenciais da Arqueologia geral, com maior atenção à Arqueologia Amazônica.
- Domínio de noções e procedimentos fundamentais para a interdisciplinaridade arqueológica derivadas de áreas conexas como a Antropologia, a História, a Biologia e a Geologia.
- Domínio técnico dos procedimentos básicos de investigação de gabinete (levantamento documental, bibliográfico, pesquisa de pré-escavação);
- Domínio técnico dos procedimentos básicos de investigação de campo (prospecção e escavação);
- Domínio técnico dos procedimentos básicos de investigação laboratorial (análise de material cerâmico, lítico, ósseo humano, faunístico e botânico).
- Domínio técnico dos procedimentos básicos de curadoria arqueológica, Museologia e preservação do patrimônio arqueológico.
- Competência para formulação e execução de projetos de pesquisa, seja de natureza acadêmica, projetos de pós-graduação, seja de outra ordem, como extensão com a comunidade dentro e fora da comunidade acadêmica, ou ainda, dentro do Licenciamento Ambiental.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

6.3. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

Com base no que foi mencionado anteriormente o curso de Bacharelado em Arqueologia apresenta um perfil voltado para integração flexível e interdisciplinar dos três níveis das políticas institucionais da Universidade: Ensino, Extensão e Pesquisa. Neste processo, um aspecto importante é a flexibilidade curricular do curso de Bacharelado em Arqueologia que é garantida pelo componente curricular das Atividades Complementares e pelas disciplinas optativas que serão abordadas mais adiante. Por ora, cabe um breve detalhamento de cada um dos três níveis das políticas institucionais no contexto do Bacharelado em Arqueologia.

6.3.1. Políticas de Ensino

Como nas demais IFES, o ensino na UFOPA é desenvolvido nos níveis de graduação, pós-graduação (*lato sensu* e *stricto sensu*) e extensão. Independentemente do nível de ensino, o foco do ensino na instituição é a abordagem interdisciplinar, a flexibilidade curricular, a formação continuada e a mobilidade acadêmica.

O curso de Arqueologia foi estruturado em conformidade com os parâmetros curriculares nacionais, com o objetivo de formar cidadãos capazes de transformar a realidade social.

O Bacharelado de Arqueologia está dentro do Curso de Arqueologia vinculado ao Instituto de Ciências da Sociedade (ICS), seu percurso mínimo se faz em quatro (4) anos. Durante todo o desenvolvimento do curso procura-se incentivar os alunos a buscarem interagir com os outros institutos, através de disciplinas optativas livres e de projetos de pesquisa e extensão. Visto que estas três dimensões são essenciais para o bom desempenho do aluno durante seu percurso acadêmico e posteriormente.

A Ufopa oferece para os alunos indígenas oriundos do Processo Seletivo Especial Indígena (PSEI) a Formação Básica Indígena, regulamentada pela Resolução Nº 194, de 24 de abril de 2017, que corresponde ao processo de formação básica inicial em ensino superior. Essa formação tem a duração de dois semestres e contemplam conteúdos das áreas de Ciências Exatas, Ciências Humanas, Tecnologias e Letras – Língua Portuguesa, desenvolvidos por ações de ensino e extensão. O aluno indígena ingressante cumpre uma carga horária de 560h com o



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

objetivo de ampliar o conhecimento com vistas em promover a integração e permanência do aluno indígena e diminuir a retenção e a evasão universitária. Desde o ano de 2016, os alunos oriundos do PSEI são obrigados a cumprir essa formação básica antes de ingressar no curso para o qual foi aprovado. Ou seja, no ano de ingresso, o aluno indígena cumprirá a Formação Básica Indígena e ingressará efetivamente no curso para o qual foi aprovado apenas no ano seguinte. Com isso, o aluno indígena terá o seu prazo de integralização ampliado em um ano. Com essa política de ações afirmativas, a Ufopa pretende promover a integração e melhores condições para a permanência dos alunos indígenas que ingressam na Ufopa pelo Processo Seletivo Especial.

Outro conjunto de disciplinas se volta especificamente para os alunos indígenas e quilombolas que, desde o ano de 2017, passaram a ter um acompanhamento específico por meio de um conjunto de disciplinas Optativas Obrigatórias. Essas disciplinas, ofertadas pelos cursos de Antropologia e Arqueologia, são: “Laboratório de Textos Antropológicos e Arqueológicos I a IV”, pertencente ao PPC da Antropologia, e “Laboratório de Textos Arqueológicos e Antropológicos I a IV”, pertencente ao PPC de Arqueologia. A proposta surgiu em 2013 e foi aprimorada em 2017, tendo em vista uma série de discussões sobre a efetiva inserção dos alunos indígenas e quilombolas nos cursos de Antropologia e Arqueologia em termos de relações com outros discentes não indígenas e não quilombolas e grau de apreensão dos conteúdos específicos, dado as dificuldades por eles apresentadas devida à soma de sua origem sociocultural diferenciada – parte desses alunos não tendo o Português como língua materna, por exemplo – às debilidades dos contextos escolares aos quais tiveram acesso. No atual formato, os cursos de Antropologia e Arqueologia se alternam na oferta semestral dessa disciplina, que abriga os alunos indígenas e quilombolas de ambos os cursos. Desse modo, tais discentes têm a oportunidade de nelas se matricular em todos os semestres, e são ativamente incentivados pelas coordenações a fazê-los. Tais disciplinas se configuram como um espaço de estudos orientado por um professor, ora do curso de Antropologia ora do curso de Arqueologia com uma equipe de monitores-bolsistas e monitores-voluntários. Dentro de sala de aula, além de serem trabalhadas dúvidas e dificuldades gerais no âmbito do conhecimento acadêmico, o



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

professor responsável e a equipe de monitores provêm um acompanhamento qualificado do processo de aprendizado dos discentes indígenas e quilombolas nas demais disciplinas que cursam em dado semestre.

6.3.2. Políticas de Extensão

O curso de Arqueologia do Ufopa segue a Resolução nº 177, de 20/01/2017 do Regimento de Graduação e nela está contida as diretrizes das atividades de extensão, que fazem parte do percurso formativo acadêmico obrigatório do discente. De acordo com essa resolução:

“§ 1º As atividades de extensão se estruturam com base no princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, em conformidade com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, com o Plano Nacional de Educação e com o Plano Nacional de Extensão Universitária.

§ 2º Do total da carga horária exigida para a integralização do curso, devem ser assegurados, no mínimo, 10% do total de créditos curriculares para programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social, com base na Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014 – Plano Nacional de Educação (PNE)”.

As atividades de extensão não se distinguem sempre das outras atividades acadêmicas, mas se inserem no tripé da pesquisa, ensino e extensão. Assim, as atividades de extensão do curso de Arqueologia envolvem, principalmente, ações de articulação com a sociedade através da arte, educação e cultura e estão presentes tanto no processo de aprendizado dos alunos com os diferentes conhecedores e mestres da cultura regional quanto na extroversão dos conhecimentos produzidos dentro da academia por meio da elaboração e execução de projetos de formação de professores e educadores, projetos de desenvolvimento de materiais didáticos e, articulações com museus locais, projetos de valorização do patrimônio material e imaterial, entre outros.

Tendo em vista a multiplicidade de aspectos e saberes envolvidos, os programas e projetos de extensão realizados pelo Bacharelado, em parceria ou não com outros cursos da UFOPA, devem estimular e buscar propiciar aos alunos a participação em ações conjuntas com instituições públicas, entidades não governamentais, empresas e movimentos sociais.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

As atividades de extensão devem ser sempre orientadas por um docente e podem ser apoiadas pela UFOPA, conforme regras específicas da universidade para esse fim, ou por fontes financiadoras externas, desde que previamente aprovadas pelo ICS. Estimula-se que todos os docentes com projetos e programa de extensão os cadastrem na Pró-Reitoria de Comunidade, Cultura e Extensão, tenham eles carga horária alocada ou não. Essa Pró-Reitoria oferta, quando possível, bolsas voltadas para extensão para os discentes da instituição.

6.3.3. Políticas de Pesquisa

A pesquisa na UFOPA, associada ao ensino e à extensão, objetiva a produção e a difusão de conhecimentos científicos, tecnológicos, artísticos e culturais, que contribuam para a melhoria das condições de vida da sociedade, principalmente na região amazônica.

A iniciação à pesquisa é etapa fundamental do Bacharelado em Arqueologia e constitui a base em que o aluno constrói sua formação numa perspectiva integrada e conectada com os contextos sociais em que se insere e nos quais atuará após a conclusão do curso. Essa etapa, porém, não se efetua em períodos rigorosamente delimitados, mas em atividades continuadas de pesquisa.

Durante a Formação Graduada em Arqueologia, oferta-se aos alunos a possibilidade de integração e participação continuada em projetos de pesquisa sob orientação de seus professores, bem como oportunidades de experimentação de diferentes linhas de investigação científica no âmbito de disciplinas práticas e atividades em laboratórios.

Além daquelas decorrentes dos projetos individuais de pesquisadores, outras bolsas de Iniciação Científica podem ser concedidas aos alunos envolvidos com recursos próprios da UFOPA e externos. Entre elas, CNPq e Fapespa, entre outras fontes de financiamento contínuo ou eventual. Bolsas de Monitoria ofertadas pela Pró-Reitoria de Ensino e Graduação da UFOPA também oferecem aos alunos o contato com atividades de Ensino e Pesquisa (atividades laboratoriais de Curadoria Arqueológica, Análise de materiais e outras).

Paralelamente às atividades coordenadas dentro de um projeto de pesquisa específico, o laboratório de arqueologia promove estágios voluntários para iniciar os discentes nas atividades laboratoriais. Os materiais utilizados nessas atividades provêm das disciplinas



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

de campo e permitem que os alunos acompanhem todo o processo de análise do campo até o acondicionamento definitivo na reserva técnica.

6.4. QUADRO DOCENTE

Compõem o quadro docente do curso de bacharelado em arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará os docentes abaixo indicados, conforme titulação e regime de trabalho. Além dos docentes citados na tabela, todas as disciplinas oferecidas por professores de outros departamentos da UFOPA são consideradas optativas livres para os alunos do Bacharelado em Arqueologia.

NOME	TITULAÇÃO	REGIME	FUNÇÃO
Anne Rapp Py-Daniel	Doutorado	DE	Docente
Bruna Cigaran da Rocha	Doutorado	DE	Docente
Claide de Paula Moraes	Doutorado	DE	Docente
Camila Pereira Jácome	Doutorado	DE	Docente
Cinthia dos Santos Moreira Bispo	Mestrado	DE	Docente
Gabriela Prestes Carneiro	Doutorado	DE	Docente
Lilian Rebellato	Doutorado	DE	Docente
Myrtle Pearl Shock	Doutorado	DE	Docente
Myrian Leitão Barboza	Mestrado	DE	Docente
Raoni Bernardo Maranhão Valle	Doutorado	DE	Docente
Vinícius Eduardo Honorato de Oliveira	Mestrado	DE	Docente

6.5. ATIVIDADES DO CURSO

Com o intuito de contribuir para o desenvolvimento de ações voltadas para a efetiva



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

integração entre ensino, pesquisa e extensão, o curso de Bacharelado em Arqueologia vem construindo um conjunto de atividades básicas divididas em Atividades de Sala de aula, Atividades de campo, Atividades laboratoriais bem como, construiu-se uma tabela de orientação b para formulação e proposição de Atividades Complementares que detalharemos mais adiante (ver tabela no item 6.5.4.3).

6.5.1. Atividades de Sala de Aula

As atividades de caráter teórico são encampadas no transcorrer da maioria das disciplinas da estrutura do curso que tomam lugar nos espaços formais das salas de aula dentro das instalações prediais do ICS. As disciplinas apresentam carga horária integral de 60 horas ministradas, normalmente, em duas sessões semanais, três horas na primeira sessão e duas horas na segunda. As disciplinas são de caráter expositivo com auxílio de tecnologias audiovisuais, baseadas em bibliografias selecionadas para funcionarem como a linha mestra das exposições e discussões. A participação dos discentes é estimulada através de seminários e debates, trabalhos individuais e em grupo. Nestas atividades, a interpretação e leitura crítica dos textos são encorajadas e demandadas aos alunos. Ocasionalmente, a intervenção de outros profissionais da área pode ser acionada para enriquecimento de debates levantados em sala. As avaliações formais, baseadas em respostas dissertativas para questões derivadas do conteúdo programático também são utilizadas para observar o grau de apreensão dos alunos. Como estabelecido a seguir, pelo menos uma dessas atividades dissertativas deverá ser individual. Seguiremos os critérios estabelecidos pelo Regimento de Ensino de Graduação, como previstos pelos artigos 180 e 181:

Art. 180. Deve haver, para cada componente curricular, pelo menos 3 (três) avaliações obrigatórias e uma avaliação substitutiva. Parágrafo único. O discente só poderá ter consignada sua presença e ser submetido à verificação de aprendizagem em turma em que esteja regularmente matriculado.

Art. 181. A avaliação em segunda chamada realizar-se-á antes da avaliação substitutiva, ao longo do período e à qual o discente não tenha comparecido.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

Parágrafo único. Em casos excepcionais, justificando a ausência na avaliação de segunda chamada e comprovada a impossibilidade do discente de comparecer, fica garantido o direito a uma segunda avaliação de segunda chamada.

6.5.2. Atividades de Campo

As atividades de campo são essenciais para o profissional da Arqueologia tendo em vista a proeminente natureza *outdoor* de suas pesquisas. Isto é, a pesquisa de campo é a parte mais significativa e relevante da pesquisa arqueológica, pois os sítios arqueológicos constituem suas fontes primárias. A pesquisa arqueológica é realizada dentro dos sítios que estão no campo, ao ar livre, tanto no meio rural quanto urbano, nas suas transições e em zonas remotas de difícil acesso com baixa ou nenhuma densidade demográfica. Seja no interior do estado do Pará e fora de suas fronteiras, seja nas zonas metropolitanas ou em zonas florestais remotas, nestes espaços os alunos são apresentados ao seu principal objeto de estudo, o sítio arqueológico, e por isso, o “campo” se torna também “sala de aula”. No contexto amazônico, apesar dos sítios arqueológicos situados no interior do município de Santarém, a acessibilidade a alguns contextos arqueológicos é dificultada e a escala das distâncias é hiperdimensionada, situações que constituem um cuidado particular que deve ser tomado na formação dos alunos.

Duas disciplinas ofertadas no terceiro e no sexto período são exclusivamente voltadas para treinamento prático dos alunos em técnicas de trabalho de campo. O fato de um dos *Campi* e da Fazenda Experimental da Universidade estarem assentados em parte de grandes sítios arqueológicos pré-coloniais torna factível a frequência das atividades de campo como parte contínua da estrutura curricular do curso. Outras disciplinas, tanto obrigatórias quanto optativas, incluem saídas pontuais a campo, principalmente ao município de Monte Alegre onde há marcada concentração de sítios arqueológicos com pinturas rupestres, um contexto reconhecido internacionalmente. E, ainda que pontualmente, os alunos são estimulados a participar de pesquisas de campo de projetos dos docentes do curso e de pesquisadores associados, dentro ou fora do estado do Pará, a fim de enriquecer sua formação.

6.5.3. Atividades Laboratoriais

Após a etapa de campo, é no laboratório de Arqueologia que são realizadas as



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

análises dos materiais, atividades constitutivas da pesquisa arqueológica. No laboratório as coletas de campo se tornam dados de pesquisa. Para isso, os materiais são devidamente caracterizados, analisados, medidos, documentados, ordenados. Os dados produzidos a partir de tais análises se tornam bases que sustentam hipóteses de trabalho, artigos científicos, dissertações, teses. Portanto, as atividades de laboratório são complementares ao campo de sorte que sem as análises laboratoriais, o trabalho de campo perde seu sentido. Sem o laboratório, se perde, de fato, o conteúdo informativo do registro arqueológico. Nota-se que é possível fazer uma pesquisa arqueológica sem coleta de material em campo, apenas analisando material proveniente de coleções em laboratório, mas não é possível fazer campo sem laboratório. Entende-se que “escavar” um sítio arqueológico é, em partes, “destruir” uma parte dele, por isso, estudar e procurar obter o máximo de informações e interpretações de um contexto é um compromisso com o próprio patrimônio arqueológico. Esta relação entre as etapas da pesquisa deixa evidente que a etapa de campo é necessariamente dependente do laboratório, no sentido de que escavar sítios e não analisar laboratorialmente os materiais coletados se converte em um processo de destruição sistematizada do registro arqueológico. Assim, considerando o Laboratório como fase da pesquisa de importância capital, o curso apresenta uma série de disciplinas voltadas para análises laboratoriais de cada tipo de vestígio arqueológico encontrado nos sítios da região: cerâmica, lítico, ossos humanos, fauna, botânicos, etc.

O curso conta com duas instalações laboratoriais num dos *Campi* Universitários que paulatinamente vêm sendo adequadas para demandas laboratoriais mais exigentes e se configuram atualmente em espaços em que a maior parte das disciplinas de caráter analítico podem ser efetivadas satisfatoriamente, bem como, pesquisas dos docentes e discentes. Parcerias e convênios com outras instituições e projetos externos podem ser albergados desde que apresentem retorno à formação dos docentes e à própria Universidade.

6.5.4. Atividades Complementares

Atividades complementares são aquelas desenvolvidas sob a forma de programas, projetos, disciplinas, estágios, monitorias, cursos, eventos, prestação de serviços e produção, publicação e outros produtos acadêmicos relacionados às áreas de conhecimento que



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

contribuem para a formação do aluno no campo da Arqueologia.

6.5.4.1. Objetivos

Entre seus objetivos está a participação/atuação do aluno em atividades compartilhadas com vários segmentos da comunidade universitária, privilegiando ações integradas com as administrações públicas, em várias instâncias, e com as entidades da sociedade civil. As ações propostas e realizadas no âmbito da UFOPA devem ser coordenadas por um docente ou técnico-administrativo da Universidade, com nível superior e que desempenhe atividade na área de conhecimento da Atividade Complementar proposta. As atividades propostas e organizadas por discentes e docentes de outras instituições também serão aceitas como atividades complementares. Entretanto, deverão seguir os padrões dos projetos acadêmicos e devem ser previamente enviadas e avaliadas pelo docente, comissão ou técnico-administrativo responsável pelas atividades complementares da turma dentro do Curso de Arqueologia.

Todas as propostas e relatórios de Atividade Complementar devem ser devidamente analisados e aprovados pelo PAA e devem estar devidamente documentados. Vale informar que o Diretório Central dos Estudantes (DCE) e os Centros Acadêmicos também poderão propor Atividades Complementares, desde que sob a supervisão e coordenador de um professor da respectiva área de conhecimento e após aprovação da proposta pelo ICS.

6.5.4.2. Carga Horária

A carga horária total de Atividades Complementares (240 h) está distribuída ao longo dos semestres. A validação da carga horária será de acordo com a participação e a declaração/certificado/relatório apresentado. As horas serão contabilizadas ao final do curso.

Para integralização curricular dessas atividades, é necessário que um professor avalie as atividades complementares, que poderão ser de várias formas e realizadas em diferentes âmbitos, conforme descrito abaixo. Para a contabilização da carga horária na categoria eventos será necessário apresentar o programa do evento, além do certificado.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

6.5.4.3. Descrição das atividades complementares

A carga hora das atividades complementares deve ser dividido entre diferentes tipos de atividades.

Até 50% do total da carga horária poderá ser cumprido com atividades de pesquisa devidamente comprovadas: Participação em programas e projetos de pesquisa registrados na instituição e supervisionados por um professor orientador, com ou sem bolsa (até 20 horas); Atividades desenvolvidas no âmbito do Programa de Mobilidade Acadêmica Externa Temporária Nacional (até 20 horas); Atividades desenvolvidas no âmbito do Programa Mobilidade Acadêmica Externa Temporária Internacional (até 20 horas).

Ensino (até 120 horas total): Monitoria de disciplinas do PAA (até 20 horas); Disciplinas optativas na área de abrangência dos programas do ICS (até 20 horas); Disciplinas de áreas afins que possam acrescentar o conhecimento em um dos programas do ICS (até 20 horas); Disciplinas cursadas em outros institutos ou outras faculdades (até 20 horas); Cursos de língua estrangeira (reconhecido e certificado) (até 5 horas); Cursos e/ou minicursos em Arqueologia, Antropologia e áreas afins à formação do aluno, em instituições de ensino superior (IES) e eventos acadêmicos (congressos, seminários, encontros, etc.), com carga horária mínima de 20 h (até 10 horas); Cursos em Arqueologia, Antropologia e áreas afins à formação do aluno, em instituições de ensino superior (IES) e eventos acadêmicos (congressos, seminários, encontros, etc.), com carga horária mínima de 40 h (até 20 horas).

Eventos técnico-científicos, dentre as categorias a seguir (até 120 horas total): Coordenação de evento local (até 10 horas); Expositor em evento local (até 5 horas); Participante de evento local (até 5 horas); Coordenação de evento nacional (até 15 horas); Expositor em evento nacional (até 10 horas); Participante de evento nacional (até 5 horas); Coordenação de evento internacional (até 20 horas); Expositor (português) em evento internacional (até 10 horas); Expositor (outro idioma) em evento internacional (até 15 horas); Participante de evento internacional (até 5 horas); Participação em oficina(s) (até 5 horas).

Publicações (dentre as categorias abaixo, até 20 horas/semestre): Jornais, revistas, boletins eletrônicos, anais locais (até 5 horas); Jornais, revistas, boletins eletrônicos, anais



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

regionais (até 10 horas); Jornais, revistas, boletins eletrônicos, anais nacionais (até 15 horas); Jornais, revistas, boletins eletrônicos, anais internacionais (até 20 horas).

Até 50% do total da carga horária poderá ser cumprido com atividades de extensão devidamente comprovadas: Participação em um programa de extensão aprovado e reconhecido pela PROCCE/UFOPA (4 horas/semanais, até 20 horas/semestre).

Administração (até 120 horas total): Participação em órgão colegiado e/ou conselho deliberativo e/ou consultivo da instituição (até 10 horas/semestre); Trabalhos voluntários de apoio à Coordenação (até 10 horas/semestre).

Estágio (até 120 horas total): Estágio profissional na área de formação e afins (remunerado ou voluntário) (até 20hs). No caso de monitorias voluntárias no laboratório e em campo, elas poderão ser contabilizadas nessa rubrica.

Atividades não previstas neste documento serão avaliadas pelo Colegiado do curso mediante solicitação formal junto à secretária do PAA (até 10 horas/semestre).

Tabela de Distribuição da Carga Horária Complementar (240 horas)			
Áreas	Carga Horária Máxima	Atividades	Carga horária específica
Pesquisa	Até 120 h	Participação em programa ou projeto de pesquisas	Até 20 h/semestre
		Bolsa de Pesquisa	Até 20 h/semestre
		Mobilidade Acadêmica Nacional	Até 20 h
		Mobilidade Acadêmica Internacional	Até 20 h
Eventos técnico-científicos	Até 120 h	Coordenação de evento local	Até 10 h
		Participante de evento local	Até 5 h
		Expositor em evento local	Até 5 h
		Coordenação de evento nacional	Até 15 h
		Expositor em evento nacional	Até 10 h
		Participante de evento nacional	Até 5 h
		Coordenação de evento internacional	Até 20 h



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

		Expositor (português) em evento internacional	Até 10 h
		Expositor (outro idioma) em evento internacional	Até 15 h
		Participante de evento internacional	Até 5 h
		Participação em oficina(s)	Até 5 h
Publicações (dentre as categorias abaixo)	Até 120 h	Jornais, revistas, boletins eletrônicos, anais locais	Até 5 h
		Jornais, revistas, boletins eletrônicos, anais regionais	Até 10 h
		Jornais, revistas, boletins eletrônicos, anais nacionais	Até 15 h
		Jornais, revistas, boletins eletrônicos, anais internacionais	Até 20 h
Ensino	Até 120 h	Monitoria	Até 20 h
		Disciplinas em áreas de abrangência no ICS	Até 20 h
		Disciplina de áreas afins do ICS	Até 20 h
		Disciplinas cursadas em outros Institutos ou Instituições	Até 20 h
		Cursos de Língua Estrangeira	Até 5 h
		Cursos e/ou minicursos em Arqueologia, Antropologia e áreas afins à formação do aluno, em instituições de ensino superior (IES) com carga horária mínima de 20 h	Até 10 h
		Cursos em Arqueologia, Antropologia e áreas afins à formação do aluno, em instituições de ensino superior (IES) e eventos acadêmicos (congressos, seminários, encontros, etc.), com carga horária mínima de 40 h	Até 20 h
Eventos acadêmicos (congressos, seminários, encontros, etc.), com carga horária mínima de 20 h	Até 10 h		
Extensão	Até 120 h	Participação em um programa de extensão aprovado e reconhecido	Até 20



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

		pela PROCCE/UFOPA com 4 h/semanais	h/semestre.
Administração	Até 120 h	Participação em órgão colegiado e/ou conselho deliberativo e/ou consultivo da instituição	Até 10 h/semestre
		Trabalhos voluntários de apoio à Coordenação	Até 10 h/semestre.
Estágio	Até 120 h	Estágio profissional na área de formação e afins (remunerado ou voluntário)	Até 20 h/semestre

7. FORMA DE ACESSO AO CURSO

O acesso ao curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará ocorre de quatro formas:

7.1. PROCESSO SELETIVO VIA EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO (ENEM)

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) é denominado o Processo Seletivo Regular conforme determinado no Artigo 16 do Regimento de Graduação da UFOPA. O discente classificado no processo seletivo regular poderá habilitar-se a matricular-se em uma das vagas disponibilizadas pela UFOPA. No Processo Seletivo Regular, a UFOPA utiliza processo de cotas para candidatos oriundos de escolas públicas e pessoas com deficiência.

7.2. PROCESSO SELETIVO VIA MOBILIDADE EXTERNA

Este processo destina-se a candidatos portadores de diploma de curso superior de graduação, mediante existência de vagas remanescentes no processo seletivo principal e prova dissertativa.

7.3. PROCESSO SELETIVO VIA MOBILIDADE INTERNA

Através deste processo, graduandos da própria universidade que queiram mudar de



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

curso podem solicitar transferência. O deferimento está condicionado à existência de vaga e à análise do histórico escolar do candidato.

7.4. PROCESSO SELETIVO ESPECIAL

Trata-se de um processo de seleção direcionada para povos indígenas e quilombolas, realizado em duas fases: uma prova de língua portuguesa, na primeira e, uma entrevista na segunda. Esse processo passa por contínua avaliação e adequação por parte dos gestores da universidade, existindo a possibilidade de mudanças que são externas ao Curso de Arqueologia.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

8. REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DO PERFIL DE FORMAÇÃO

1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º
Introdução à Arqueologia 60h	Etnohistória 60h	Introdução à Prática de Campo em Arqueologia 120h	Pré-história Geral 60h	Bioarqueologia 60h	Prática de Campo em Arqueologia 120h	Projeto de Pesquisa 60h	TCC 120h
Introdução à Antropologia 60h	Teoria Antropológica I 60h		Arqueologia Histórica 60h	Introdução ao Estudo de Arte Rupestre 60h		Optativa 60h	
História da Amazônia 60h	História e Teoria da Arqueologia I 60h	História e Teoria da Arqueologia II 60h	Origens da Agricultura e Domesticação de Plantas 60h	Geoarqueologia 60h	Estatística Aplicada à Arqueologia 60h	Optativa 60h	Optativa 60h
	Arqueologia Brasileira 60h	Etnologia Indígena 60h	Arqueologia Amazônica 60h	Zoarqueologia 60h		Etnoarqueologia 60h	Optativa 60h
Curadoria e Classificação de Material Arqueológico 60h	Métodos e Técnicas em Arqueologia 60h	Análise de Material Cerâmico 60h	Optativa 60h	Optativa 60h	Análise de Material Lítico 60h	Optativa 60h	
240h	300h	300h	300h	300h	300h	300h	180h
Atividades Complementares distribuídas ao longo dos semestres							240h
Carga horária total do curso de Bacharelado em Arqueologia							2.460h



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

Componentes curriculares e atividades	Quantidade	Carga horária
Disciplinas Obrigatórias	26	1680h
Disciplinas Optativas	07	420h
Atividades Complementares		240h
Trabalho de Conclusão de Curso	01	120h
Carga Horária Total no Curso de Arqueologia:		2460h

Disciplinas Optativas Específicas do Curso de Arqueologia	Carga Horária
Análise de material ósseo	60h
Antropologia e arqueologia da guerra	60h
Arqueologia da paisagem	60h
Arqueologia das Américas	60h
Arqueologia experimental	60h
Arqueologia pública e do licenciamento ambiental	60h
Arqueologia Regional dos rios Tapajós e Trombetas	60h



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

Arte pré-colonial na Amazônia	60h
Caçadores-Coletores	60h
Contextos arqueológicos	60h
Cultura material	60h
Fundamentos dos SIG e GPS para arqueologia	60h
Geomorfologia amazônica	60h
Introdução à Anatomia Comparada e Preparação de Coleções Osteológicas	60h
Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS	60h
Paleoetnobotânica	60h
Povoamento da América	60h
Relações Étnico-raciais	60h
Seminários em Terras Pretas da Amazônia	60h
Sensoriamento remoto e arqueologia	60h
Técnicas de registro em arqueologia	60h
Técnicas de Registro Visual de Arte Rupestre	60h
Teoria Contemporânea da Arqueologia	60h
Terras pretas e terras mulatas: história, formação e uso	60h



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA

Tópicos Especiais em Análises Quantitativas e Qualitativas	60h
Tópicos Especiais em Arqueologia Histórica	60h
Cartografia	60 h
Laboratório de Textos Arqueológicos e Antropológicos I (Específica para alunos indígenas e quilombolas)	60 h
Laboratório de Textos Arqueológicos e Antropológicos II (Específica para alunos indígenas e quilombolas)	60 h
Laboratório de Textos Arqueológicos e Antropológicos III (Específica para alunos indígenas e quilombolas)	60 h
Laboratório de Textos Arqueológicos e Antropológicos IV (Específica para alunos indígenas e quilombolas)	60 h
Laboratório de Textos Antropológicos e Arqueológicos I (Específica para alunos indígenas e quilombolas)	60 h
Laboratório de Textos Antropológicos e Arqueológicos II (Específica para alunos indígenas e quilombolas)	60 h
Laboratório de Textos Antropológicos e Arqueológicos III (Específica para alunos indígenas e quilombolas)	60 h
Laboratório de Textos Antropológicos e Arqueológicos IV (Específica para alunos indígenas e quilombolas)	60 h

* Além das disciplinas optativas ofertadas pelo Bacharelado em Arqueologia e Antropologia, são consideradas como optativas livres todas as disciplinas oferecidas na UFOPA, mesmo em outros institutos.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

9. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

9.1. REFERENCIAIS NORMATIVOS

De acordo com os regulamentos internos da UFOPA (Resolução n. 27 de 08/10/2013), entende-se por avaliação de aprendizagem o processo de apreciação e julgamento do rendimento acadêmico dos discentes, com o objetivo de acompanhar, diagnosticar e melhorar o processo de ensino e aprendizagem, bem como a habilitação do discente em cada componente curricular.

9.2. OBJETIVOS DA AVALIAÇÃO

A avaliação da aprendizagem na UFOPA tem como objetivos: I - verificar o nível de aprendizagem dos discentes; II - averiguar a aquisição conceitual, teórica e prática dos conteúdos programáticos ministrados durante os períodos letivos; III - incentivar o hábito e a prática diuturna de trabalho no processo ensino-aprendizagem; IV - mensurar quantitativamente, através do Índice de Desempenho Acadêmico (IDA), o desempenho de cada discente; V - conferir o domínio das habilidades e competências previstas nos projetos pedagógicos de cada unidade e subunidade.

9.3. ATRIBUIÇÕES DO DOCENTE

Para fins de avaliação da aprendizagem cabe ao docente: I - apresentar a sua turma, no início do período letivo, os critérios de avaliação da aprendizagem conforme o plano de ensino referendado em reunião semestral de planejamento da unidade, ou subunidade, responsável pelo componente curricular no semestre em curso; II - discutir os resultados de cada avaliação parcial com a turma, garantindo que esse procedimento ocorra antes da próxima verificação da aprendizagem; III - fazer o registro eletrônico da nota final, de acordo com as orientações da Diretoria de Registro Acadêmico, da Pró-Reitoria de Ensino (DRA/PROEN), no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) da UFOPA, em prazo estabelecido no Calendário Acadêmico.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

9.4. COMPONENTES CURRICULARES

Os componentes curriculares, em cada período curricular, serão apreciados através de, pelo menos, três avaliações e uma avaliação substitutiva, esta última de caráter optativa para o discente e envolvendo todo o programa do componente. Pelo menos uma das três avaliações supracitadas deverá ser individual. Considerar-se-á aprovado no componente curricular, o discente que obtiver nota final igual ou superior a 6,0 (seis vírgula zero) e frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento).

O discente com nota final inferior a 6,0 ao final do processo de avaliação entrará em regime de dependência em relação ao componente curricular, para fins de integralização curricular.

Em caso de falta à avaliação em componente curricular, por impedimento legal, doença grave atestada por serviço médico de saúde e caso fortuito, devidamente comprovado nos termos da lei, o discente deve protocolar na secretaria responsável pelo componente curricular o requerimento para avaliação de segunda chamada ao docente, no período de 48h.

A avaliação substitutiva constitui oportunidade opcional, igualmente oferecida a todos os discentes, no sentido de substituir uma das notas das três avaliações do componente curricular à qual ela se referir. Exceto nas disciplinas de prática de campo, nas quais, todas as atividades são imprescindíveis e insubstituíveis para a aprovação do discente.

O discente reprovado em qualquer componente curricular entrará automaticamente em regime de dependência e deverá regularizar seus estudos para efeito de integralização de seu percurso acadêmico.

9.4.1 – Aproveitamento de Disciplinas

O aproveitamento de componentes curriculares cursados em outros cursos da UFOPA ou em outras instituições de ensino superior serão avaliados pelo Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Bacharelado em Arqueologia mediante solicitação do interessado através de requerimento protocolado na Secretaria Acadêmica do ICS. Por conta das constantes atualizações pelas quais a arqueologia vem passando, poderão ser aproveitadas disciplinas cursadas nos últimos 5 (cinco) anos. O conteúdo e carga horária das disciplinas devem ser



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

equivalentes ou superiores ao do componente para o qual se está solicitando equivalência. No caso de não equivalência as disciplinas só poderão ser aproveitadas como optativas. O número máximo de carga horária permitida para aproveitamento é de 300 horas. Casos especiais, como por exemplo, de alunos que tenham cursado parcialmente uma graduação em Arqueologia em outra instituição e tenham ingressado na UFOPA via ENEM serão avaliados pelo NDE.

9.5. ÍNDICE DE DESEMPENHO ACADÊMICO

O Índice de Desempenho Acadêmico (IDA) é o instrumento dinâmico que expressa numericamente o desempenho do discente em cada período curricular e será computado até a quarta casa decimal. As avaliações, em cada componente curricular, deverão, necessariamente, ser representadas através de valor numérico, entre zero (0) e dez (10,000), de modo a poderem ser computadas no IDA, inclusive aquelas de cunho qualitativo.

10. TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO (TCC)

10.1. ASPECTOS GERAIS

O curso de Arqueologia está em acordo com a Resolução n. 177, de 20 janeiro de 2017, que trata do Regimento de Ensino de Graduação Resolução nº 27, da Universidade Federal Oeste do Pará. Neste documento estão dispostas as normas gerais sobre o trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O TCC é uma atividade curricular obrigatória e condicionante para obtenção do título de Bacharel em Arqueologia.

No Curso de Bacharelado em Arqueologia o TCC será desenvolvido através das disciplinas Projeto de Pesquisa (60 h) e TCC (120 h), totalizando uma carga horária de 180 horas. Por meio de atividades de pesquisa estimuladas e praticadas ao longo de todo o curso, em disciplinas teóricas e práticas, bem como em atividades complementares, o formando tem no TCC a oportunidade de consolidar, sob orientação sistemática de um docente, a partir do oitavo semestre, com a carga-horária de 120 horas, os conhecimentos adquiridos e produzidos no âmbito de suas investigações sobre um determinado tema.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

10.2. FORMATO DO TCC

Um trabalho do tipo “Monografia” contendo Introdução, Desenvolvimento, Resultado, Discussão, Conclusão e Bibliografia deverá ser elaborado pelo discente. A quantidade mínima de páginas é 30 e a máxima é de 100 páginas incluindo bibliografia, quantidades inferiores ou superiores deverão ser discutidas previamente com o orientador. Não há limite de número de páginas para os anexos. A fonte deve ser Times New Roman ou Arial, o tamanho 12 e o espaçamento 1,5. O formato de bibliografia e regras gerais de estruturação do texto científico devem seguir as normas da ABNT mais recentes.

10.2.1. TCC Audiovisual

Abre-se a possibilidade de conclusão do curso com apresentação de um trabalho final em formato audiovisual (vídeo e som) para os estudantes que tiverem interesse, em especial àqueles provenientes de sociedades de tradição oral (como povos indígenas bilíngues e quilombolas), que apresentem reconhecidos problemas de expressão com a língua portuguesa escrita. O formato específico deste trabalho de conclusão audiovisual será definido caso a caso em estreita combinação entre orientador, orientando, comissão de supervisão de TCC e colegiado. Guardando-se a possibilidade de diversidade nas estratégias de organização e apresentação das informações audiovisuais no conteúdo de cada trabalho.

10.3. ORIENTAÇÃO

Os Trabalhos de Conclusão de Curso são preferencialmente orientados e supervisionados por docentes do curso de Arqueologia, ou, em casos devidamente justificados, por docentes de áreas afins, desde que essa indicação seja aprovada em instância colegiada do curso. A seleção do tema do TCC é de escolha do discente, estando condicionada à disponibilidade dos docentes para orientação. Fica resguardada a possibilidade de composição de co-orientações com docentes vinculados a outros cursos, desde que o desenvolvimento de abordagem científica sobre os temas focados nos trabalhos assim permita.

10.4. SUPERVISÃO E DEFESA DO TCC

O TCC realizar-se-á em um dos campos do conhecimento do curso, com base em



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

proposta do discente, com a concordância do seu orientador. Ele somente deverá ser apresentado, a partir do cumprimento pelo menos de 80% (oitenta por cento) dos componentes curriculares. As atribuições do orientador serão: acompanhar no decorrer do semestre o andamento dos trabalhos, bem como fazer cumprir com os prazos estabelecidos para a entrega, além de organizar a composição das bancas e os dias de apresentação dos TCCs.

O aluno deve preencher o formulário de cadastramento da monografia junto à Secretaria da coordenação do curso com, pelo menos, 30 dias de antecedência da defesa. Para fins de avaliação e integralização curricular, o TCC será no formato de monografia, com apresentação oral, em sessão pública, e será submetido a uma banca composta pelo professor orientador e por mais dois membros docentes, dos quais pelo menos um deverá ser obrigatoriamente vinculado ao Curso de Bacharelado em Arqueologia, sendo facultado o convite a um membro externo, se a situação o ensejar e se o convite for fundamentado de acordo com disposições específicas.

No dia da defesa, o aluno terá que retirar na Secretaria do curso as declarações de participação dos docentes e a ata de defesa que deverá ser assinada por todos os membros da banca, na qual consta a nota final atribuída ao aluno. A versão final do TCC deverá ser entregue ao Colegiado da Unidade Acadêmica em mídia impressa e duas cópias digitais em PDF, a fim de compor o banco de TCC no prazo máximo de 30 dias após a defesa, conforme a Resolução de Resolução n. 177, de 20 janeiro de 2017. A entrega da versão definitiva do TCC deverá seguir as diretrizes estabelecidas pelo Sistema Integrado de Bibliotecas (SIB).

11. ESTÁGIO CURRICULAR

A iniciação profissional no âmbito de estágios supervisionados é estimulada no Curso de Bacharelado em Arqueologia, e é altamente recomendável ao discente que realize experiências de trabalho junto a centros de pesquisa, instituições de ensino, centros de cultura e memória, órgãos públicos, organizações não governamentais, movimentos sociais, empresas e outros ambientes que apresentem oportunidades de exercício e aprimoramento profissionais.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**

No entanto, não há determinação de estágio obrigatório como parte da formação do discente, tendo em vista a natureza plural e a multiplicidade das formas de realização do exercício científico do arqueólogo.

Quando ocorrer, o estágio deve ser realizado em função e responsabilidade compatível com o nível de formação do discente, e este deve ser necessariamente acompanhado por profissional qualificado no local de estágio, respeitando-se os princípios éticos de trabalho.

Dentro da UFOPA, cabe ao Núcleo de Estágio do Instituto de Ciências da Sociedade, o acompanhamento e a avaliação dos estágios desenvolvidos pelos discentes do Bacharelado em Arqueologia.

12. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO DO CURSO

12.1. REFERENCIAIS NORMATIVOS

O sistema de avaliação do projeto do curso de Arqueologia deve ser compreendido como um processo dinâmico, que exige mediação pedagógica permanente e deve estar pautado conforme o documento denominado Instrumento de Avaliação dos Cursos de Graduação, do Ministério da Educação (MEC, 2008). Neste sentido é necessário criar mecanismos para rever periodicamente os instrumentos e procedimentos de avaliação, de modo a ajustá-los aos diferentes contextos e situações que se apresentam no cenário da educação superior e torná-los elementos balizadores. O sistema de avaliação do projeto do curso ainda terá como parâmetro os procedimentos gerais adotados pela Universidade Federal Oeste do Pará e pelo Instituto de Ciências da Sociedade, onde o Curso de Arqueologia está lotado.

12.2. MECANISMOS DE AVALIAÇÃO

O curso deve ser avaliado em relação à estrutura curricular, atuação dos docentes, desempenho dos discentes, entre outros fatores que podem constituir mecanismos específicos de avaliação.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

12.2.1. Projeto Pedagógico do Curso

Quanto à avaliação da estrutura curricular, o instrumento indicador compreende o próprio Projeto Político Pedagógico (PPC) e por isso, destacamos, a importância do processo de construção do PPC como mecanismo de organização, planejamento e avaliação do processo educativo. Por sua natureza de projeto, prevê mecanismos continuados de avaliação e revisão, de modo a permitir a recondução dos fatos e atos quando ela se mostrar necessária para a consecução dos objetivos plenos do Curso. O curso de Arqueologia realiza reuniões periódicas mensais do Núcleo Docente Estruturante (NDE), onde é possível construir de maneira processual a avaliação diagnóstica de modo a subsidiar a (re) construção do PPC e conseqüentemente, do curso de bacharelado em Arqueologia.

12.2.2. Parâmetros para Avaliação Continuada

Entre os pontos para a avaliação continuada, semestral e anual do curso, de natureza quantitativa e qualitativa, deve-se considerar, por exemplo: índice de evasão, índice de retenção, tempo médio de formação do aluno, produtividade científica dos discentes, grau de satisfação com o curso e das próprias disciplinas. Esses fatores, entre outros, são tomados como parâmetros para aferição de desempenho e comparados com as condições objetivamente criadas e aquelas prospectadas para desenvolvimento do curso a partir deste Projeto Político Pedagógico. Os resultados da análise comparativa indicarão pontos sujeitos a revisão, a necessidade e os rumos de reconstrução do PPC. Assim, a avaliação do Projeto Pedagógico deve ser considerada como uma ferramenta construtiva visando contribuir para a implementação de melhorias e inovações que permitam identificar possibilidades, orientar, justificar, escolher e tomar decisões no âmbito da vida acadêmica de alunos, professores e funcionários.

12.2.3. Avaliação do Quadro Docente

Além da estrutura curricular que está intrinsecamente ligada ao PPC e a atuação do Núcleo Docente Estruturante (NDE), outro ponto a ser avaliado é o recurso humano que compõe o quadro de docentes do curso de Arqueologia. Estes serão avaliados em relação a:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

formação e titulação; planos acadêmicos; atividades de pesquisa; atividades de extensão; publicações; desempenho; capacitação e habilidade profissional; assiduidade; pontualidade; cumprimento do conteúdo programático; recursos e materiais didáticos utilizados; atividades administrativas; projetos com financiamento aprovados; comportamento ético dentro de sala de aula; etc.

12.2.4. Avaliação do Quadro Docente

Outro item é a avaliação do rendimento docente que segue os preceitos e normas internas da UFOPA, como por exemplo, o Índice de Desempenho Acadêmico (IDA), bem como, outras ferramentas que estão ancoradas na gestão participativa da coordenação do curso que desempenha papel de mediação e articulação na relação entre professor, aluno e funcionário. O curso de Arqueologia realiza mensalmente reunião de colegiado com representação dos estudantes e ainda, semestralmente, reunião com os docentes com o intuito de melhorar a atuação e a comunicação com a coordenação do curso e, conseqüentemente, com os professores do curso.

Outros pontos que devem ser considerados na avaliação em relação ao docente são: desempenho dos docentes em atividades externas (congressos, projetos de iniciação científica, projetos de extensão, atividades de campo); frequência; evasão, etc. Ainda em se tratando do docente, há que considerar como ponto de diagnóstico o índice de aprovação de egressos em programas de pós-graduação e concursos ou entrada no mercado de trabalho, tendo a clareza de criar outros instrumentos e mecanismos que propiciem o acompanhamento na consolidação do perfil do egresso.

12.2.5. Outros Instrumentos

A avaliação do Projeto Pedagógico do curso também considerará os resultados dos elementos do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) bem como os resultados da avaliação interna, tendo em vista o fornecimento de relatórios pela Comissão Própria de Avaliação (CPA).



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

13. RECURSOS HUMANOS

13.1. ORGANIZAÇÃO ACADÊMICO-ADMINISTRATIVA

13.1.1. Secretaria Acadêmica

As atividades referentes ao controle e registro dos diversos aspectos relacionados aos discentes do curso de Arqueologia da UFOPA, matrícula e registro dos estudantes, lançamento de notas, emissão de histórico e extratos, programas de disciplinas, inscrições no ENADE, recepção e encaminhamento de requerimentos, entre outras, são realizadas na secretaria Acadêmica do Instituto de Ciências da Sociedade. Quando os discentes concluem o curso a secretaria acadêmica encaminha os nomes dos discente que integralizaram seu currículo acadêmico para a Diretoria de Registro Acadêmico para confecção de diplomas.

13.2. DOCENTES

Período	Disciplinas Obrigatórias	Professores
1º	Introdução à Antropologia	Todos os docentes do curso de Antropologia
1º	Introdução à Arqueologia	Todos os docentes do curso de Arqueologia
1º	Curadoria e classificação de material arqueológico	Bruna Cigaran da Rocha, Camila Pereira Jácome Claide de Paula Moraes, Myrtle Pearl Shock,
1º	História da Amazônia	Cinthia dos Santos Moreira, Lucybeth Camargo de Arruda
2º	Etnohistória	Cinthia dos Santos Moreira, Lucybeth Camargo de Arruda
2º	Teoria Antropológica I	Raiana Ferrugem Mendes Luciana Barroso França, Florêncio Almeida Vaz Filho, Luciana Gonçalves de Carvalho, Eduardo Soares Nunes, Miguel Aparício Suárez



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

2º	História e Teoria da Arqueologia I	Camila Pereira Jácome, Myrtle Pearl Shock, Vinicius Eduardo Honorato de Oliveira
2º	Métodos e Técnicas em Arqueologia	Anne Rapp Py-Daniel, Claide de Paula Moraes, Lilian Rebellato, Myrtle Pearl Shock, Raoni Bernardo Maranhão Valle, Vinicius Eduardo Honorato de Oliveira
2º	Arqueologia Brasileira	Camila Pereira Jácome, Claide de Paula Moraes
3º	Introdução à Prática de Campo em Arqueologia	Todos os docentes do curso de Arqueologia
3º	História e Teoria da Arqueologia II	Camila Pereira Jácome, Myrtle Pearl Shock, Vinicius Eduardo Honorato de Oliveira
3º	Etnologia Indígena	Luciana Barroso França, Lucybeth Camargo de Arruda
3º	Análise de Material Cerâmico	Bruna Cigaran da Rocha Camila Pereira Jácome Claide de Paula Moraes
4º	Optativa	
4º	Pré-história Geral	Anne Rapp Py-Daniel Gabriela Prestes Carneiro
4º	Arqueologia Histórica	Cinthia dos Santos Moreira
4º	Origem da agricultura e domesticação de plantas	Myrtle Pearl Shock Myrian Sá Leitão Barbosa,
4º	Arqueologia Amazônica	Anne Rapp Py-Daniel, Bruna Cigaran da Rocha, Camila Pereira Jácome, Claide de Paula Moraes, Gabriela Prestes Carneiro, Lilian Rebellato, Myrtle Pearl Shock, Vinicius Eduardo Honorato de Oliveira
5º	Bioarqueologia	Anne Rapp Py-Daniel, Myrtle Pearl Shock
5º	Introdução aos Estudos de Arte Rupestre	Raoni Bernardo Maranhão Valle Cinthia dos Santos Moreira
5º	Geoarqueologia	Lilian Rebellato



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

		Myrtle Pearl Shock
5°	Zoarqueologia	Gabriela Prestes Carneiro, Myrtle Pearl Shock
5°	Optativa	
6°	Prática de Campo em Arqueologia	Todos os docentes do curso de Arqueologia
6°	Estatística Aplicada à Arqueologia	Myrian Sá Leitão Barbosa, Myrtle Pearl Shock
6°	Etnoarqueologia	Raoni Bernardo Maranhão Valle Camila Pereira Jácome
6°	Análise de Material Lítico	Claide de Paula Moraes Vinicius Eduardo Honorato de Oliveira
7°	Projeto de Pesquisa	Todos os docentes do curso de Arqueologia
7°	Optativa	
8°	TCC	Todos os docentes do curso de Arqueologia
8°	Optativa	

Disciplinas Optativas oferecidas pelos professores dos Cursos de Arqueologia e Antropologia

Período	Disciplina Optativas	Professores
1°	Laboratório de Textos Arqueológicos e Antropológicos I	Camila Jácome
2°	Laboratório de Textos Antropológicos e Arqueológicos I	Eduardo Soares
3	Laboratório de Textos Arqueológicos e Antropológicos II	Vinicius Honorato de Oliveira
4°	Antropologia na Amazônia	Florêncio Almeida Vaz Filho, Lucybeth Camargo de Arruda
4°	Arqueologia Experimental	Claide de Paula Moraes, Raoni Bernardo Maranhão Valle



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

4º	Cinema e Antropologia	Luciana Barroso Costa França
4º	Estudos Afro-Brasileiros	Carla Ramos
4º	Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS	ICED
4º	Teoria Antropológica II	Carla Ramos
4º	Teoria Sociológica I	Carla Ramos
4º	Terras Pretas e Terras Mulatas, História de Formação e Uso	Lilian Rebellato
4º	Laboratório de Textos Antropológicos e Arqueológicos II	Miguel Aparício
5º	Cultura material	Camila Pereira Jácome, Cinthia dos Santos Moreira Bispo
5º	Educação Indígena	Luciana Barroso Costa França
5º	Estudos Afro-Brasileiros II	Carla Ramos
5º	Métodos Quantitativos e Qualitativos	Myrtle Pearl Shock
5º	Perspectivismo Ameríndio	Luciana Barroso Costa França
5º	Seminários em Terras Pretas	Lilian Rebellato
5º	Sociedades Camponesas	Diego Amoedo
5º	Técnicas de Registro Visual de arte Rupestre	Raoni Bernardo Maranhão Valle
5º	Teoria Antropológica III	Luciana Barroso Costa França
5º	Teoria Sociológica II	Florêncio Almeida Vaz Filho
5º	Laboratório de Textos Arqueológicos e Antropológicos III	Bruna Rocha
6º	Antropologia Econômica	Professor a definir
6º	Antropologia no Brasil	Lucybeth Camargo de Arruda
6º	Antropologia Política	Diego Amoedo
6º	Fundamentos dos SIG e GPS para arqueologia	Lilian Rebellato
6º	Gênero, Política e Sexualidade	Carla Ramos
6º	Introdução à Anatomia Comparada e Preparação de Coleções Osteológicas	Gabriela Prestes Carneiro
6º	Narrativas Etnográficas	Luciana Gonçalves de Carvalho



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

6°	Relações Étnico-Raciais	Carla Ramos
6°	Teoria Antropológica IV	Florêncio Almeida Vaz Filho
6°	Laboratório de Textos Antropológicos e Arqueológicos III	Florêncio Almeida Vaz Filho
7°	Antropologia da Religião	Florêncio Almeida Vaz Filho
7°	Antropologia e arqueologia da guerra	Claide de Paula Moraes, Helena Schiel
7°	Contextos Arqueológicos	Anne Rapp Py-Daniel, Claide de Paula Moraes, Vinicius Eduardo Honorato de Oliveira
7°	Antropologia e História	Lucybeth Camargo de Arruda
7°	Antropologia Urbana	Diego Amoedo
7°	Antropologia Visual	Lucybeth Camargo de Arruda
7°	Arqueologia da paisagem	Myrtle Pearl Shock
7°	Arqueologia das Américas	Camila Pereira Jácome, Myrtle Pearl Shock
7°	Arqueologia pública e do licenciamento ambiental	Bruna Cigaran Rocha, Camila Pereira Jácome, Cinthia dos Santos Moreira Bispo
7°	Arqueologia regional dos rios Tapajós-Trombetas	Bruna Cigaran Rocha, Camila Pereira Jácome
7°	Arte pré-colonial na Amazônia	Raoni Bernardo Maranhão Valle
7°	Caçadores Coletores	Myrian Sá Leitão Barbosa, Vinicius Eduardo Honorato de Oliveira
7°	Museus, Coleções e Conhecimento	Luciana Gonçalves de Carvalho
7°	Paleoetnobotânica	Myrtle Pearl Shock
7°	Povoamento da América	Claide de Paula Moraes, Myrtle Pearl Shock
7°	Redação de Textos Técnicos e Científicos	Florêncio Almeida Vaz Filho
7°	Técnicas de registro em arqueologia	Bruna Cigaran Rocha, Camila Pereira Jácome Claide de Paula Moraes,



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

		Myrtle Pearl Shock, Vinicius Honorato de Oliveira,
7º	Análise de Material ósseo	Gabriela Prestes Carneiro Anne Rapp Py-Daniel
7º	Paleoetnobotânica	Myrtle Pearl Shock
7º	Teoria Contemporânea da Arqueologia	Camila Pereira Jácome, Myrtle Pearl Shock
7º	Tópicos Especiais em Arqueologia Histórica	Cinthia dos Santos Moreira Bispo
7º	Tópicos Especiais em Análises Quantitativas e Qualitativas	Myrtle Pearl Shock, Myrian Sá Leitão Barbosa
7º	Laboratório de Textos Arqueológicos e Antropológicos IV	Camila Jácome
8º	Laboratório de Textos Antropológicos e Arqueológicos IV	Lucybeth Arruda
8º	Geomorfologia Amazônica	Lilian Rebellato, Vinicius Honorato de Oliveira
8º	Sensoriamento Remoto e Arqueologia	Lilian Rebellato

14. COMPOSIÇÃO DO NDE - NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

NOME	TITULAÇÃO	REGIME	FUNÇÃO
Anne Rapp Py-Daniel	Doutorado	DE	Docente
Bruna Cigaran da Rocha	Doutorado	DE	Docente
Claide de Paula Moraes	Doutorado	DE	Docente
Camila Pereira Jácome	Doutorado	DE	Docente
Cíntia dos Santos Moreira Bispo	Mestrado	DE	Docente
Gabriela Prestes Carneiro	Doutorado	DE	Docente



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

Myrtle Pearl Shock	Doutorado	DE	Docente
Myrian Leitão Barboza	Mestrado	DE	Docente
Raoni Bernardo Maranhão Valle	Doutorado	DE	Docente
Vinícius Eduardo Honorato de Oliveira	Mestrado	DE	Docente

15. INFRAESTRUTURA

O curso de bacharelado em Arqueologia está sediado no Instituto de Ciências da Sociedade.

15.1. ESPAÇO PARA A COORDENAÇÃO

Na atual estrutura administrativa da UFOPA, o curso de bacharelado em Arqueologia está vinculado ao Programa de Antropologia e Arqueologia (PAA), dentro do qual há dois coordenadores do curso, o coordenador(a) do bacharelado em Arqueologia e o coordenador(a) do bacharelado em Antropologia. Para o exercício de suas funções o coordenador do curso dispõe de uma sala com cerca de 10m², equipada com três mesas, três cadeiras, dois computadores e um armário.

Para auxiliar em suas funções o coordenador do curso conta com um técnico administrativo, que trabalha em tempo integral em sala da secretária do PAA com 10 m² que é dividida com o técnico administrativo do curso de Antropologia. O atendimento à coordenação e aos professores está concentrado na sala da secretaria do PAA. O atendimento aos alunos está concentrado na secretária acadêmica do Instituto de Ciências da Sociedade e na secretária do PAA. A sala da secretária do PAA possui condições de iluminação, acústica, ar refrigerado e comodidade adequadas. O acesso às instalações é feito por escadas e elevadores.

15.2. SALAS DE PROFESSORES

Atualmente, os docentes do curso de Arqueologia contam com duas salas de



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

professores de uso compartilhado entre o curso de bacharelado em Antropologia e Arqueologia. O curso de Antropologia tem 11 docentes e o curso de Arqueologia tem 11 docentes, totalizando 22 docentes no Curso de Arqueologia:

1- Uma sala de cerca de 11 m², com capacidade máxima para 4 docentes, no limite da operacionalidade.

2- Uma sala de cerca de 30 m², com capacidade máxima para 9 docentes, no limite da operacionalidade.

As salas estão equipadas com mesas, cadeiras, computadores e armários, destinados coletivamente para os docentes.

Para o acesso às instalações, conta-se com escadas e elevadores.

Os professores que não estão diretamente vinculados ao PAA utilizam os espaços dos seus cursos e institutos de origem.

15.3. SALAS DE AULA

Alunos e professores do curso de Arqueologia contam com três salas para aulas, que são usadas de forma compartilhada com os outros cursos que constituem o ICS, sendo que seu uso pelo curso ocorre nos períodos da manhã e da tarde, estando reservadas no turno da noite e aos sábados aos outros cursos.

As salas estão equipadas com data-show e apresentam condições de conservação, limpeza, iluminação, acústica e refrigeração no limite do adequado. O acesso às instalações é feito por escadas e elevadores.

15.4. LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA

A instituição oferece acesso à informática no primeiro andar do prédio, onde funciona um laboratório de informática, com 65, 4m² com capacidade para 25 alunos. Os dias de funcionamento são de segunda a sexta-feira, e os horários de atendimentos aos discentes ocorrem em dois (02) turnos: matutino e vespertino. O laboratório pode ser utilizado também aos sábados, mediante reserva e presença de um docente da instituição. O laboratório é de uso compartilhado. Nos vinte um (21) computadores, os alunos contam com sistema Linux e



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

Microsoft. O Curso de Arqueologia possui máquina fotográfica, filmadora, notebooks, gravadores de audio e aparelhos de data show que são disponibilizados para os professores e alunos para viagem de trabalho de campo e quando necessário para o uso em sala de aula. A instituição também oferece acesso à informática aos discentes, junto à Biblioteca do Campus Rondon. Os dias de funcionamento são de segunda a sexta-feira, e os horários de atendimentos aos discentes ocorrem nos três (03) turnos de funcionamento da instituição: matutino, vespertino e noturno. Além disso, a comunidade acadêmica dispõe de acesso à rede Wi-Fi em todos *campi* (Amazônia, Tapajós e Rondon). Através do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas – SIGAA – o estudante pode acompanhar seu percurso acadêmico, tendo acesso às suas informações cadastrais, histórico acadêmico, disciplinas matriculadas, rendimento, entre outros.

15.5. BIBLIOGRAFIA DO CURSO

As disciplinas oferecidas no curso de Bacharelado em Arqueologia possuem bibliografia básica e complementar. O conteúdo da bibliografia do curso de Bacharelado em Arqueologia pode ser consultado no anexo 01.

A atualização do acervo da biblioteca é solicitada pelo NDE do curso de acordo com as demandas dos professores de cada componente curricular. Por se tratar de um curso ainda em fase de implantação, o acervo bibliográfico está sendo adquirido conforme a evolução do percurso acadêmico dos estudantes e também, de acordo com a política administrativa das esferas superiores da UFOPA. Todas as atualizações de conteúdos curriculares realizadas em nível de NDE do bacharelado de Arqueologia são enviadas anualmente na forma de lista de bibliografias para a direção da Biblioteca realizar a compra.

15.6. PERIÓDICOS ESPECIALIZADOS

O curso indica artigos de periódicos especializados na bibliografia básica e complementar em alguns componentes curriculares (Anexo 01), sobretudo dos periódicos que estão disponíveis online, entre eles, a biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

de periódicos científicos brasileiros, a Scientific Electronic Library Online – SciELO. O Curso de Arqueologia bem como a UFOPA utiliza o Portal de Periódicos, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que dispõe de uma biblioteca virtual que conta com um acervo de mais de 35 mil títulos com textos completos, cerca de 130 bases referenciais, 11 bases dedicadas exclusivamente a patentes, além de livros, enciclopédias e obras de referência, normas técnicas, estatísticas e conteúdo audiovisual. Os professores do Curso de Arqueologia também utilizam das bibliotecas digitais de Teses e Dissertações de várias instituições de ensino superior em que há pós-graduação strictu sensu consolidadas no País, entre elas, (USP, UNICAMP, UFRJ, UFPA, UNB, UNESP etc.).

15.7. LABORATÓRIOS DIDÁTICOS

Atualmente a Universidade Federal do Oeste do Pará possui o Laboratório de Arqueologia Curt Nimuendajú dividido em 2 espaços físicos, um menor e mais antigo com infraestrutura mais modesta (Laboratório 1) e outro maior reformado em 2012 e 2017 (Laboratório 2). Ambos estão localizados no campus Tapajós. O laboratório está vinculado ao curso de Bacharelado de Arqueologia e regularizado dentro do Instituto de Ciências da Sociedade como Laboratório de Ensino e Pesquisa. A gestão desses espaços ocorre através de Coordenador de Laboratório escolhido no colegiado do curso conforme o regimento aprovado pelo mesmo e pelo conselho do ICS. O Laboratório de Arqueologia Curt Nimuendajú não possui orçamento específico. Suas despesas com insumos e material de consumo são contempladas dentro do repasse feito do ICS ao curso de Arqueologia, o que tem limitado a sua atuação.

A gestão de recursos para os laboratórios da UFOPA, especialmente a compra de material permanente, se dá através da PROPLAN e solicitações pontuais são necessários para a aquisição de material permanente.

Os dois laboratórios concentram as atividades de pesquisa de todos os professores do curso de arqueologia (11) e dos alunos com projetos de TCC, PIBIC, voluntários e monitores. Os laboratórios também são os espaços onde são ministradas disciplinas práticas



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**

obrigatórias e optativas do curso. As turmas ingressando no bacharelado de Arqueologia podem ter até 40 alunos.

O Laboratório de Arqueologia – Curt Nimuendajú I (Laboratório 1) conta com os seguintes equipamentos: 01 Computador; 01 Esterioscopio binocular; 01 Balança de precisão; 01 Balança; 02 Pias de higienização de artefatos cerâmicos e líticos; internet a cabo e sem fio, 01 Bebedouro.

O Laboratório de Arqueologia – Curt Nimuendajú II (Laboratório 2) conta com os seguintes equipamentos: 03 Esterioscopios binoculares; 02 Computadores; 01 Data show; 01 Balança de precisão; 01 Balança; 01 secadora de artefatos; 08 Pias para higienização de artefatos; 04 GPS; 03 Bussolas; 01 Máquina fotográfica; internet a cabo e sem fio para computadores; 01 Bebedouro.

O laboratório 1 (Lab. 1) foi criado ainda na gestão do campus de Santarém feita pela UFPA. Por ocasião da implantação dos cursos de Arqueologia e Antropologia na UFOPA este laboratório ainda era coordenado e utilizado por professores, técnicos e alunos da UFPA de Belém, que o utilizaram até 2014 em função de convênios mantidos entre as duas instituições. Com o crescimento da demanda por parte dos professores do Bacharelado em Arqueologia da UFOPA, por espaço laboratorial, optou-se pela reforma e adequação de um dos edifícios previamente existentes no campus da Universidade (Laboratório 2) em 2012. Com o progressivo crescimento do corpo docente do curso e as necessidades da guarda permanente do patrimônio arqueológico oriundo de coleções do UFPA e a pesquisa dos docentes da UFOPA houve uma reforma adicional em 2017 para incluir uma sala de aula para disciplinas práticas e três salas para a guarda do patrimônio arqueológico. Cada vez mais tem se transformado o local em um espaço que atende as demandas do curso de Arqueologia no que tange a ensino, pesquisa e extensão. Atualmente o laboratório de arqueologia é utilizado por todos os professores de arqueologia e seus alunos com a gestão de um professor com 5 horas de carga horária para essa atividade e o auxílio de um técnico de laboratório formado em geoprocessamento. Em função do tipo de acervo no laboratório o mesmo é periodicamente avaliado pelo Instituto do Patrimônio e Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), ligado ao Ministério da Cultura, e precisa, portanto, seguir as normas desse órgão.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**

15.8. AUDITÓRIOS

Os auditórios da Universidade são de uso comum de todos os cursos, dependendo apenas de agendamento prévio. No campus Tapajós o auditório é equipado com sistema interno de som, telão, projetor de imagens e cadeiras para 600 pessoas. O espaço do auditório é reversível podendo ser transformado em dois auditórios para 300 pessoas. No campus Marechal Rondon o auditório está equipado com sistema de som, projeção de imagens e 121 cadeiras e lugares para 3 cadeirantes.

15.9. BIBLIOTECA

Os três campi da Ufopa em Santarém possuem bibliotecas, o acervo relacionado ao curso de arqueologia se encontra na Biblioteca do Campus Amazônia.

15.10. CONDIÇÕES DE ACESSO PARA PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

O curso de Arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará funciona em um prédio situado na Avenida Mendonça Furtado nº 2.949, bairro de Fátima, locado atualmente exclusivamente para a UFOPA.

O prédio atende as normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida. A estrutura atual possui dois elevadores os quais permitem o acesso a todos os setores da instituição, dentre eles salas de aula, bibliotecas, auditórios, laboratórios, áreas de lazer e sanitários. Ambos elevadores são submetidos à manutenção alternada garantindo o funcionamento permanente.

Os banheiros são adaptados e seguem o padrão legal exigido. Destacamos ainda que após participação de representantes da UFOPA no Seminário Incluir em Brasília (ano de 2013), foi feita socialização das informações no Seminário de Acessibilidade no âmbito da UFOPA, em seguida foi instituído o Grupo de Trabalho (GT) Pró Acessibilidade, Portaria nº 1.293, de 12 de Agosto de 2013, com a participação de setores estratégicos, nos quais incluem unidades Acadêmicas e Administrativas da UFOPA e posterior realização de reuniões



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

periódicas; Realização do I Seminário de Acessibilidade da UFOPA no de 2013 com a participação da Profa. Martinha Clarete Dutra dos Santos (SECADI/MEC) e do Prof. Evandro Guimarães (UFMA), Parceria com o Grupo de Estudos e Pesquisa de Surdos da UFOPA (GEPES). Em abril de 2014 foi instituído o Núcleo de Acessibilidade da UFOPA, sua composição conta com a participação de setores estratégicos da Universidade. Este Núcleo tem como objetivos: discutir e instituir políticas institucionais de Acessibilidade no âmbito da UFOPA e realizar ações para a inserção dos alunos com deficiência no ensino superior, incluindo pessoas com transtorno do espectro autista (conforme disposto na Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012), tornando-se um importante serviço de assessoria aos Institutos e aos respectivos cursos. Entre as atividades desempenhadas pelo Núcleo de acessibilidade estão a disponibilização de tradutor intérprete de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para estudantes e docentes surdos; o acompanhamento em sala de aula do aluno com deficiência; a promoção de cursos e eventos para a comunidade interna e externa, como curso de LIBRAS e Brailes e cursos de orientação e mobilidade.

15.11. INFRAESTRUTURA DE SEGURANÇA

A segurança da UFOPA é realizada por uma empresa terceirizada sendo supervisionada pela Diretoria de Segurança que está vinculada à Superintendência de Infraestrutura.

Na Unidade Amazônia onde se localiza o curso de Arqueologia existem cinco postos de serviço:

- o posto de serviço do setor administrativo/CFI: 01 posto de **serviço** de jornada de trabalho de 24h, composto por 04 vigilantes armados trabalhando 12X36h, 01 diariamente por turno.
- Posto de serviço do ICS/PROCECE: 01 posto de serviço de jornada de trabalho de 24h, composto por 04 vigilantes armados trabalhando 12X36h, 01 diariamente por turno.
- Posto de serviço da garagem: 01 posto de serviço de jornada de trabalho de 24h, composto por 04 vigilantes armados trabalhando 12X36h, 01 diariamente por turno.
- Posto de serviço da Reitoria: 01 posto de serviço de jornada de trabalho de 24h, composto por



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**

04 vigilantes armados trabalhando 12X36h, 01 diariamente por turno.

- Posto de serviço do Prédio Anexo/ICTA: 01 posto de serviço de jornada de trabalho de 24h, composto por 04 vigilantes armados trabalhando 12X36h, 01 diariamente por turno.

15.12. APOIO AOS DISCENTES

O bacharelado em Arqueologia em consonância com as diretrizes da Universidade Federal do Oeste do Pará, pretende assegurar a permanência dos alunos no curso. Para isso está articulado institucionalmente com os programas de permanência dos discentes através de bolsas-permanência concedidas pela Universidade. Além disso, busca viabilizar na instituição, utilizando os mecanismos de participação e deliberação vigentes, políticas de assistência universitária com vistas a garantir um mínimo de infraestrutura para o melhor aproveitamento dos discentes e das demais categorias (docentes e técnicos-administrativos).

Outra política geral de inclusão social da Universidade é o processo seletivo diferenciado para indígenas e desde 2016 para quilombolas.

O atendimento ao discente é realizado pela Secretaria Acadêmica do ICS (aberta em horário comercial) e pela Coordenação do Curso de Arqueologia.

16. ATOS AUTORIZATIVOS

PORTARIA: nº 142

DATA DO DOCUMENTO: 19/02/2013

DATA DE PUBLICAÇÃO: 26/02/2013

DATA DE CRIAÇÃO DO CURSO: 19/02/2013

DATA EM QUE O CURSO INICIOU: 01/03/2011.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**

ANEXO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

1. Matriz Curricular do Curso de Bacharelado em Arqueologia (PAA/ICS/UFOPA)

Primeiro Período

INTRODUÇÃO À ARQUEOLOGIA
Carga horária: 60 h

Ementa – Relações entre a Arqueologia e as ciências humanas. Introdução sobre Teoria Arqueológica. Relações entre Arqueologia e contextos sociais.

Bibliografia Básica

TRIGGER, B.G. 2004. In: História do Pensamento Arqueológico. São Paulo, Odysseus Editora Ltda. pp. 18-25

TENÓRIO, M.C. (org.) Pré-História da Terra Brasilis, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, pp. 19-32. 2001.

NEVES, W.A. & PILÓ, L.B. 2008. O Povo de Luzia. São Paulo, Editora Globo.

SAUNDERS, N.J. 2005. Américas Antigas: as grandes civilizações. São Paulo, Editora Madras.

NEVES, E. G. Arqueologia Amazônia, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006.

MARTINS, G. Pré-história do Nordeste do Brasil, Ed. UFPE. 1999.

ORSER JR, C.E. Introdução à Arqueologia Histórica. Belo Horizonte: Ed. Associação Amigos del Instituto Nacional de Antropologia, 1992.

Bibliografia Complementar

RENFREW, C e P. BAHN. Archeologia Teoria Metodo y Practica. Madrid, Ediciones Akal S.A., 2004.

PROUS, A. *Arqueologia brasileira*. Brasília: UNB, 1992.

FUNARI, P.P.A. 1999/00 Como se tornar um Arqueólogo no Brasil. Revista da USP, Vol.44, Dez-Fev, pp. 74-85

ZANETTINI, P. 2010. Qual o Futuro Desejamos para a Arqueologia no Brasil. Arqueologia em Debate: Jornal da Sociedade de Arqueologia Brasileira, n.2, pp. 19-22

MOBERG, Carl Axel. Introdução à Arqueologia. Lisboa, Edições 70, 1986



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

MEGGERS, B.J. 1979. Pré-História Sul Americana, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra pp. 65-136

INTRODUÇÃO À ANTROPOLOGIA
Carga horária: 60 h

Ementa – O que é a Antropologia. Origem da disciplina. Relativismo Cultural como ferramenta analítica. Observação Participante e Trabalho de campo. Campo atual da disciplina.

Bibliografia Básica:

DA MATTA, Roberto. 1981. *Relativizando. Uma Introdução à Antropologia*. Petrópolis: Vozes.

CASTRO, Celso. 2005. *Evolucionismo Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1976. “Raça e História” *in: Antropologia Estrutural Dois*. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro

Bibliografia Complementar

LARAIA, Roque. 1986. *Cultura. Um conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor

LAPLANTINI, François. 1988. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Ed. Brasiliense

EVANS-PRITCHARD, E. E. 1989. *História do Pensamento Antropológico*. Lisboa: Edições 70

MORGAN, Lewis Henry. 1980 [1871]. *A Sociedade Primitiva*. Lisboa: Presença/ Martins Fontes.

GEERTZ, Clifford. 1966. A Transição para a Humanidade. In S. Tax et alli. *Panorama da Antropologia*. Rio de Janeiro, Lisboa: Fundo de Cultura, pp. 31-43.

HISTÓRIA DA AMAZÔNIA
Carga horária: 60 h

Ementa – Esta disciplina visa estudar os processos de colonização, os primeiros exploradores, viajantes e naturalistas e a Amazônia entre os séculos XVI a XIX.

Bibliografia Básica

UGARTE, A. S. 2009. *Sertões de Bárbaros: o mundo natural e as sociedades indígenas da*



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

Amazônia na visão dos cronistas ibéricos (séculos XVI-XVII). Manaus: Editora Valer.

DIAS, E. M. 1999. A ilusão do fausto – Manaus, 1890-1920. Manaus: Editora Valer.

FREIRE, José Ribamar Bessa. (coord). 2008. A Amazônia Colonial (1616-1798). Manaus. BK Editora. 6a. edição.

Bibliografia Complementar

CASTRO, C. (org.). 2006. Amazônia e defesa nacional. Rio de Janeiro: FGV.

D'AZEVEDO, J. L. 1999. Os jesuítas no Grão-Pará: suas missões e a colonização. Belém: Secult.

BEZERRA NETO, J. M. 2001. Escravidão Negra no Grão - Pará (séculos XVII-XIX). Belém: Paka-Tatu.

SALLES, V. 2005. O negro no Pará sob o regime da escravidão. 3.ed. Belém: IAP, Programa Raízes, pp. 35-90, 93-105.

GRINBERG, K. e SALLES, R. 2009. O Brasil Imperial, volume II; 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CURADORIA E CLASSIFICAÇÃO DE MATERIAL ARQUEOLÓGICO

Carga horária: 60 h

Ementa – Primeiros procedimentos com o material arqueológico que chega do campo: reconhecimento do material e sua condição de preservação e fragilidade. Primeiras intervenções e seu significado na totalidade do processo de curadoria e estudo do material arqueológico. Procedimentos de limpeza do material arqueológico. Triagem - quais são as divisões dentro das quais o material arqueológico é separado e com quais objetivos. Classificação – como e porque classificamos materiais arqueológicos. Qual a importância da classificação para as interpretações arqueológicas.

Bibliografia Básica

BARRETO, C. N. G. LIMA, H. P. BETANCOURT C. J. (Org). 2016. Cerâmicas Arqueológicas Amazônicas. Belém, IPHAN/Museu Goeldi.

DUNNELL, Robert C. 2007. Classificação em arqueologia. EdUSP.

FRONER, Y-A. 1995. Conservação preventiva e patrimônio arqueológico e etnográfico: ética, conceitos e critérios. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, v. 5. p. 291-301.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

SYMANSKI, LUÍS CLÁUDIO P. 2008. Práticas econômicas e sociais no sertão cearense no século XIX: um olhar sobre a cultura material de grupos domésticos sertanejos. *Revista de Arqueologia*, v. 21, n. 2.

Bibliografia Complementar

CHIMYZ, Igor (ed.). 1976. Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica. Segunda edição - revista e ampliada. *Cadernos de Arqueologia* - ano 1, nº1, Museu de Arqueologia e Artes Populares, Universidade Federal do Paraná.

BROCHADO, José P.; LA SALVIA, Fernando. 1989. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 2º edição.

BUENO, L. 2011. UM estudo da variabilidade formal das flechas xikrin a partir de uma perspectiva arqueológica. In.: Silva, F. A. Gordon, C. Xikrin: uma coleção etnográfica. São Paulo: Edusp.

SCHEEL-YBERT, R. KLOKLER, D. GASPAR, M. D. FIGUTI, L. 2005/2006. Proposta de amostragem padronizada para macro-vestígios bioarqueológicos: antracologia, arqueobotânica, zooarqueologia. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 15-16, p. 139-163.

PROUS, A. 1986/90. Os artefatos líticos, elementos descritivos classificatórios. *Arquivos do Museu de História Natural*, v. 11. p. 1-55.

ZANETTINI, P. 1986. Pequeno Roteiro para classificação de louças obtidas em pesquisas arqueológicas de sítios históricos. In: *Arqueologia*. n.5. p.117-130.

BOTALLO, M. 1998. As coleções de arqueologia pré-colonial brasileira do MAE/USP: um exercício de documentação museológica. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 8. p. 257-268.

BRAGA, G. 1998. A conservação preventiva e as reservas técnicas. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 8. p. 269-277.

MEGGERS, B. 2009. Inferindo comportamento locacional e social a partir de sequencias seriadas. In: Meggers, B. (org.). *Arqueologia Interpretativa*. Unitins, Proto Nacional, p. 17-34.

Segundo Período

ETNOHISTÓRIA
Carga horária: 60 h



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

Ementa – Conceitos e definições de Etnohistória e Nova História. As Fontes e as relações entre Arqueologia, história oral, linguística e antropologia.

Bibliografia Básica

CUNHA, M. C. da. 1998. História dos Índios no Brasil, São Paulo, Companhia das Letras.

NETO, Edgard Ferreira. 1997. História e Etnia. In: Domínios da História. Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas. (Orgs.). Rio de Janeiro: Campus. P. 451-473.

UGARTE, A. 2009. Sertões de Bárbaros – O mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos – séculos XVI-XVII. Ed. Valer.

Bibliografia Complementar

SILVA, Joana Aparecida Fernandes; JOSÉ DA SILVA, Giovani. 2010. História indígena, antropologia e fontes orais: questões teóricas e metodológicas no diálogo com o tempo presente. [on line] História Oral, v. 13, n. 1, p. 33-51, jan.-jun.

WRIGHT, Robin M. Introdução e Histórias de Guerras e Alianças. 2005. In: História Indígena e do Indigenismo no Alto Rio Negro. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: ISA., pp. 9-26 e 83-108.

HECKENBERGER, Michael. Estrutura, história e transformação: a cultura xinguana na longue durée, 1000-2000 d. C. In: FRANCHETTO, Bruna e HECKENBERGER, Michael (orgs.). 2001. *Os Povos do Alto Xingu: História e Cultura*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 496

POMPA, C. 2003. Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuia do Brasil Colonial, Bauru, CNPq/Anpocs/Edusc.

BASSO, Ellen B. 2001. O que podemos aprender do discurso Kalapalo sobre a “história Kalapalo”? In: FRANCHETTO, Bruna e HECKENBERGER, Michael (orgs.). *Os Povos do Alto Xingu: História e Cultura*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. P. 293-307.

TEORIA ANTROPOLÓGICA I

Carga horária: 60 h

Ementa – Questões teórico-metodológicas constituidoras do campo da Antropologia: evolucionismo, difusionismo e antropologia norte-americana.

Bibliografia básica

CASTRO, C. 2005. Evolucionismo Cultural: Textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro,



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

Zahar.

CASTRO, Celso (org). 2004. Franz Boas, Antropologia Cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

COPANS, Jean. Da Etnologia `Antropologia. In. COPANS, Jean et all. Antropologia: ciência das sociedades primitivas? Lisboa: Edições 70, 1971, p. 11-42.

Bibliografia complementar

ENGELS. Friedrich. 1982. "Estágios Pré-Históricos da Cultura"; "A Família"; "Barbárie e Civilização". Em: A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado. RJ: Civilização Brasileira, (p.21-28;177-201).

MAYR, Lucy. 1984. Introdução à Antropologia social. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

DA MATTA, Roberto. 2002. Antropologia e História. In _____. Relativizando. Rio de Janeiro: Rocco, p. 86-142.

BENEDICT, R. 1972. O crisântemo e a espada. São Paulo: Perspectiva.

MEAD, M. 2000. Sexo e temperamento. São Paulo, Perspectiva.

HISTÓRIA E TEORIA ARQUEOLÓGICA I
Carga horária 60h

Ementa – A disciplina analisará a História Social e Cultural da Arqueologia, enfatizando os critérios de institucionalização da disciplina na Europa e Estados Unidos. Estudo de duas principais teorias arqueológicas da virada do XIX a primeira metade do século XX, a arqueologia evolucionista e o histórico-culturalismo.

Bibliografia básica

FERREIRA, Lúcio Menezes. 2006. Ciência nômade: o IHGB e as viagens científicas no Brasil Imperial. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, v. 13, n. 2. Rio de Janeiro.

FUNARI, Pedro Paulo. 2003. Arqueologia. São Paulo: Contexto.

TRIGGER, Bruce G. 2000. História do pensamento arqueológico. São Paulo: Odysseus, 2004.

JOHNSON, Matthew. Teoría arqueológica: una introducción. Barcelona: Ariel.

Bibliografia complementar

DANIEL, Glyn. 1986. História de la Arqueología: de los anticuarios a V. Gordon Childe. Madrid: Alianza Editorial.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

FERREIRA, Lúcio Menezes (org.). 2009. Arqueologia Amazônica: História e Identidades. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, v.4, n. 1. Belém.

HODDER, Ian. 1994. Interpretación en Arqueología: corrientes actuales. Barcelona: Crítica.

GARRETA, Mariano; BELLELLI, Cristina (orgs.). 2000. La trampa cultural: textos de Antropología y Arqueología. Buenos Aires: Ediciones Caligraf.

TRIGGER, B. 1973. Além da História: os Métodos da Pré-História. EDUSP. São Paulo.

MÉTODOS E TÉCNICAS EM ARQUEOLOGIA

Carga horária: 60 h

Ementa – Disciplina de caráter introdutório às técnicas e métodos de pesquisa adotados na arqueologia, desde noções fundamentais de método do trabalho científico e filosofia da ciência até os procedimentos básicos de pesquisa arqueológica em suas diversas etapas, tais quais pesquisa de pré-campo e pré-escavação, prospecções, escavações, classificação e analítica em geral, técnicas-métodos de datação e publicação.

Bibliografia Básica

RENFREW, C. e Bahn, P. 2004. Arqueologia: Teoria, Métodos y Practica. Madrid, Ediciones Akal SA.

SEVERINO A.J. 1996. Metodologia do Trabalho Científico. Ed. Saraiva, RJ.

BARKER, P. 1997. Techniques of Archaeological Excavations. B.T. Batsford Editors. London UK.

Bibliografia Complementar

BAHN, P. Collings Dictionary of Archaeology- ed. P. Bahn 1992, Collins Publishers, London, UK.

HECKENBERGER, M., Neves, E., Pettersen, J. 1998. De onde surgem os modelos? Considerações sobre a origem e expansão dos Tupi. *Revista de Antropologia* 41:69-96.

BOEDA, E. Levallois: uma construção volumétrica, vários métodos, uma técnica. Canindé, Xingó, nº 7, junho de 2006

LEROI-GOURHAN, A. 1990. O Gesto e a Palavra. Edições 70, Lisboa, PT.

LEROI-GOURHAN, A. 1984. O Meio e as Técnicas. Edições 70, Lisboa, PT.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO**

**ARQUEOLOGIA BRASILEIRA
Carga horária: 60 h**

Ementa – História da ocupação do território brasileiro. Os naturalistas. Minas Gerais e Lund. Caçadores-coletores do Litoral. Os sambaquis. As antigas ocupações da Serra da Capivara. Amazônia. As populações ceramistas do Centro-Oeste. Os Tupi. Arte rupestre.

Bibliografia Básica

- FUNARI, P.P. & NOELLI, F.S. 2003. ré-história do Brasil. São Paulo, Contexto.
- PROUS, A. 1992. Arqueologia brasileira. Brasília: UNB.
- TENÓRIO, M. C. 1999. Pré-História da Terra Brasilis, Rio de Janeiro, Editora da UFRJ.
- CUNHA, M. C. da 1992. História dos Índios do Brasil, São Paulo, Companhia das Leras, PP. 54-86.

Bibliografia Complementar

- MARTIN, G. 1996. Pré-História do Nordeste, Recife, Editora Universitária da UFPE.
- NEVES, E. G. 2006. Arqueologia da Amazônia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- BROCHADO, J. P. 1991. Um modelo ecológico de difusão da cerâmica e da agricultura no leste da América do Sul. Anais I Simpósio de Pré-História do Nordeste. CLIO, 4, pp. 85-88.
- NOELLI, F. S. 1996. As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi. Revista de Antropologia 39(2):7-118.
- PROUS, A. 2006. O Brasil antes dos brasileiros. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

Terceiro Período

**INTRODUÇÃO À PRÁTICA DE CAMPO EM ARQUEOLOGIA I
Carga horária: 120 h**

Ementa – Identificação de sítios arqueológicos. Os diferentes métodos de levantamento e registro de sítios.

Bibliografia Básica

- ARAUJO, A. G. M. 2001. Teoria e Método em Arqueologia Regional: Um Estudo de Caso no



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO**

Alto Paranapanema, Estado de São Paulo. Tese de Doutorado, FFLCH, Universidade de São Paulo: 55-86.

CALDARELLI, S. 1999. *Levantamento arqueológico em planejamento ambiental*. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, Suplementos 3. São Paulo, USP.

SANTOS, M. C. M. M. 2001. A problemática do levantamento arqueológico na avaliação de impacto ambiental. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, v. 11.

Bibliografia Complementar

EVANS, C & MEGGERS, B. 1965. Guia para prospecção arqueológica no Brasil. Belém, Goeldi.

RENFREW, C.; BAHN, P. 2004. Arqueologia : teoria, métodos y practica, Madrid, Ediciones Akal S.A.,.

GOMES, D. M. C. 2008. “Levantamento Arqueológico na Comunidade de Parauá, Santarém, PA”, In: GOMES, D. M. C. Cotidiano e Poder na Amazônia Pré-Colonial, São Paulo, Edusp, pp.17-49.

BARKER P. 1996. Techniques of Archaeological excavations. B.T. Batsford.

PROUS, A. 1992. A pré-história brasileira. Brasília: UNB.

HISTÓRIA E TEORIA DA ARQUEOLOGIA II
Carga horária: 60 h

Ementa – Abordagem de duas principais teorias arqueológicas: “New Archaeology” e pós-processualismo em Arqueologia situadas no contexto histórico e político do século XX.

Bibliografia básica

BINFORD, Lewis. 1988. En busca del pasado. Barcelona: Crítica.

FUNARI, Pedro Paulo. 2003. Arqueologia. São Paulo: Contexto.

TRIGGER, Bruce G. 2004. História do pensamento Arqueológico. São Paulo:Odysseus.

Bibliografia complementar

GARRETA, Mariano; BELLELLI, Cristina (orgs.). 2000. La trampa cultural: textos de Antropología y Arqueología. Buenos Aires: Ediciones Caligraf.

HODDER, Ian. 1994. Interpretación en Arqueología: corrientes actuales. Barcelona: Crítica.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

JOHNSON, Matthew. 2000. Teoría Arqueológica: una introducción. Barcelona:Ariel.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; ORSER JR, Charles; SCHIAVETTO, Solange Nunes de Oliveira (orgs.). 2005. Identidades, discurso e poder. Arqueologia Contemporânea. São Paulo: Annablume; Fapesp.

HABBER, Alejandro (org.). 2004. Hacia una Arqueología de las Arqueologías Sudamericanas. Bogotá: Ediciones Uniandes.

ETNOLOGIA INDÍGENA

Carga horária: 60 h

Ementa – Apresentar os principais temas da etnologia das terras baixas da América do Sul: um quadro arqueológico, histórico, linguístico e geográfico dos povos indígenas dessa região. Desenvolver diferentes unidades temáticas como a organização social, a cosmologia, a mitologia, o xamanismo, a arte, a política e a questão do contato.

Bibliografia básica

CLASTRES, Pierre. 2003. “A sociedade contra o Estado”. In.: *A sociedade contra o Estado*, São Paulo: Cosac Naify.

FAUSTO, Carlos. 2000. Os índios antes do Brasil. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2002. “O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem”. In.: *A Inconstância da Alma Selvagem – e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify.

Bibliografia complementar

URBAN, Greg. 1992. “A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas”. In.: CUNHA, Manuela C. da (Org.). História dos Índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, FAPESP.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 2009. “O futuro da questão indígena”. In.: *Cultura com Aspas*, São Paulo: Cosac Naify, p. 259-274.

OLIVEIRA, João Pacheco de. 1998. “Uma Etnologia dos “Índios Misturados”? Situação Colonial, Territorialização e Fluxos Culturais”. *Mana* Vol.4, N.1. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93131998000100003&script=sci_arttext

SZTUTMAN, Renato. 2012. *O profeta e o principal: a ação política ameríndia e seus personagens*. São Paulo: Edusp.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

VIVEIROS DE CASTRO, E. 2006. “No Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é”. In.: RICARDO, Fany (Ed.). *Povos indígenas no Brasil: 2001-2005*. São Paulo: Instituto Socioambiental. Disponível em: http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/No_Brasil_todo_mundo_%C3%A9_%C3%ADndio.pdf

ANÁLISE DE MATERIAL CERÂMICO
Carga horária: 60 h

Ementa – Análise, identificação e classificação da cerâmica arqueológica. Restauração e representação gráfica de cerâmica recuperada em sítios pré-coloniais.

Bibliografia Básica

MEGGERS, B. 1970. Como interpretar a linguagem da cerâmica: Guia para Arqueólogos, Washington D.C., Smithsonian Institution.

SILVA, F. A. 2007. O significado da variabilidade artefactual: a cerâmica dos Asurini do Xingu e a plumária dos Kayapó-Xikrin do Cateté, Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, 2 (1): 91-103.

LA SILVIA F. e J. BROCHADO. 1989. Cerâmica Guarani. Posenato Arte e Cultura. 2ª. Edição.

Bibliografia Complementar

GOMES, D. M. C. 2002. Cerâmica Arqueológica da Amazônia, São Paulo, Edusp.

LATHRAP, D. 2010. Alto Amazonas. Chataro Editores.

LIMA, T.A. 1986. Cerâmica indígena brasileira. IN: RIBEIRO, D. (org.). *Suma Etnológica*, vol.2 – Tecnologia Indígena. Petrópolis: Vozes.

RICE, P. 1987. Pottery Analysis: A Source Book, Chicago, University of Chicago Press.

RAYMOND, S. 2009. Dos cacos às vasilhas: primeiros passos para a reconstrução de contextos culturais na floresta tropical. *Amazônica*, 1 (2).

Quarto Período



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

PRÉ-HISTÓRIA GERAL

Carga horária: 60 h

Ementa – Definição de pré-história. O estabelecimento da antiguidade humana. Os primeiros hominídeos. Origens e evolução da humanidade. Origens na África. Neandertais e emergência do *Homo sapiens*. Sinais de mudanças cognitivas: criação de instrumentos, domínio do fogo, arte. Evolução ou revolução? Arte paleolítica. Mudanças climáticas no final do Pleistoceno. Dispersão dos homens pelo mundo: (Ocupação da Austrália e Ásia. O homem chega nas Américas). O surgimento da escrita no mundo.

Bibliografia Básica

FOLEY, ROBERT. 1998. Os humanos antes da Humanidade – Uma perspectiva Evolucionista. Editora Unesp.

MITHENS, S. A 1996. A pré-história da mente – uma busca das origens da arte, da religião e da ciência. Editora UNESP

NEVES, W.A. & PILÓ, L.B. 2008. O Povo de Luzia. São Paulo, Editora Globo.

Bibliografia Complementar

ARSUAGA, JUAN LUIS. 2005. O Colar do Neandertal: em busca dos primeiros pensadores. Rio de Janeiro: Editora Globo.

GOULD, S. J. 2004 O Polegar do Panda. Martins Fontes

RENFREW, COLIN E PAUL BAHN. 2004. Arqueología: Teorías, Métodos y Práctica. Barcelona: Ediciones Akal.

LEWIS, ROY. 2000. Porque Almocei meu pai, Companhia das Letras

KLEIN, R. G. E B. EDGAR. 2004. O despertar da cultura – A polêmica teoria sobre a origem da criatividade humana. Jorge Zahar Editor

ARQUEOLOGIA HISTÓRICA

Carga horária: 60 h

Ementa – Teoria e método em Arqueologia Histórica. O uso de Fontes históricas. Processos de formação dos sítios históricos, a identificação de estruturas e demais evidências. Métodos de datação. Trata ainda da Arqueologia urbana.

Bibliografia Básica



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO**

FUNARI, P. A. 2007. Teoria e A Arqueologia Histórica: A America Latina e o Mundo. Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, V.1,n1, pg.51-59.

FUNARI, P. A. e A. VIEIRA DE CARVALHO. 2005 Palmares: Ontem e Hoje. Jorge Zahar

ANDRADE LIMA, T. 1993. Arqueologia Histórica no Brasil: Balanço bibliográfico (1960-1991). Anais do Museu Paulista, Histórica e Cultura Material, Nova Série, 1, pp. 225-262.

_____ 1996. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. História, Ciência, Saúde - Manguinhos, 2(3):44-96.

_____ 1999. El huevo de la serpiente: Una arqueología del capitalismo embrionario en el Rio de Janeiro del siglo XIX. Sed Non Satiata; Teoría Social en la Arqueología Latinoamericana Contemporánea. Zarankin, A & F, Acuto. (Editores). Del Tridente, Buenos Aires, pp. 189-238.

_____ 2002. O papel da Arqueologia histórica no Mundo civilizado. Arqueologia da Sociedade Moderna na America do Sul. Cultura Material, Discursos y Praticas. Zarankin & Senatore (eds), pp. 117- 127. Ediciones del Tridente, Buenos Aires.

ORSER JR, CHARLES E. 1992. Introdução à Arqueologia Histórica. Belo Horizonte: Editora Asociación Amigos Del Instituto Nacional de Antropologia.

SYMANSKY, L. C. P. 2009. Arqueologia Histórica no Brasil: uma revisão dos últimos vinte anos. In: Morales, W. F. e F. P. MOI, Cenários Regionais em Arqueologia Brasileira, São Paulo Annablume, PP. 279-310.

Bibliografia Complementar

ALBUQUERQUE, Marcos. 1992. Arqueologia Histórica, Arquitetura e Restauração. Clio Arqueológica. Recife: 131-151.

GASPAR, M. D. 2003. História Da Construção Da Arqueologia Histórica Brasileira. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, pg. 469-301.

TOCCHETTO, F. B ; THIESEN, B. 2007. A memória fora de nós: a preservação do patrimônio arqueológico em áreas urbanas. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, v. 33, p. 175-199.

TOCCHETTO, F. B. 2006. Fica dentro ou joga fora? Sobre práticas cotidianas em unidades domésticas na Porto Alegre oitocentista. Revista de Arqueologia (Sociedade de Arqueologia Brasileira. Impresso), v. 16, p. 59-69.

FUNARI, P. A. 1996. “República dos Palmares” e a Arqueologia da Serra da Barriga, Revista USP, 28, 6-13.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO**

ORIGENS DA AGRICULTURA E DOMESTICAÇÃO DE PLANTAS

Carga horária: 60 h

Ementa – Origem da agricultura no velho e novo mundo. Domesticação de paisagens e domesticação de plantas - complementaridade; Seleção e propagação no processo de domesticação. Os resultados de seleção: modificação das populações. Centros de origem e domesticação, e centros de diversidade. Plantas domesticadas X plantas selvagens. Sedentarização sem agricultura.

Bibliografia Básica

BARBIERI, ROSA LÍA; STUMPF, ELISABETH REGINA TEMPEL (Eds.). 2008. Origem e evolução de plantas cultivadas. Embrapa Informação Tecnológica, Brasília.

CLEMENT, CHARLES R. 2006. Domesticação de paisagens e plantas amazônicas: A interação de etnobotânica, genética molecular e arqueologia. In: Morcote-Rios, Gaspar; Mora-Camargo, Santiago; Franky-Calvo, Carlos (Eds.). Pueblos y paisajes antiguos de la selva amazónica. Univ. Nacional de Colombia, Facultad de Ciencias, Taraxacum, Bogotá.

CLEMENT, CHARLES R.; KLÜPPEL, MARINA P.; GERMAN, LAURA A.; ALMEIDA, SAMUEL S.; MAJOR, JULIE, ARAGÃO, LUIZ EDUARDO O.C.; GUIX, JUAN CARLOS; LLERAS, EDUARDO; WINKLERPRINS, ANTOINETTE M.G.A.; HECHT, SUSANNA B.; MCCANN, JOSEPH M. 2009. Diversidade vegetal em solos antrópicos da Amazônia. In: Teixeira, Wenceslau G.; Kern, Dirse C.; Madari, Beáta E.; Lima, Hedinaldo N.; Woods, William I. (Eds.). As Terras Pretas de Índio da Amazônia -- Sua caracterização e uso deste conhecimento na criação de novas áreas. Embrapa Amazônia Ocidental, Manaus. pp. 147-161.

Bibliografia Complementar

ALBUQUERQUE, ULYSSES PAULINO DE. 1999. Manejo tradicional de plantas em regiões neotropicais. *Acta bot. Bras.* 13(3): 307-315.

ARRANZ-OTAEGUI, A., COLLEDGE, S. ZAPATA, L., TEIRA-MAYOLINI, L.C. , IBÁÑEZ J.J. 2016. Regional diversity on the timing for the initial appearance of cereal cultivation and domestication in southwest Asia. *Proceedings of the National Academy of Sciences* Dec 2016, 113 (49) 14001-14006; DOI: 10.1073/pnas.1612797113

BORÉM, ALOÍZIO; LOPES, MARIA TERESA G.; CLEMENT, CHARLES R. (Eds.). 2009. Domesticação e melhoramento: espécies amazônicas. Editora da Univ. Fed. Viçosa, Viçosa, MG.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO**

LATHRAP, D. 1970. A natureza do sistema agrícola da floresta tropical. In: O alto Amazonas. Editorial Verbo, Lisboa. p. 49-64.

OLIVER, J. 2008. The archaeology of agriculture in ancient Amazonia. In: Silverman, H.; Isbell, W.H. (Eds.) Handbook of South American Archaeology. Springer: 217-234.

**ARQUEOLOGIA AMAZÔNICA
Carga horária: 60 h**

Ementa – A disciplina pretende fornecer um panorama amplo sobre a Arqueologia Amazônica, introduzindo as grandes discussões e seus desenvolvimentos, apresentando as diferentes perspectivas ao lado dos conjuntos de dados que serviram como base para os argumentos. Embora as evidências discutidas sejam em primeiro lugar arqueológicas, ficará claro que muitas das teorias e modelos propostos se baseiam também em outras áreas do conhecimento, como a antropologia (etnologia), a etnohistória, a linguística, a geografia e a ecologia, dentre outros. As discussões girarão em torno de quatro questões principais: (1) Quem eram os ancestrais dos atuais povos indígenas da Amazônia? (2) Quando e que tipos de adaptação foram desenvolvidos por povos amazônicos antigos, e em que medida estes modificaram/ moldaram a paisagem da região? (3) Quando, como e por que as sociedades tornaram-se (ou não) sedentárias e dependentes sobre a agricultura? (4) Quais são perspectivas atuais – incluindo dos próprios povos indígenas – sobre a Arqueologia Amazônica?

Bibliografia básica

FAUSTO, C. Os índios antes do Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

LATHRAP, D. 1970. O Alto Amazonas, Lisboa.

PORRO, A. 1992. Os povos indígenas da Amazônia à chegada dos europeus. In: Eduardo Hoornaert. (Org.). História da Igreja na Amazônia. Petrópolis: Vozes, p. 11-48.

NOELLI, F.S. 1996. As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi. Revista de Antropologia, 39(2), p. 7-53

PEREIRA, E. e V. GUAPINDAIA. Arqueologia Amazônica (Vol. 1 e 2). MPEG. 2010.

Bibliografia complementar

BALÉE, W. 1993. Biodiversidade e os índios amazônicos. In: Viveiros de Castro, E. & Cunha, M.M.C. (orgs.) Amazônia: etnologia e história indígena. São Paulo: NHII-USP-FAPESP.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO**

MEGGERS, B. & C. EVANS. 1961. "An experimental Formulation of Horizon Styles in the Tropical Forest of South America". In: LOTHROP, S. (ed.). *Essay in Pre- Columbian Art and Archaeology*. Cambridge: Harvard University, p. 372-388.

NEVES, W. A. (org.). 1991. *Origens, adaptações e diversidade biológica do homem nativo da Amazônia*. Belém: MPEG/CNPq/SCT/PR.

MEGGERS, B. 1998. O paraíso ilusório revisitado. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 8:33-55.

NEVES, E. G. 2005. O lugar dos lugares. Escala e intensidade das modificações paisagísticas na Amazônia Central pré-colonial em comparação com a Amazônia contemporânea. *Ciência & Ambiente*, vol 31. Amazônia: recursos naturais e história, pp. 79-91.

Silva, F.A. 2002. Mito e Arqueologia: A interpretação dos Asurini do Xingu sobre os vestígios arqueológicos encontrados no Parque Indígena Kuatinemu – Pará. *Horizontes Antropológicos*, 8(18), p. 175-187.

OPTATIVA

Quinto Período

**BIOARQUEOLOGIA
Carga horária: 60 h**

Ementa – Hominídeos. Métodos e Técnicas para estimar idade e sexo. Tafonomia. Processos de conservação. Alterações culturais do esqueleto. Alimentação. Mortandade natural e catastrófica. Arqueologia forense.

Bibliografia Básica

ABRAHAMAS, P. e R. HUTCHINGS. 2005. *Atlas Colorido de Anatomia Humana de Mcminn*.

CARVALHO, A. V DE, I. V. P. SOARES, P. P. A. FUNARI E S. F. S. M. DA SILVA. 2009. *Arqueologia Direito e Democracia*. Habilis Editora.

MENDONÇA DE SOUZA, S. M. F.; GUAPINDAIA, V.; RODRIGUES, C. D. 2001, A Necrópole Maracá e os Problemas Interpretativos em um Cemitério sem enterramentos. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, BELÉM*, v. 17, n. 2, p. 479-520.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

Bibliografia Complementar

- BUIKSTRA, J.E. & UBELAKER, D.H. 1994, Standards for data collection from human skeletal remains. Arkansas: Arkansas Archaeological Survey.
- MACHADO, L. C. Os sepultamentos, contextos arqueológicos e dados bioesqueléticos In. Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB), no12, 2006.
- WHITE, T. e P. A. FOLKENS; 2000, Human Osteology, Second Edition, Academic Press.
- WESOLOWSKI, V. 2007. Caries, desgaste, calculus dentários e micro-resíduos da dieta entre grupos pré-históricos do litoral norte de Santa Catarina. É possível comer amido e não ter cárie? Tese de doutorado. Fundação Oswaldo Cruz – Escola Nacional de Saúde Pública Arouca.
- JOHANSON, D. e T. WHITE. 1999. O Filho de Lucy

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DE ARTE RUPESTRE
Carga horária: 60 h

Ementa – Introdução à linha de pesquisa em arte rupestre; teoria e prática na Arqueologia Rupestre; estudo de gravuras, pinturas; estilo; contexto; cronologia; datação direta; Simbolismo; Semiótica; etnografia da Arte rupestre e ressignificação Indígena; introdução às Técnicas de Registro Visual.

Bibliografia Básica

- Martin, Gabriela 1999. Pré-História do Nordeste do Brasil.- ed Universitária, UFPE, Recife.
- Pereira, Edithe. 2003. Arte Rupestre na Amazônia – Pará – Belém: Museu Emílio Goeldi; São Paulo:UNESP.
- PESSIS, A-M. 2004. Imagens da Pré-história, Ed, Universitária, UFPE, Recife.

Bibliografia Complementar:

- PROUS, A. e Ribeiro, L. 2007. Brasil Rupestre, Arte Pré-histórica Brasileira. Zencrane Livros, Curitiba, PR.
- Pereira, Edithe. 2010. Arte Rupestre e Cultura Material na Amazônia Brasileira. In PEREIRA, E.; GUAPINDAIA, V. (org.) Arqueologia Amazônica 1. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém. pp. 259-284.
- Vidal, L. (org.) . 1992. Grafismo Indígena. São Paulo, Studio Nobel, FAPESP, EDUSP, SP.
- Anne-Marie Pessis. 2002. Do estudo das gravuras rupestres pré-históricas no Nordeste do



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

Brasil. CLIO arqueológica, n.15, vol. 1. p. 29 – 44.

_____.1992. Identidade e classificação dos registros rupestres pré-históricos do Nordeste do Brasil. CLIO série arqueológica n.8. Ed. Universitária, UFPE, Recife.

GEOARQUEOLOGIA
Carga horária: 60 h

Ementa – O foco concentra-se nos processos humanos e naturais responsáveis pela formação do registro arqueológico. Através de análises estratigráficas e geoquímicas o curso está voltado para a reconstrução da paisagem. Leituras e discussões visam abordar contextos inter e intra sítios e também esclarecer como processos erosivos, deposicionais, de lixiviação associados a atividades biológicas e humanas são responsáveis pela formação e alteração do registro arqueológico. Vários estudos de caso serão apresentados no decorrer do curso.

Bibliografia Básica

ARAÚJO, A. G. 1999. As Geociências e suas implicações em teoria e métodos arqueológicos. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, 3:35 a 45 (suplemento).

COSTA, J. A., D. C. KERN, M. COSTA, T. E. RODRIGUES, N. KAMPF, J. LEHAMN & F. J. L. FRAZAO. 2009. Geoquímica das Terras Pretas Amazônicas. In: As Terras Pretas de Índio da Amazônia: sua caracterização e uso deste conhecimento na criação de novas áreas, (orgs) TEIXEIRA, WG; KERN, DC; MADARI, BE; LIMA, HN, 162-172.

KERN, D. C., N. KAMPF, W. I. WOODS, W. M. DENEVAN, M. L. COSTA & F. J. L. FRAZAO. 2009. Evolução do Conhecimento em Terra Preta de Índio. In: As Terras Pretas de Índio da Amazônia: sua caracterização e uso deste conhecimento na criação de novas áreas, eds. W. G. Teixeira, D. C. Kern, B. E. Madari, H. N. Lima & W. I. Woods, 72-81. Manaus: Embrapa Amazônia Ocidental.

Bibliografia Complementar

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA - EMBRAPA. 1997. Centro Nacional de Pesquisa de Solos. Manual de métodos de análise de solo. 2.ed. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Pesquisa de Solos.

REBELLATO, L. 2007. Interpretando a Variabilidade Cerâmica e as Assinaturas Químicas e Físicas do Solo no Sítio Arqueológico Hatahara, AM. In Museu de Arqueologia e Etnologia, 197. São Paulo: Universidade de São Paulo.

TEIXEIRA, W. G., D. C. KERN, B. E. MADARI, H. N. LIMA & W. I. WOODS. 2009. As



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

Terras Pretas de Índio da Amazônia: Sua caracterização e uso deste conhecimento na criação de novas áreas. Manaus: Embrapa Amazônia Ocidental.

REBELLATO, L. 2010. Solos Antrópicos da Amazônia: Terras Pretas de Índio e Arqueologia. *Amazônica-Revista de Antropologia*, 2, 362-369.

LEMOS, R. C.; SANTOS, R. D. 1984. Manual de descrição e coleta de solo no campo. 2.ed. Campinas: SBCS/SNLCS.

ZOOARQUEOLOGIA
Carga horária: 60 h

Ementa – Esta disciplina propõe abordar e discutir as relações homem-animais em suas múltiplas esferas: econômicas, paleoambientais e simbólicas. Começamos o curso discutindo sobre os diferentes tipos de amostragem, o tratamento, a conservação e o acondicionamento dos materiais ósseos e malacológicos (conchas). Em seguida, após algumas noções básicas sobre a classificação dos animais vertebrados, passaremos algumas horas em laboratório confeccionando coleções osteológicas que nos auxiliarão na identificação anatômica e taxonômica dos vestígios faunísticos. Nesta etapa, estudaremos, de maneira introdutória, a anatomia básica dos Vertebrados (Mamíferos, Répteis, Peixes e Aves), bem como as técnicas de reconstituição de tamanho, peso, sexo e idade dos animais. Na segunda parte do curso, abordaremos o estudo das marcas relacionadas às técnicas de preparo dos animais, desde o descarte até o processamento e descarte dos ossos (tais como sinais de fragmentação, queima, marcas de corte e reutilização dos ossos). Discutiremos sobre algumas abordagens atualmente estudadas dentro da Zooarqueologia: os estudos de Paleoambientes; a Arqueologia da Alimentação, o estudo das Indústrias de artefatos em osso. Por fim, discutiremos sobre o que é e quais são os processos envolvidos na domesticação dos animais?

Bibliografia Básica

CHAIX, L. and P. MENIEL. 2005. Manual de Arqueozoología. Barcelona: Ariel Prehistoria.

DAVIS, S. 1989. La Arqueologia de los animales. Barcelona: Bellaterra.

GASPAR, Maria Dulce, and Sheila M. SOUZA (org). 2013. Abordagens estratégicas em Sambaquis. Erechim: Habilis.

Bibliografia Complementar



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

- BISSARO, M.C. 2008. Tafonomia como ferramenta zooarqueológica de interpretação: viés de representatividade óssea em sítios arqueológicos, paleontológico e etnográfico. Dissertação de Mestrado, Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, Departamento de Ecologia.
- CASTILHO, P.V.; SIMÕES-LOPES, P.C. 2001. Zooarqueologia dos mamíferos aquáticos e semi-aquáticos da Ilha de Santa Catarina, sul do Brasil. *Revta bras. Zool.* 18(3): 719 – 727.
- FIGUTI, L. 1998. Estórias de arqueopescador. *Revista de Arqueologia da SAB* 11: 57-70.
- KLOKLER, D.M. 2013. Consumo Ritual, Consumo no Ritual: festins funerários e sambaquis. Goiânia, *Revista Habitus*, Volume 10, Numero 1: 83-104.
- KLOKLER ET AL. 2010. Juntos na costa: zooarqueologia e geoarqueologia de sambaquis do litoral sul catarinense. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 20: 53-75.
- MONDINI, M.; MUÑOZ, A.S. 2011. Aproximaciones y escalas de análisis en la zooarqueología y tafonomía sudamericanas. *Antipod. Rev. Antropol. Arqueol.* 13: 229-250.
- PACHECO M.L.A.F. Zooarqueologia dos sítios arqueológicos Maracaju 1, MS e Santa Elina, MT. 2008. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo.
- REITZ, E. & E. WING. 2008. *Zooarchaeology*. Cambridge Manuals in Archaeology.
- SCHEEL-YBERT, R., KLÖKLER, D., GASPAR, M. D. & L. FIGUTI. 2006. Proposta de amostragem padronizada para macro-vestígios bioarqueológicos: antracologia, arqueobotânica, zooarqueologia. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 15(16), 139-163.

OPTATIVA

Sexto Período

PRÁTICA DE CAMPO EM ARQUEOLOGIA II
Carga horária: 120 h

Ementa – Disciplina que permite ao aluno a participação em diferentes etapas de um trabalho de campo arqueológico, podendo envolver prospecção, delimitação de sítios escavação, além das diversas formas de documentação (fichas, diário, fotos, desenhos etc.). Sua participação estará associada a um projeto de pesquisa conduzido por um dos docentes.

Bibliografia Básica



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

RENFREW, C. e Bahn, P. 2004. Arqueologia: Teoria, Métodos y Practica. Madrid, Ediciones Akal SA.

ARAUJO, A. G. M. 2001. Teoria e Método em Arqueologia Regional: Um Estudo de Caso no Alto Paranapanema, Estado de São Paulo. Tese de Doutorado, FFLCH, Universidade de São Paulo: 55-86.

CALDARELLI, S. 1999. *Levantamento arqueológico em planejamento ambiental*. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, Suplementos 3. São Paulo, USP.

SANTOS, M. C. M. M. 2001. “A problemática do levantamento arqueológico na avaliação de impacto ambiental”. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, v. 11.

Bibliografia Complementar

BAHN, P. 1992. Collings Dictionary of Archaeology- ed. P. Bahn. Collins Publishers, London, UK.

LEROI-GOURHAN, A. 1990. O Gesto e a Palavra. Edições 70, Lisboa, PT.

EVANS, C & MEGGERS, B. 1965. Guia para prospecção arqueológica no Brasil. Belém, Goeldi.

RENFREW, C.; BAHN, P. 2004. Arqueologia : teoria, métodos y practica, Madrid, Ediciones Akal S.A.

BARKER P. 1996. Techniques of Archaeological excavations. B.T. Batsford.

ESTATÍSTICA APLICADA À ARQUEOLOGIA
Carga horária: 60 h

Ementa – Análise exploratória de dados. Noções de probabilidade. Amostragem e estimação. Testes de hipóteses.

Bibliografia Básica

LEVIN, J. 1987. Estatística Aplicada a Ciências Humanas. Editora Harbra, São Paulo.

VIEIRA, S.; HOFFMANN, R. 1990. Elementos de Estatística. Editora Atlas, São Paulo.

MINAYO, MARIA CECILIA DE S.; SANCHES, ODÉCIO. 1993. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262.

Bibliografia Complementar



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

AGRESTI, ALAN; FINLAY, BARBARA. 2012 Métodos estatísticos para as ciências sociais, 4ª edição. Penso, Porto Alegre.

CAPELA, M.V.; CAPELA, J.M.V. 2011. Elaboração de gráficos box-plot em planilhas de cálculo. Anais do Congresso de Matemática Aplicada e Computacional CMAC Sudeste. p. 361-364.

DRENNAN, R.D. 2009. Statistics for Archaeologists: A Commonsense Approach, 2ª edição. Plenum Press, New York.

LEVINE, D. M., BERENSON, M. L. e STEPHAN, D. 2000. – Estatística: Teoria e Aplicações usando o Excel. Rio de Janeiro: LTC.

ETNOARQUEOLOGIA
Carga horária: 60 h

Ementa – O surgimento da Etnoarqueologia. A Etnoarqueologia na formulação de hipóteses, modelos e teorizações sobre a formação do registro arqueológico. O conceito de Etnoarqueologia. A Etnoarqueologia no Brasil. Etnoarqueologia e Espacialidade. Etnoarqueologia e Subsistência. Etnoarqueologia e Variabilidade Artefactual.

Bibliografia Básica

DAVID, N. e KRAMER, C. 2002. Teorizando a etnoarqueologia e a analogia. Horizontes Antropológicos, 8 (8): 13-60.

NEVES, E. G. 2006. Tradição oral e arqueologia na história indígena do Alto Rio Negro. In: Forline, L. C.; Murrieta, R. S. S.; Vieira, I. C.G. (Orgs.), Amazonia: Além dos 500 anos, Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, pp.71-108.

SILVA, F. A. 2007. O significado da variabilidade artefactual: a cerâmica dos Asurini do Xingu e a plumária dos Kayapó-Xikrin do Cateté, Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, 2 (1): 91-103.

Bibliografia Complementar

POLITIS, G. 2002. Foragers of the Amazon: the last survivors or the first to succeed. In: McEwan, C.; Barreto, C.; e Neves, E. (Orgs.), Unknown Amazon, Culture in Nature in Ancient Brazil. London, The British Museum Press, pp.27-49.

BINFORD, L. 2012 Nunamiut Ethnoarchaeology, Werner Publications, Incorporated, Eliot.

SILVA, F. A. 2009. A etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas. Boletim do



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

Museu Paraense Emílio Goeldi 4(1):27-37.

POLITIS, G. 2009. NUKAK: Ethnoarchaeology of an Amazonian People. Social Science

WUST, I. 1992. Contribuições arqueológicas, etnoarqueológicas e etno-históricas para o estudo dos grupos tribais do Brasil Central: o caso Bororo. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia 2: 13-26

ANÁLISE DE MATERIAL LÍTICO
Carga horária: 60 h

Ementa – Análise e identificação de materiais líticos arqueológicos. Remontagem e representação gráfica de artefatos líticos recuperados em sítios pré-coloniais.

Bibliografia Básica

BUENO, L.M.R. 2004. Variabilidade nas indústrias líticas do Brasil entre o final do Pleistoceno e o Holoceno Médio: uma questão metodológica. Revista do CEPA, 28(39).

MANSUR, M.E. 1986/90. Instrumentos líticos: aspectos da análise funcional Arquivos do Museu de História Natural, Belo Horizonte, 11: 115-169.

PROUS, A. 1968/1990. Os artefatos líticos: elementos descritivos classificatórios. Arquivos do Museu de História Natural, vol.11, Belo Horizonte, UFMG.

Bibliografia Complementar

INIZAN, M. L.; ROCHE, H. & TIXIER, J. 1996. Technologie de la Pierre Taillée, CREP/CNRS.

ANDREFSKY, W. 1998. Lithics - macroscopic approaches to analysis, Cambridge University Press, 258p.

BUENO, L. & ISNARDIS, A. (Eds.) 2007. Das Pedras ao Homem, Argumentum, Belo Horizonte.

LAMING-EMPERAIRE, A. 1967. Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul, Curitiba, CEPA, 155p.

PROUS, André. 2004. Apuntes para análises de indústrias líticas. Ortegalia, n.2. Fundación Federico Maciñera. Ortigueira, Espanha.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

Sétimo Período

PROJETO DE PESQUISA
Carga horária: 60 h

Ementa – Normas da ABNT. O projeto de pesquisa. A escolha do tema/problema. A definição dos objetivos. A formulação das hipóteses. O referencial teórico e a operacionalização dos conceitos. Orientações para elaboração da revisão bibliográfica; A internet como fonte de pesquisa. Escolha dos métodos, técnicas e instrumentos de pesquisa. Definição espacial e temporal da pesquisa. População ou amostra. A análise dos dados. Cronograma e orçamento. Referências bibliográficas.

Bibliografia Básica

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. 2002. NBR 10520. Apresentação de citação em documentos. Rio de Janeiro.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. 2002. NBR 6023: Informação e documentação, referências, elaboração. Rio de Janeiro.

DEMO, Pedro. 2000. Metodologia do Conhecimento Científico. São Paulo: Atlas. 216 p.

Bibliografia Complementar

ECO, Umberto. 2003. Como se faz uma tese. 18. ed. São Paulo: Perspectiva. 170 p.

GIL, Antonio Carlos. 1999. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas. 206 p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. 2001. Metodologia do trabalho científico. 6.ed. São Paulo: Atlas. 219 p.

SALOMON, Délcio Vieira. 2004. Como fazer uma monografia. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes. 425 p.

SEVERINO, Antonio Joaquim. 2008. *Metodologia do trabalho científico*. 23 ed. São Paulo: Cortez.

OPTATIVA

OPTATIVA

OPTATIVA

OPTATIVA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

Oitavo Período

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
Carga horária: 120 h

Ementa – Encontros periódicos com o orientador para elaboração da monografia. Forma e conteúdo da pesquisa, orientação bibliográfica e elaboração do trabalho de conclusão de curso.

Bibliografia Básica

BECKER, Howard. 1993. Métodos de pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: Hucitec.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In, _____. O trabalho do antropólogo. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Unesp, 1998, p. 17-36.

WEBER, Florence; BEAUD, Stéphane. 2007. Guia para a Pesquisa de Campo: Produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis: Vozes.

OLIVEIRA, Jorge Leite de. 2009. Texto Acadêmico: Técnicas de redação e de Pesquisa Científica. 6 ed. Petrópolis: Vozes, p. 145-209 (Sobre monografias, artigos, ensaios e regras de citação)

Bibliografia Complementar

GIL, Antonio Carlos. 2009. Como elaborar um projeto de Pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas.

SEVERINO, Antonio Joaquim. 2008. Metodologia do trabalho científico. 23 ed. São Paulo: Cortez.

BOURDIEU, Pierre. 1997. Compreender. In, _____. A miséria do mundo. Petrópolis: Vozes, p. 693-713.

MICHELAT, Guy. 1982. Sobre a utilização da entrevista não diretiva em sociologia. In, THIOLENT, Michel. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo: Polis, p. 191-212.

VAN VELSEN, J. 1987. A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado. In, FELDMAN-BIANCO (org). Antropologia da sociedade contemporânea. Métodos. São Paulo: Global, p. 345-374.

OPTATIVA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO**

DISCIPLINAS OPTATIVAS ARQUEOLOGIA

**ANÁLISE DE MATERIAL ÓSSEO
Carga horária: 60 h**

Ementa – Identificação de elementos ósseos. Diferenciação entre humanos e animais. Contagem de número mínimo de indivíduos. Tratamentos dos ossos (cremação, descarnamento, etc.). Acondicionamento. Estimativa de idade e sexo. Tafonomia

Bibliografia Básica

DIAS, O., E CARVALHO, M. ZIMMERMANN., 2006, Estudos Contemporâneos de Arqueologia – in memoriam Lilia Cheuiche Machado. IAB e UNITINSNUTA.

ABRAHAMS, P. e R. HUTCHINGS. 2005. Atlas Colorido de Anatomia Humana de McMinn.

MACHADO, L. C. 2006. Os sepultamentos, contextos arqueológicos e dados bioesqueletais In. Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB), no12.

Bibliografia Complementar

BUIKSTRA, J.E. & UBELAKER, D.H. 1994, Standards for data collection from human skeletal remains. Arkansas: Arkansas Archaeological Survey.

HILLSON, S. 2005. Teeth. Cambridge University Press.

SCHEUER, L e BLACK, S. 2000. Developmental Juvenile Osteology. Academic Press.

WHITE, T. e P. A. FOLKENS. 2000, Human Osteology, Second Edition, Academic Press.

FRANCE, D.L. 2009. Human and non-human bone identification: a color atlas. CRC Press, Boca Raton.

**ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA DA GUERRA
Carga horária: 60 h**

Ementa – Este curso pretende mostrar o enfoque antropológico e arqueológico ao fenômeno da guerra. Pretende, ademais, proceder a uma reflexão sobre os conceitos, as ferramentas e os limites éticos a uma antropologia da guerra e na guerra. Vamos conceitualizar a guerra enquanto fenômeno independente de outras formas de conflito, mostrando como historicamente ele foi alvo da reflexão de pensadores. Pretendemos situar o conceito de guerra em diferentes abodagens. Por um lado, aquelas que negam aos povos “primitivos” a guerra e circunscrevem



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

seus conflitos no âmbito do ritual ou da vendeta. Por outro, aquelas que abordam o fenômeno, notadamente universal, como de um único tipo, independente da sociedade estudada. Vamos discutir algumas das abordagens da antropologia e da arqueologia ao fenômeno guerreiro, contrastando a proposição, sobretudo dos arqueólogos, de que “guerras fazem estados” com a proposição de alguns filósofos contemporâneos de que a “máquina de guerra” agiria *contra* o “aparelho de Estado”. Finalmente, vamos discutir algumas etnografias, vindas de diferentes paisagens etnográficas, de fenômenos guerreiros, à luz dos conceitos trabalhados ao longo do curso.

Bibliografia Básica

- LEIRNER, Piero C. 2005. “Perspectivas Antropológicas da Guerra” in: BIB. Boletim Informativo Bibliográfico Brasileiro em Ciências Sociais. Nr 60. Pp.: 43-63.
- KEELEY, Lawrence. 2005. “O Passado Pacificado. A Antropologia da Guerra”. In: A Guerra Antes da Civilização. O Mito do Bom Selvagem. São Paulo: Editora É Realizações.
- MALINOWSKI, Bronislaw. 1941. “Un Análisis Antropológico de la Guerra” in: Revista Mexicana de Sociología. Vol 3. Nr 4. (4th Qtr.) 11-149.
- CARNEIRO, Robert. 1970. “A theory of the Origin of the State”. In: Science. 469: 733-738.
- CLASTRES, Pierre. 2003 A Sociedade Contra o Estado. São Paulo: Cosac&Naify
- NEVES, Eduardo Goes. "Warfare in Precolonial Central Amazonia When Carneiro Meets Clastres." Warfare in Cultural Context: Practice, Agency, and the Archaeology of Violence 3 (2009): 139.

Bibliografia Complementar

- DELEUZE, Gilles. & GUATTARI, Félix. 2012. “Tratado de Nomadologia: a máquina de guerra” in: Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia Vol. 5. São Paulo: Editora 34.
- LÉVI-STRAUSS. 1976 [1942] “Guerra e comércio entre os índios da América do Sul”, in SCHADEN, E. (ed.), Leituras de etnologia brasileira, São Paulo, Cia. Editora Nacional, p. 325-39.
- CLASTRES, P. 2004 “O Infortúnio do Guerreiro Selvagem” in: A Arqueologia da Violência. São Paulo”: Cosac & Naify.
- CARNEIRO DA CUNHA, M. & VIVEIROS DE CASTRO, E. 1985. “Vingança e Temporalidade: os Tupinambá” in: Journal de la Société des Américanistes. Tome 71. 191-208.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2002. “A Imanência do Inimigo” in: A Inconstância da Alma Selvagem. São Paulo: Cosac&Naify. 265-294.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO**

**ARQUEOLOGIA DAS AMÉRICAS
Carga horária: 60 h**

Ementa – Caracterização da diversidade social e pluralidade cultural das sociedades pré-colombianas, através dos processos de ocupação dos povos indígenas da América, dos processos de transformação e de diferenciação das sociedades ao longo dos milênios, com ênfase nas civilizações andinas e mesoamericanas.

Bibliografia Básica

IEDEL, Stuart. 1996. Prehistoria de América. Barcelona, Crítica. 436 p

MEGGERS, Betty G. 1979. América pré-histórica. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

NEVES, Walter A.; PILÓ, Luís Beethoven. 2008. O povo de Luzia: em busca dos primeiros americanos. Rio de Janeiro: Globo.

REVISTA DA USP, v. 34 (Dossiê Surgimento do Homem na América). São Paulo, 1997.

SILVA, H.P.; RODRIGUES-CARVALHO, C. 2006. Nossa Origem: O povoamento da América, visões multidisciplinares. Rio de Janeiro: Viera & Lent Casa Editorial.

Bibliografia Complementar

FAVRE, H. A 1972. Civilização Inca. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

GENDROP, P. A 1972. Civilização Maia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

SOUSTELLE, J. 1972. A Civilização Asteca. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

**ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM
Carga horária: 60 h**

Ementa – Apresenta o conceito de paisagem, a história do seu desenvolvimento teórico e visão atual como algo socialmente construído, na Amazônia e em outras sociedades. Discute exemplos que mostram de que maneira a paisagem foi apropriada e ativamente moldada. Conceito de paisagem; uso de paisagem em geografia e outras ciências sociais; teoria de paisagem; conceitos de sítios e espaços; construção social de paisagem; paisagens antropogênicas; temporalidade das paisagens; paisagens na Amazônia e em outras sociedades; aplicações do conceito de paisagem em estudos de geoarqueologia, território, megálitos, monumentos, espaços urbanos e patrimônio.

Bibliografia Básica



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

- BALEÉ, W. 2008. Sobre a indigeneidade das paisagens. *Revista de Arqueologia* 21(2): 9-23.
- CABRAL, M.P.; SALDANHA, J.D.M. 2008. Paisagens megalíticas na costa norte do Amapá. *Revista de Arqueologia* 21(1): 9-26.
- FAGUNDES, M. 2014. Natureza e cultura: estudo teórico sobre o uso conceito de paisagem nas ciências humanas. *Revista Tarairiú*, Ano V, 1(07): 32-54.

Bibliografia Complementar

- ASHMORE, W. & A. B. KNAPP (Eds.). 1999. *Archaeologies of Landscape: Contemporary Perspectives*. Blackwell Publishing.
- AMARAL, I. 2001. Acerca de paisagem: apontamos para um debate. *Finisterra* 36(72): 75-81.
- DAVID, B. & J. THOMAS (Eds.). 2010. *Handbook of Landscape Archaeology (World Archaeological Congress Research)*. Routledge.
- DOMINGUES, Á. 2001. A paisagem revisitado. *Finisterra* 36(72): 55-66.
- FAGUNDES, M.; PIUZANA, D. 2010. Estudo teórico sobre o uso conceito de paisagem em pesquisas arqueológicas. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 8(1): 205-220.
- JORGE, V.O. 2002. Arqueologia dos monumentos da Pré-história recente – algumas sugestões interpretativas. *Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Património*, Porto. 1(1): 13-26.
- LEONARDI, M. 2007. Paisagem Urbana e Arqueologia. *Art Textos* 5:59-73.
- LUI, G. H.; MOLINA, O. M. G. 2009. Ocupação humana e transformação das paisagens na Amazônia brasileira. *Amazônica* 1(1): 200-228.
- MATALOTO, R. 2007. Paisagem, memória e identidade: tumulações megalíticas no pós-megalitismo alto-alentejano. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 10(1): 123-140.
- SILVA, F. A.; BESPALAZ, E.; STUCHI, F. F. 2011. Arqueologia colaborativa na Amazônia: Terra Indígena Kuatinemu, Rio Xingu, Pará. *Amazônica* 3 (1): 32-59.
- OOSTERBEEK, L. Ordenamento cultural de um território. Em *Gestão Cultural do Território*, Coleção Públicos Nº 4, coordenação José Portugal e Susana Marques, p. 28-38.
- OOSTERBEEK, L.; REIS, M. G. O. 2012. Terras de preto em terras da Santa: Itamatatiua e as suas dinâmicas quilombolas. *Cadernas de Pesquisa*, São Luís, 19(1): 7-15.
- PELLINI, J. R. 2009. Uma Conversa sobre Arqueologia, Paisagem e Percepção com Robin o Bom Camarada. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 19: 21-37.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO**

PESAVENTO, S. J. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. Cadernos do LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio 2(4): 9-17. 2005.

SALGUEIRO, T. B. 2001. Paisagem e geografia. Finisterra, 36 (72): 37-53.

SCHAAN, D.; PÄRSSINEN, M.; RANZI, A. e PICCOLI, J. C. 2007. Geoglifos da Amazônia Ocidental: evidência de complexidade social entre povos de terra firme, Revista de Arqueologia, (Belém) São Paulo, 20: 67-82.

SOUSA, A. C. 2005. Arqueologia da paisagem e a potencialidade interpretativa dos espaços sociais. Habitus 3(2): 291-300.

**ARQUEOLOGIA EXPERIMENTAL
Carga horária: 60 h**

Ementa – Testar através de métodos e técnicas tradicionais ou de hipóteses construídas para chegar a reconstituir a cadeia operatória de construção, utilização e descarte ou reconstrução de artefatos arqueológicos.

Bibliografia Básica

COLES, J. 1977. Arqueologia experimental. Lisboa: Livraria Bertrand.

PROUS, ANDRÉ; ALONSO M.; PILÓ, H.; XAVIER, L. A. F.; LIMA, ÂNGELO P.; SOUZA, G. N. 2002. Os machados pré-históricos no Brasil: descrição de coleções brasileiras e trabalhos experimentais. Canindé, Xingó, nº 2.

BUENO, L. & ISNARDIS, A. (Eds.) 2007. Das Pedras ao Homem, Argumentum, Belo Horizonte.

Bibliografia Complementar

STONE, P. G. e PLANEL, P. G. (ed.) 1999. The constructed Past - Experimental archaeology, education and the public. One World Archaeology. Routledge.

RENFREW, C.; BAHN, P. 2004. Arqueologia: teoria, metodos y practica, Madrid, Ediciones Akal S.A.

GREEN, L. F.; GREEN, D. ; NEVES, E. G. 2003. Indigenous knowledge and archaeological science. Journal of Social Archaeology, Estados Unidos, v. 3, n. 3, p. 366-398

TRINGHAM, Ruth. 1978. Experimentation, ethnoarchaeology, and the leapfrogs in archaeological methodology. in: Gould, Richard A. (editor): Explorations in ethnoarchaeology. Albuquerque, pp 169–199.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

MATHIEU, James R. (Ed). 2002. Experimental archaeology, replicating past objects, behaviors and processes, BAR International Series 1035, Oxford.

ARQUEOLOGIA PÚBLICA E DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL
Carga horária: 60 h

Ementa – A disciplina discute os significados do patrimônio arqueológico para populações locais, os processos de constituição de identidades, os aspectos públicos da disciplina, os discursos científicos, a multivocalidade e os princípios da Educação Patrimonial. Apresenta os fundamentos da gestão do patrimônio arqueológico no âmbito da arqueologia consultiva, com ênfase na legislação ambiental aplicada à Arqueologia.

Bibliografia Básica

ALMEIDA, M. B. de. 2003. O público e o patrimônio arqueológico: reflexões para a arqueologia pública no Brasil. *Habitus*, v.2., n.1.

ANDRADE LIMA, T. 1988. Patrimônio arqueológico, ideologia e poder. In: *Revista de Arqueologia*, Rio de Janeiro: SAB, v.5, n.q.

_____. 2001. A proteção do patrimônio arqueológico no Brasil: omissões, conflitos, resistências. *Revista de Arqueologia Americana*, nº 20, México, Instituto Panamericano de Geografia e Historia, Organización de los Estados Americanos, pp 53-79.

Bibliografia Complementar

CURY, I. (org.) 2004. *Cartas patrimoniais*. 3ª ed., Rio de Janeiro, IPHAN.

FERREIRA DA SILVA, C.E. & LOPES, E. 1996. Coletânea da Legislação de Proteção ao Patrimônio Cultural. In *Atas do Simpósio sobre Política Nacional do Meio Ambiente e Patrimônio Cultural. Repercussões dos Dez Anos da Resolução CONAMA nº 001/86 sobre a Pesquisa e a Gestão dos Recursos Culturais no Brasil*. Universidade Católica de Goiás / Fórum Interdisciplinar para o Avanço da Arqueologia, pp 197-225.

FUNARI, P., N. V. Oliveira e E. Tamanini. 2005 *Arqueologia para o público leigo no Brasil: três experiências*. In: *Identidades, discurso e poder*, editado por Pedro Funari, Charles Orser y Solange Nunes de Oliveira Schiavetto, pp 105-116. Annablume Editora-Fapesp, São Paulo.

KERN, A. A. 1995. A Carta Internacional da Arqueologia e os critérios básicos para a intervenção em sítios arqueológicos. *Anais da VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pp 17-47.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

PINHEIRO DA SILVA, R.C. 1996. Compatibilizando os instrumentos legais de preservação arqueológica no Brasil: o Decreto-Lei nº 25/37 e a Lei nº 3. 924/61. Revista de Arqueologia vol. 9, pp 9-23.

Constituição Federal de 1988

Cartas Patrimoniais: Cartas de Nova Delhi, Lausanne, Veneza, Resolução de São Domingos.

Códigos de Ética

Legislação de preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro

Lei Federal nº 3. 924/1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos
Portaria 07/1988, que regulamenta a realização de pesquisas arqueológicas no Brasil.

Resolução Conama nº 001/1986, que estabelece os critérios ediretrizes para a implementação da Avaliação de Impacto Ambiental como instrumento da Política Nacional de Meio Ambiente.

Portaria nº 230/2002, que institui os procedimentos em arqueologia para obtenção de licenças ambientais.

Portaria nº 28/2003, que estabelece procedimentos complementares no caso das usinas hidrelétricas.

ARQUEOLOGIA REGIONAL DOS RIOS TAPAJÓS-TROMBETAS
Carga horária: 60 h

Ementa – O curso pretende discutir as evidências arqueológicas conhecidas para a região abrangida pelo rio Tapajós, o baixo Amazonas e a bacia do Nhamundá-Trombetas e a partir delas abordar discussões acerca da relação homem-ambiente, complexidade cultural e agência, dentre outros. Estas evidências apontam para recuados processos de manejo de recursos vegetais; para a subsequente domesticação de plantas e de ambientes (associadas a processos de colonização por possíveis falantes de línguas do tronco linguístico Arawak); para o aumento populacional em torno do ano 1000dC, potencialmente relacionados a expansão de falantes de línguas caribe; para movimentações territoriais ameríndias ocorridas após a conquista portuguesa. Em sessões no laboratório, os estudantes poderão manusear alguns dos materiais cerâmicos referentes a estes diferentes momentos. O período colonial será discutido com base em textos etnohistóricos e históricos. Por fim, debateremos o papel da Arqueologia frente ao atual contexto de conflito social relacionado ao programa de construção dos Complexos Hidrelétricos Tapajós e Teles Pires.

Bibliografia básica



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

GUAPINDAIA, Vera Lúcia Calandrini. 2008. *Além da margem do rio: a ocupação Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA*. Tese (Doutorado em Arqueologia). São Paulo, Universidade de São Paulo.

MENÉNDEZ, Miguel Angel. 2006 [1992]. “A área Madeira-Tapajós: situação de contato e relações entre colonizador e indígenas”. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, pp. 281-296.

NIMUENDAJÚ, Curt U. 1953. “Os Tapajó”. In: *Revista de Antropologia*, v.1, nº1. São Paulo, FFLCH/USP, pp. 53-61.

ZUCCHI, Alberta. 1985. “Evidencias arqueológicas sobre posibles grupos de lenguas Caribe”. In: *Antropológica*, nº63-64. Caracas, Fundación La Salle de Ciencias Naturales, pp. 23-44.

Bibliografia complementar

CRUXENT, José María; ROUSE, Irving. 1958. *An archaeological chronology of Venezuela*. Washington, D.C., Pan American Union.

GOMES, Denise. 2008. *Cotidiano e Poder na Amazônia Pré-Colonial*, São Paulo, Edusp.

MEGGERS, Betty J.; EVANS, Clifford. 1961. “An experimental formulation of horizon styles in the tropical forest area of South America”. In: LOTHROP, Samuel K. (org.). *Essays in pre-columbian art and archaeology*. Cambridge, Harvard University Press, pp. 372-388.

PALMATARY, Helen Constance. 1960. “The archaeology of the lower Tapajós valley, Brazil”. In: *Transactions of the American Philosophical Society*, v.6. Filadélfia, American Philosophical Society, pp. 1-221.

PARDI, Maria Lucia Franco. 1995-1996. “Frentes de expansão: seu potencial e impacto sobre o patrimônio arqueológico – o caso da Amazônia mato-grossense e a partir de um reconhecimento de 14 CR/IPHAN”. In: *Anais da VIII Reunião Científica PUC/RS*, v.1, nº1, Porto Alegre, EDIPUCRS, pp. 289-306.

ROOSEVELT, Anna Curtenius; HOUSLEY, Rupert A.; SILVEIRA, Maura Imazio da; MARANCA, Silvia; JOHNSON, Richard. 1991. “Eighth millennium pottery from a prehistoric shell midden in the Brazilian Amazon”. In: *Science*, v.254, nº5038. Washington D.C., American Association for the Advancement of Science, pp. 1621-1624.

ROOSEVELT, Anna Curtenius; LIMA DA COSTA, Marcondes; LOPES MACHADO, Christiane; MICHAH, Mostafa; MERCIER, Norbert; VALLADAS, Hélène; FEATHERS, James; BARNETT, William; SILVEIRA, Maura Imazio da; HENDERSON, Andrew J.; SLIVA, Jane; CHERNOFF, Barry; REESE, David S.; HOLMAN, J. Alan; TOTH, Nicholas; SCHICK, Kathy. 1996. “Paleoindian cave dwellers in the Amazon: the peopling of the



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO**

Americas". In: *Science*, v.272, nº5260. Washington D.C., American Association for the Advancement of Science, pp. 373-384.

STUCHI, Francisco F. 2010. *A ocupação da Terra Indígena Kaiabi (MT/PA): História indígena e etnoarqueologia*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). São Paulo, Universidade de São Paulo.

**CAÇADORES-COLETORES
Carga horária: 60 h**

Ementa – O conceito de caçador-coletor. Estratégias de manejo ambiental de caçadores-coletores. A diversidade cultural dos caçadores-coletores no período pré-colonial no Brasil. Caçadores-coletores e etnoarqueologia.

Bibliografia Básica

BUENO, L. & ISNARDIS, A. (Eds.) 2007. *Das Pedras ao Homem*, Argumentum, Belo Horizonte.

BUENO, L. 2011. Um estudo da variabilidade formal das flechas Xikrin a partir de uma perspectiva arqueológica. In: Fabiola Andrea Silva; Cesar Gordon. (Org.). *Xikrin. Uma coleção etnográfica*. 1ª ed. São Paulo: eEdusp, v. , p. 151-172

POLITIS, G., 1996. *Nukak*. Instituto Amazónico de Investigaciones Científicas – SINCHI, Bogotá.

Bibliografia Complementar

CUNHA, M. C. da (org.). 1992. *História dos índios no Brasil*. São Paulo : FAPESP/SMC/Cia das Letras.

NEVES, W.A. & PILÓ, L.B. 2008. *O Povo de Luzia*. São Paulo, Editora Globo.

PEREIRA, E. e V. GUAPINDAIA. 2010. *Arqueologia Amazônica (Vol. 1 e 2)*. MPEG.

POLITIS, Gustavo, Gustavo Martínez and Julián Rodríguez, 1997. Caza, recolección y pesca como estrategia de explotación de recursos en forestas tropicales lluviosas: los Nukak de la amazonía colombiana. In *Revista Española de Antropología Americana* No. 27, pp. 167-197.

PROUS, A. 1992. *Arqueologia brasileira*. Brasília: Ed. UnB.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS
Carga horária: 60 h

Ementa – Formação de contextos arqueológicos. Processos naturais e processos culturais. Sedimentação. Alterações do solo. Definição de vestígios. Ecofatos.

Bibliografia Básica

BINFORD, L. 1991. A tradução do registro arqueológico. Em busca do Passado. Lisboa, Europa/América. 28-36

SCHIFFER, M. B. 1987. A natureza da evidência arqueológica. Formation Processes of the Archaeological Record: 3-11.

RENFREW, C.; BAHN, P. 2004. Arqueologia: teoria, metodos y practica, Madrid, Ediciones Akal S.A.

Bibliografia Complementar

GASPAR, M.D. 2000. Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MARTIN, G. 1999. Pré-história do nordeste do Brasil. 3.ed. Atual. Recife: UFPE

POLITIS, G., 1996. Nukak. Instituto Amazónico de Investigaciones Científicas – SINCHI, Bogotá

ROOSEVELT, Anna. 1991. Moundbuilders of the Amazon: Geophysical Archaeology on Marajó Island, Brazil. San Diego: Academic Press.

ZEDEÑO, M. I B.J. BROWSER (Eds). 2009. The archaeology of meangninful places. Salt Lake City. The University of Utah. 1-14.

CULTURA MATERIAL
Carga horária: 60 h

Ementa – Definição de cultura para a arqueologia. Caracterização do conjunto de suportes materiais, contemporâneos ou pretéritos que permitem a compreensão das sociedades: a paisagem, todas as classes de artefatos, o corpo e as moradias (sítios). A interpretação arqueológica a partir dos artefatos e a reconstituição dos modos de vida das sociedades pretéritas.

Bibliografia Básica



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO**

MENESES, U.B. 1983. A cultura material no estudo das sociedades antigas. Revista de História, São Paulo, 15 (nova série): 103-112.

MAUSS, M. 1974. As técnicas corporais. In Sociologia e Antropologia, EDUSP. v. 2 203-231

BOLETIM CIÊNCIAS HUMANAS – MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI, Dossiê de Cultural Material, v.6, n.1, Janeiro/abril de 2011

Bibliografia Complementar

PROUS, A. 1992. Arqueologia brasileira. Brasília: UNB.

SAHLINS, M. 1979. La Pensée Bourgeoise. In: Cultura e Razão Prática. Zahar Ed. pp. 185-.

HODDER, I. 1999. Interpreting material culture. In. The archaeological process. 66-78

GUMERMAN, G. J. (ed). 1974. The distribution of prehistoric populations aggregates.

RENFREW, COLIN E PAUL BAHN. 2004. Arqueología: Teorías, Métodos y Práctica. Barcelona: Ediciones Akal.

**FUNDAMENTOS DOS SIG E GPS PARA ARQUEOLOGIA
Carga horária: 60 h**

Ementa – Usos e aplicações do SIG. Principais tópicos: modelos, sistemas de coordenadas espaciais, coleta e gerenciamento de dados do campo ao laboratório, análise de terrenos, interpolação de dados. O uso de novas tecnologias provenientes das Geociências e Ciências Espaciais fornecem excelentes ferramentas para se trabalhar com coleta e análises de dados em sítios arqueológicos. O curso é uma introdução a essas novas tecnologias com atividades práticas e trabalhos em laboratório. Arqueologia da Paisagem e SIG. Como o SIG pode auxiliar a construir um modelo de ocupação da Amazonia Pre-Colonial. Construção de um cadastro de sítios arqueológicos na região de Santarém: georeferenciamento de sítios, mapeamento, descrição de artefatos coletados. Como elaborar um bando de dados de sítios arqueológicos.

Bibliografia Básica

BRANDAO, P.C. et alli. 2010. Caracterização de geoambientes da floresta nacional do purus, Amazônia ocidental: uma contribuição ao plano de manejo. Rev. Árvore vol. 34 no.1.

CHAPMAN, H. 2006. Landscape in Archaeology and GIS. Tempus Publishing.

FRIEDMAN, R.A.; STEIN, J.R.; BLACKHORSE T. 2003. A Study of a Pre-Columbian Irrigation System at Newcomb, New Mexico, Journal of GIS in Archaeology, volume I



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

Bibliografia Complementar

GRAIG, N.; ALDENDERFER, M. 2003. Preliminary Stages in the Development of a Real-Time Digital Data Recording System for Archaeological Excavation Using ArcView GIS 3.1. Journal of GIS in Archaeology, Volume I

EL-RABBANY, A. 2006. Introduction to GPS, GNSS.

JOHNSON, I. WILSON, A. 2003. The TimeMap Project: Developing Time-Based GIS Display for Cultural Data Journal of GIS in Archaeology, Volume I

MEHRER, M.W.; WESCOTT, K.L. 2005. GIS and Archaeological Site Location Modeling

ZARIN, D.J. et al. 2001. Landscape Change in Tidal Floodplains near the Mouth of the Amazon River. Forest Ecology and Management 154:383-393.

<http://www.palm.com.br/geosfera>

<http://www.ciagri.usp.br/ppap>

<http://www.decide-geo.com.br>

<http://webcache.googleusercontent.com/>

<http://www.cieg.ufpr.br/projetogeo.ciegufpr.pdf>

<http://labgeo.blogspot.com/>

<http://www.esri.com/industries/archaeology/index.html>

GEOMORFOLOGIA AMAZÔNICA

Carga horária: 60 h

Ementa – História da evolução da paisagem. Formação da bacia Amazônica. Soerguimento dos Andes, Formações litológicas. Unidades estratigráficas. Formação de terraços aluviais. Processos de erosão e sedimentação. Formação dos rios de águas claras, brancas, negras. Áreas de várzea e áreas de terra firme.

Bibliografia Básica

AB'SABER, A.N. Paleoclima e Paleoecologia da Amazônia Brasileira. In: Amazônia do Discurso a Praxis, 2ª ed. Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

AB'SABER, A.N. Problemas Geomórficos da Amazônia Brasileira. In: Amazônia do Discurso a Praxis, 2ª ed. Editora da Universidade de São Paulo, 2004.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

AQUINO, S., J. C. STEVAUS & E. M. LATRUBESSE 2010. Regime hidrológico e aspectos do comportamento morfohidráulico do rio Araguaia. *Revista Brasileira de Geomorfologia*.

Bibliografia Complementar

AB'SABER, A.N. 2002. Bases para o estudo dos ecossistemas da Amazônia brasileira. *Estudos Avançados*, 16, 7-30.

HORBE, A. M. C. 2003. Origem dos depósitos de areias brancas no nordeste do Amazonas. *Revista Brasileira de Geociências*, 33, 41-50.

LARIZZATTI, J. H. & S. M. B. OLIVEIRA. 2007. Evolução geoquímica e balanço de massa na formação e degradação de perfis lateríticos encouraçados na área da Fazenda Pison, Vale Do Rio Tapajós, Amazônia Central. *Revista Brasileira de Geociências*, 35

SINHA, R., E. M. LATRUBESSE & J. C. STEVAUX. 2010. Grandes sistemas fluviais tropicais: uma visão geral. *Revista Brasileira de Geomorfologia*.

QUEIROZ, M. M. A., A. M. C. HORBE, P. SEYLER & C. A. V. MOURA. 2009. Hidroquímica do rio Solimões na região entre Manacapuru e Alvarães–Amazonas–Brasil. *Acta Amazonica*, 39.

**INTRODUÇÃO À ANATOMIA COMPARADA E PREPARAÇÃO DE COLEÇÕES
OSTEOLÓGICAS**
Carga horária: 60 h

Ementa – Introdução à Zooarqueologia. Introdução à Anatomia Comparada. Diversidade zoológica dos vertebrados. Organização básica de esqueletos de mamíferos, peixes, répteis e aves. Preparação osteológica e organização de coleções biológicas de referência.

Bibliografia básica

KONIG, H. E., & LIEBICH, H. G. 2002. Anatomia dos animais domésticos: texto e atlas colorido. Artmed.

OLIVEIRA, M.D.B.G., SOUZA, S.M.F.M. (Orgs.) 2013. *Abordagens Estratégicas em Sambaquis*. Erechim/RS: Habilis Editora Ltda.

REITZ, E.J.; WING, E. S. 1999. *Zooarchaeology*. Cambridge University Press.

Bibliografia complementar



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO**

HORARD-HERBIN, M.P.; VIGNE, JD. 2005. Animaux, environnements et sociétés. Paris, Errance.

CHAIX, L.; MÉNIEL, P. 1996. Eléments d'archéozoologie. Paris, Errance.

WHEELER, A.; JONES, A.K.G. 1989. Fishes. Cambridge manuals in archaeology. Cambridge University Press. Reports from the EAU. York, Report 94.

BARONE, R. 1986. Anatomie comparée des mammifères domestiques. Tome 1. Ostéologie.

NELSON, J. S. 2006. Fishes of the World. Wiley.

**LABORATÓRIO DE TEXTOS ARQUEOLÓGICOS E ANTROPOLÓGICOS I
Carga horária: 60 h**

Ementa – A disciplina irá apresentar e discutir com os discentes indígenas e quilombolas as noções e conceitos gerais da Arqueologia e Antropologia. Além disso, serão exercitados os métodos de aprendizagem. Esta é uma disciplina continuada cujo objetivo principal é garantir a permanência e auxílio de aprendizagem de discentes indígenas e quilombola, dessa forma, atuando dentro das políticas de ações afirmativas e educação intercultural. Neste primeiro módulo são trabalhados, além de conceitos introdutórios da Arqueologia e Antropologia, as formas básicas de avaliações (fichamento, resenha, resenha crítica, seminário) e estruturação do texto acadêmico.

Bibliografia básica

DA MATTA, Roberto. 1981. *Relativizando. Uma Introdução à Antropologia*. Petrópolis: Vozes.

JOHNSON, Matthew. 2000. *Teoría Arqueológica: una introducción*. Barcelona: Ariel.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. 2001. *Metodologia do trabalho científico*. 6.ed. São Paulo: Atlas. 219 p.

Bibliografia Complementar

CANDAU, V.M. 2009. *Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7Letras.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. 2014. *Intelectuais indígenas, interculturalidade e educação* Universidade Católica Dom Bosco Campo Grande Tellus, ano 14.

MEC. 2006. *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais*. BRASÍLIA.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

SILVA, Luciano Pereira da. 2007. Arqueologia e ensino superior indígena: uma experiência na Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Barra do Bugres 2006-2007. Mestrado em História. Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados.

SOUZA LIMA; HOFFMANN (org). 2007. Desafios para uma Educação superior para os povos indígenas no Brasil: Políticas públicas de ação afirmativa e direitos culturais diferenciados. LACED – Departamento de Antropologia, Museu Nacional-UFRJ. Rio de Janeiro.

LABORATÓRIO DE TEXTOS ARQUEOLÓGICOS E ANTROPOLÓGICOS II
Carga horária: 60 h

Ementa – A disciplina irá apresentar e discutir com os discentes indígenas e quilombolas as noções e conceitos gerais da Arqueologia e Antropologia. Além disso, serão exercitados os métodos de aprendizagem. Esta é uma disciplina continuada cujo objetivo principal é garantir a permanência e auxílio de aprendizagem de discentes indígenas e quilombola, dessa forma, atuando dentro das polícias de ações afirmativas e educação intercultural. Neste segundo módulo da disciplina são trabalhados conceitos metodológicos, teóricos e práticos da Arqueologia e Antropologia. Também será dada continuidade no aprimoramento das técnicas de escrita e apresentação de trabalho (fichamento, resenha, resenha crítica, seminário) e estruturação do texto acadêmico.

Bibliografia básica

GIL, Antonio Carlos. 1999. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas.

MAYR, Lucy. 1984. *Introdução à Antropologia social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

RENFREW, C. e Bahn, P. 2004. Arqueologia: Teoria, Métodos y Practica. Madrid, Ediciones Akal SA.

Bibliografia Complementar

CANDAU, V. M.; RUSSO, K. 2010. Interculturalidade e educação na América Latina: uma construção plurão, original e complexa. Ver. Diálogos Educacionais. Curitiba, v.10, n.29.

LUCIANO, Gersem dos Santos. 2009. O papel da universidade sob a ótica dos povos e acadêmicos indígenas. Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande. NASCIMENTO et al. Povos indígenas e sustentabilidade: saberes e práticas interculturais nas universidades.

MEC. 2006. Uma história do povo Kalunga – livro do aluno (2ª edição).

SILVA; ET AL. 2012. Indígenas na universidade brasileira: sonho, esperança ou pesadelo. Universidade de Brasília. Revista Tempus Actas de Saúde Coletiva, v.6, n. 1.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO**

SOUZA LIMA, Antônio Carlos de (org). 2016. A educação superior de indígenas no Brasil: Balanços e perspectivas LACED – Departamento de Antropologia, Museu Nacional-UFRJ. Rio de Janeiro.

**LABORATÓRIO DE TEXTOS ARQUEOLÓGICOS E ANTROPOLÓGICOS III
Carga horária: 60 h**

Ementa – A disciplina irá apresentar e discutir com os discentes indígenas e quilombolas as noções e conceitos gerais da Arqueologia e Antropologia. Além disso, serão exercitados os métodos de aprendizagem. Esta é uma disciplina continuada cujo objetivo principal é garantir a permanência e auxílio de aprendizagem de discentes indígenas e quilombola, dessa forma, atuando dentro das políticas de ações afirmativas e educação intercultural. Neste terceiro módulo da disciplina são trabalhados além dos diversos conceitos e leitura de textos das disciplinas da Arqueologia e Antropologia, a escrita de projetos. Será dado um especial foco na elaboração de projetos de pesquisa relacionados aos trabalhos de conclusão de curso.

Bibliografia básica

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520. 2002. Apresentação de citação em documentos. Rio de Janeiro.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023. 2002. Informação e documentação, referências, elaboração. Rio de Janeiro.

DEMO, Pedro. 2000. Metodologia do Conhecimento Científico. São Paulo: Atlas.

Bibliografia Complementar

CANDAU, V.M. 2009. Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7Letras.

LUCIANO, Gersem dos Santos. 2009. O papel da universidade sob a ótica dos povos e acadêmicos indígenas. Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande. NASCIMENTO et al. Povos indígenas e sustentabilidade: saberes e práticas interculturais nas universidades.

MEC. 2006. Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. BRASILIA.

SOUZA LIMA; HOFFMANN (org). 2007. Desafios para uma Educação superior para os povos indígenas no Brasil: Políticas públicas de ação afirmativa e direitos culturais diferenciados. LACED – Departamento de Antropologia, Museu Nacional-UFRJ. Rio de Janeiro.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

WALSH, Catherine. 2009. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7Letras.

LABORATÓRIO DE TEXTOS ARQUEOLÓGICOS E ANTROPOLÓGICOS IV
Carga horária: 60 h

Ementa – A disciplina irá apresentar e discutir com os discentes indígenas e quilombolas as noções e conceitos gerais da Arqueologia e Antropologia. Além disso, serão exercitados os métodos de aprendizagem. Esta é uma disciplina continuada cujo objetivo principal é garantir a permanência e auxílio de aprendizagem de discentes indígenas e quilombola, dessa forma, atuando dentro das políticas de ações afirmativas e educação intercultural. Neste quarto módulo da disciplina são trabalhados além dos diversos conceitos e leitura de textos das disciplinas da Arqueologia e Antropologia, a escrita de monografia. Portanto, será um especial enfoque na discussão, leitura e escrita do texto do trabalho de conclusão de curso.

Bibliografia básica

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520. 2002. Apresentação de citação em documentos. Rio de Janeiro

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: 2002. Informação e documentação, referências, elaboração. Rio de Janeiro.

ECO, Umberto. 2003. Como se faz uma tese. 18. ed. São Paulo: Perspectiva. 170 p.

Bibliografia Completa

CAJUEIRO, Rodrigo. 2018. Os povos indígenas em instituições de ensino superior públicas federais e estaduais do Brasil: levantamento provisório de ações afirmativas e de licenciaturas interculturais. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Projeto Trilhas de Conhecimento: o Ensino Superior de Indígenas no Brasil.

CARVALHO, José Jorge de. 2004. As Ações Afirmativas como Resposta ao Racismo Acadêmico e seu Impacto nas Ciências Sociais Brasileiras. Universidade de Brasília: Série Antropologia, v. 358.

CARVALHO, José Jorge de. 2006. O Confinamento Racial do Mundo Acadêmico Brasileiro. Universidade de Brasília. Brasília: Série Antropologia, v. 395.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO**

GALLOIS et al. 2016.. Etnologia brasileira: Alguns caminhos de uma antropologia indígena. Brésil(s) [En ligne], 9 | 201.

INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR E NA PESQUISA. 2015. Encontro de saberes nas universidades: Bases Para Um Diálogo Interepistêmico. Universidade de Brasília. Brasília.

**LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS (Demanda ao ICED)
Carga horária: 60 h**

Ementa – Bases teóricas da educação inclusiva. A educação de surdos no Brasil. Identidade e comunidade surda. A língua brasileira de sinais: aspectos linguísticos. Língua de Sinais e educação. Exercícios e prática de interpretação.

Bibliografia Básica

BRASIL. Decreto n.o 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n.o 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 2005, Seção 1, n. 246, p.28-30. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm

BRASIL. Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica / Secretaria de Educação Especial / MEC: SEESP, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>

CARVALHO, Rosita Edler. 2004. Educação inclusiva: com os pingos nos “is”. Porto Alegre: Mediação,

Bibliografia Complementar

BRASIL. Lei n.o12.319, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais -LIBRAS. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 02 set. 2010, Seção 1, n. 169, p.1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm

BRITO, Lucinda Ferreira. Integração social & educação de surdos. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

SOUZA, R. M. de (org.) Educação de surdos e língua de sinais (Número Temático). ETD: Educação Temática Digital. Campinas, v.7,n.2,2006.Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/issue/view/133>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

POKER, Rosimar Bortolini. Abordagens de ensino na educação da pessoa com surdez. Disponível em: http://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/Libras/mec_texto2.pdf

SKLIAR, Carlos (Org.). 1998. A Surdez, um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação.

PALEOETNOBOTÂNICA
Carga horária: 60 h

Ementa – Apresenta a especialidade analítica de paleoetnobotânica, seu desenvolvimento como sub-disciplina, abordagens teóricas, as metodologias utilizadas e exemplos arqueológicos. Introdução ao Reino Vegetal: definições, grupos vegetais, órgãos e evolução. O registro arqueológico: vestígios das plantas, tafonomia, e sua ocorrência. Caracterização morfológica e anatômica detalhada de Raiz, Madeira, Semente e Fruto. Metodologias para coleta e preservação de material botânico (madeira, sementes, frutos), visando elaboração de coleções de referência para a identificação de materiais arqueológicos. Metodologias para coleta de material paleoetnobotânica, sua análise e seu acondicionamento.

Bibliografia Básica

BURGER, L.M. & H.G. RICHTER. 1991. Anatomia da Madeira. Nobel. 154 pp.

CLEMENT, C. R. 2006. Domesticação de paisagens e plantas amazônicas: A interação de etnobotânica, genética molecular e arqueologia. In: Morcote-Rios, G.; Mora-Camargo, S.; Franky-Calvo, C. (Org.). Pueblos y paisajes antiguos de la selva amazónica. Bogotá: Univ. Nacional de Colombia, Facultad de Ciencias, Taraxacum, p. 97-112.

SCHEEL-YBERT, R., KLÖKLER, D., GASPAR, M. D., & FIGUTI, L. 2006. Proposta de amostragem padronizada para macro-vestígios bioarqueológicos: antracologia, arqueobotânica, zooarqueologia. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, 15(16), 139-163

Bibliografia Complementar

ARROYO-KALIN, M. 2010. The Amazonian Formative: Crop Domestication and Anthropogenic Soils. Diversity, 2(4): 473-504.

CAROMANO C.F.; NEVES, E.G.; SCHEEL-YBERT, R. 2010. Fogo no Mundo das Águas: Antracologia no Sítio Hatahara, Amazônia Central. Revista Amazônica, Belém, p. 126-127.

IANUZZI, R. & C.E.L. VIEIRA. 2005. Paleobotânica. UFRGS Editora. 167pp.

PEARSALL, Deborah M. 2015. Paleoethnobotany: A Handbook of Procedures, 3rd edition. Routledge.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO**

RAVEN, P., EVERT, R. & S. EICHHORN. 2005. *Biologia Vegetal*. Guanabara Koogan. 642 pp.

SILVA, F.M.; SHOCK, M.P.; SCHEEL-YBERT, R. 2015. Coleção de referência de macrovestígios vegetais carbonizados para análises arqueobotânicas. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. Suplemento 20:95-100.

SILVA, F.M.; SHOCK, M.P.; NEVES, E.G.; SCHEEL-YBERT, R. 2016. Vestígios macrobotânicos carbonizados na Amazônia Central: o que eles nos dizem sobre as plantas na pré-história? *LEPAARQ-UFPEL* 13: 366-385.

**POVOAMENTO DAS AMÉRICAS
Carga horária: 60 h**

Ementa – O curso visa discutir os dados relativos à chegada dos primeiros humanos ao continente americano. Abordaremos o tema a partir dos dados e hipóteses arqueológicas produzidas desde o início das pesquisas até os dados mais atuais. Finalmente discutiremos o papel dos dados da arqueologia brasileira para entender tal contexto.

Bibliografia Básica

ADOVASIO, James M., and Jack PAGE. 2011. "Os primeiros americanos." Tradução Renato Bittencourt – Rio de Janeiro: Record.

NEVES, W. 2006. Origens do homem nas Américas: fósseis versus moléculas? In Sila, H. e Rodrigues-Carvalho, C. *Nossa Origem. O Povoamento da América*. P. 45-76.

NEVES, Walter Alves Neves & PILO, Luis Beethoven. 2008. *O Povo de Luzia*. Rio de Janeiro: Globo.

Revista FUMDHAMENTOS 1, volume 1, São Raimundo Nonato, Piauí. 1993.

Revista FUMDHAMENTOS 7, São Raimundo Nonato, Piauí. 2008.

Bibliografia Complementar

DIAS, A. 2003. Diversificar para povoar: o contexto arqueológico brasileiro na transição Pleistoceno-Holoceno. *Complutum*, n.15:249-263.

ARAÚJO, A. 2004. A variabilidade cultural no período paleoíndio no Brasil (11.000 – 8.000 AP): algumas hipóteses. *Revista do CEPA*, v. 28, n. 39, p. 111-130.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

DILLEHAY, Tom D. 1997. Onde estão os remanescentes ósseos humanos do final do Pleistoceno? Problemas e perspectivas na procura dos primeiros americanos. In: LAHR, Marta M. e NEVES, Walter (Org.). Dossiê Surgimento do Homem na América. Revista da USP. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, pg.24-33.

ROOSEVELT, Anna. A Entrada do Homem na América. 1999. In: TENÓRIO, M. C. (Org.), Pré-história da Terra Brasilis. Rio de Janeiro, EdUFRJ, pp.19-32.

VIALOU, Agueda Vilhena. 2005. Pré-história do Mato Grosso: Santa Elina. Vol. 1 e 2. EdUSP.

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Carga horária: 60 h

Ementa – Familiarizar os estudantes com o debate contemporâneo sobre as relações raciais e étnicas, destacando o modo como o debate sobre os processos de construção de identidades se articula com a problemática do racismo e do anti-racismo. As implicações no contexto brasileiro das políticas públicas orientadas pelas legislações de número 12.711/2012, lei n. 11.645/2008 e as diretrizes curriculares para educação escolar quilombola. Este curso também pretende oferecer uma visão geral sobre as teorias, histórias e questões políticas relativas à Diáspora Africana nas Américas.

Bibliografia Básica

GOMES, Joaquim Benedito Barbosa. 2001. Ação afirmativa e princípio constitucional da igualdade: o direito como instrumento de transformação social: a experiência dos EUA. Renovar.

SANSONE, Livio. 2002. Um campo saturado de tensões: o estudo das relações raciais e das culturas negras no Brasil. Estudos Afro-Asiáticos, v. 24, n. 1, p. 5-14.

SOUZA, Neusa Santos. 1983. Tornar-se negro. Edições Graal.

Bibliografia Complementar

DU BOIS, William Edward Burghardt. 1915. The negro. Univ of Pennsylvania Press.

FANON, Frantz; DA SILVEIRA, Renato. 2008. Pele negra, máscaras brancas. EdUFBA.

FRY, Peter. 2007. Divisões perigosas: políticas raciais no Brasil contemporâneo. Editora Record,

RATTS, Alex; RIOS, Flavia. 2010. Lélia Gonzalez. Selo Negro Edições.

VERENA, Alberti; PEREIRA, Amilcar Araujo. 2007. História do Movimento Negro no



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO**

Brasil. Pallas. Rio de Janeiro.

**SEMINÁRIOS EM TERRAS PRETAS DA AMAZÔNIA
Carga horária: 60 h**

Ementa – Esse curso foi projetado para aqueles que gostariam de ter um conhecimento mais profundo sobre as pesquisas em Terras Pretas de Índio como são popularmente conhecidos esses solos antropicamente enriquecidos, de alta fertilidade e resiliência distribuídos em toda Pan Amazônia. Os encontros semanais serão realizados na forma de seminários, produzidos pelos participantes e apresentação das pesquisas realizadas por autores relevantes que contribuíram para o desenvolvimento do tema. A bibliografia contemplará tanto o início dos primeiros trabalhos científicos levados a cabo na região de Santarém, como os resultados de pesquisas atuais, os seminários serão realizados com base na leitura de artigos, dissertações e teses produzidas sobre a região de Santarém, Itaituba e Arapiuns. Haverá também excursão a campo e trabalho em laboratório como parte da oficina prática do curso.

Bibliografia Básica

HARTT, C. F. 1885. Contribuições para a Ethnologia do Valle do Amazonas. *Achivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro* 6:1-174.

KÄMPF, N., W. I. WOODS, D. C. KERN, E T. J. CUNHA. 2009. Classificação das Terras Pretas de Índio e Outros Solos Antrópicos Antigos, in *As Terras Pretas de Índio da Amazônia: Sua Caracterização e Uso deste Conhecimento na Criação de Novas Áreas*. Editado por W. G. Teixeira, D. C. Kern, B. E. Madari, H. N. Lima, and W. I. Woods, pp. 88-102. Manaus : Embrapa Amazônia Ocidental.

KERN, D. C, N. KÄMPF, W. I. WOODS, W. M. DENEVAN, M. L. COSTA, E F. J. L. FRAZÃO. 2009. Evolução do Conhecimento em Terra Preta de Índio, in *As Terras Pretas de Índio da Amazônia: Sua Caracterização e Uso deste Conhecimento na Criação de Novas Áreas*. Editado por W. G. Teixeira, D. C. Kern, B. E. Madari, H. N. Lima, and W. I. Woods, pp.72-81. Manaus: Embrapa Amazônia Ocidental.

NETTO, L. 1885. Inves sobre Archeologia Brasileira. *Achivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro* v. 6.

NIMUENDAJÚ, C. 1949. Os Tapajó. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* 10:93-106.

Bibliografia Complementar

MCCANN, J. M., W. I. WOODS, E D. W. MEYER. 2001. Organic Matter and Anthrosols in



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

Amazonia: Interpreting the Amerindian Legacy. *Sustainable Management of Soil Organic Matter*. Editado por R. M. Rees, B. Ball, C. Watson, e C. Campbell, pp.180-189. Wallingford, UK: CAB, International.

REBELLATO L., W. I. WOODS, E E. G. NEVES. 2009. PreEuropean Continuity and Change in the Central Amazon, in *Amazonian Dark Earths: Wim Sombroek's Vision*, Editado por W. I. Woods, W. G. Teixeira, J. L. C. Steiner, A. WinklerPrins, L. Rebellato, pp. 15-32. Berlin: Springer.

SCHIFFER, M. B. 1987. A formação do Registro Arqueológico. *Formation processes of the archaeological record*. Albuquerque, NM: University of New Mexico Press

WOODS, W. I., E J. M. MCCANN. 2001. El Origen y Persistencia de las Tierras Negras de la Amazonía. In *Desarrollo Sostenible en la Amazonia: Mito o Realidad?* Editado por M. Hiraoka e S. Mora, pp. 23-30. Ecuador-Quito: Editorial Abya-Yala,

WOODS, W. I., E J. M. MCCANN. 1999. The Anthropogenic Origin and Persistence of Amazonian Dark Earths, in *Yearbook 1999 - Conference of Latin Americanist Geographers*. Editado por C. Caviedes, Vol.25, pp. 7-14. Austin: University of Texas Press.

SENSORIAMENTO REMOTO E ARQUEOLOGIA
Carga horária: 60 h

Ementa – Introdução ao Sensoriamento Remoto. Tecnologias da Informação e bancos de dados geo-referenciados. Aplicação aos estudos arqueológicos. Distintos modos de coleta de dados via sensoriamento remoto, métodos geofísicos.

Coleta e processamento de imagens de satélites, como utilizar imagens de satélite para identificar sítios arqueológicos na Amazônia. Mapeamento regional de sítios. Interpretação de imagem – paisagem natural ou antropizada: geobotânica, padrão de drenagem dos rios e terraços fluviais.

Bibliografia Básica

FLORENZANO, T. G. 2002. Imagens de Satélite para Estudos Ambientais. São Paulo: Oficina de Textos.

JENSEN, J. R. 2009. Sensoriamento Remoto do Ambiente: Uma perspectiva em recursos terrestres. São José dos Campos, SP: Parêntese.

MENESES, P. R. 2001. Fundamentos de Radiometria Óptica Espectral. In: MENESES, P. R.; NETTO, J. S. M. Sensoriamento Remoto: Reflectância dos alvos naturais. Brasília, DF: UnB;



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

Planaltina: Embrapa Cerrados.

Bibliografia Complementar

- NOVO, E. M. L. M. 2008. Sensoriamento Remoto: Principios e Aplicações. São Paulo: Blucher.
- CAMPBELL, J.B. 1996. Introduction to Remote Sensing. Second edition. ed. Taylor & Francis
- VAUGHN, S. & T. CRAWFORD . 2009. A predictive model of archaeological potential: An example from northwestern Belize. Applied Geography, 29, 542-555.
- HECKENBERGER, M. J., A. KUIKURO, U. T. KUIKURO, J. C. RUSSELL, M. SCHMIDT, C. FAUSTO & B. FRANCHETTO. 1993. Amazonia 1492: pristine forest or cultural parkland?
- ROOSEVELT, A. C. 1990. Moundbuilders of the Amazon: Geophysical Archaeology on Marajo Island, Brazil. In Archaeological Prospecting and Remote Sensing, eds. I. Scollar, A. Tabbagh, A. Hesse & I. Herzog. Cambridge University Press.
- THAYN, J. 2009. Locating Amazonian Dark Earths (ADE) Using Satellite Remote Sensing - A Possible Approach. In Amazonian Dark Earths: Wim Sombroek's Vision, eds. W. I. Woods, W. G. Teixeira, J. Lehmann, C. Steiner, A. M. G. A. WinklerPrins & L. Rebellato. Berlin: Springer.

TÉCNICAS DE REGISTRO EM ARQUEOLOGIA
Carga horária: 60 h

Ementa – A disciplina pretende fornecer uma introdução prática a técnicas de registro de diferentes tipos de vestígios arqueológicos, mostrando como estas tem evoluído com as diferentes escolas arqueológicas. Poderão ser incluídos material cerâmico, lítico, ósseo, botânico, faunístico, histórico (tanto artefatos quanto ruínas ou edificações), arte rupestre, solos, feições e sepultamentos. As formas de registro serão relacionadas aos objetivos específicos de pesquisa e limitações metodológicas e teóricas serão abordadas. Exercícios envolverão descrição verbal e escrita, catalogação, desenho e fotografia de achados. Para tal, será necessária uma introdução às convenções técnicas e à terminologia específica aplicada para os diferentes tipos de material. Catálogos ilustrados e outros tipos de publicações diversas serão avaliados criticamente e utilizados como referência na elaboração de um relatório que apresentará um ou mais conjuntos artefatuais. Ao final, é esperado que os estudantes terão desenvolvido seu olhar técnico e senso crítico acerca do registro e apresentação de vestígios e contextos arqueológicos, servindo como base para aplicações mais aprofundadas no futuro. A bibliografia da disciplina poderá ser alterada em função dos tipos de vestígios abordados.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

Bibliografia básica

- ADDINGTON, L.R. 1986. *Lithic Illustration*. Chicago/Londres: University of Chicago Press.
- NEVES, W.A. 2013. *Um esqueleto incomoda muita gente*. Campinas: Unicamp.
- ORTON, TYERS & VINCE. 1993. *Pottery in archaeology*. Cambridge: Cambridge University.
- RENFREW, C e P. BAHN. 2004. *Arqueologia Teoria Metodo y Practica*. Madrid, Ediciones Akal S.A.,
- SYMANSKI, L.C.P. 2008. Práticas econômicas e sociais no sertão cearense do século XIX: um olhar sobre a cultura material de grupos domésticos sertanejos. *Revista de Arqueologia*, vol. 1, n. 2. São Paulo: SAB.

TÉCNICAS DE REGISTRO VISUAL DE ARTE RUPESTRE
Carga horária: 60 h

Ementa – Disciplina de caráter técnico e prático sobre o registro visual da arte rupestre: Fotografia, Frotagem, decalque em plástico, decalque digital, Tratamento digital de Imagens.

Bibliografia Básica

PESSIS, A-M. 2000. *Registro Visual na Pesquisa em Ciências Humanas*. Editora Universitária. UFPE, Recife.

_____. 1986. Da Antropologia Visual à Antropologia Pré-histórica. *Clio, Revista do Mestrado em História. Série Arqueológica* – 3. N.8. UFPE, Recife, PP.153-161.

VALLE, R. 2006b. Gravuras Rupestres do Seridó Potiguar e Paraibano, Um estudo técnico e cenográfico, novos aportes. *Anais do II Simposio de Povoamento Pré-histórico das Américas*, São Raimundo Nonato, Piauí. <http://www.fumdham.org.br/fumdhamentos7/artigos/23%20Raoni.pdf>

Bibliografia Complementar

BEDNARIK, Robert. 2007. *Rock Art Science*. Aryan Books, New Delhi, Snd Edition;

WHITLEY, David S. (Ed.). 2001 *Handbook Of Rock Art Research*. Altamira Press Califórnia. Us.

CHIPPINDALE, C. Taçon, P. (eds.) .1998. *Archaeology of Rock-Art*, Cambridge University Press, UK.

CHIPPINDALE, C. and Nash, G. (eds.) .2004. *Pictures in Place-The figured landscape of rock-*



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO**

art. Cambridge University Press, UK.

BAHN, P. & VERTUIT, J. 1988. Images of The Ice Age. Winward, Leicester, UK.

**TEORIA CONTEMPORÂNEA DA ARQUEOLOGIA
Carga horária: 60 h**

Ementa – Caracterização da diversidade teóricas em trabalhos de arqueologia produzidos em diversos contextos sociais e geográficos. Serão abordados temas como o pós-modernismo, arqueologias pós-coloniais, arqueologias indígenas, arqueologias feministas e de gênero, arqueologia política, arqueologia do presente e etnografias arqueológicas.

Bibliografia básica

KUHN, T. 1970. Estrutura das Revoluções Científicas. São Paulo: Editora Perspectiva.

MIGNOLO, W. 2008. “Desobediência Epistêmica: A Opção Descolonial E O Significado De Identidade Em Política”. Cadernos de Letras da UFF, n. 34.

HABER, A. F. 2011. Nometodología Payanesa: Notas de Metodología Indisciplinada. Revista de Antropología, n. 23a.

Bibliografia complementar

MCGUIRE, R H.. 1999. A Arqueologia como ação política: O projeto Guerra do Carvão do Colorado. Revista do MAE 3: 387-397.

GNECCO, C; AYALLA, P. R ¿Qué hacer? Elementos para una discusión. GNECCO, C; AYALLA, P. R (org.). 2010. Pueblos indígenas y arqueología en América Latina. Bogotá: Fundación de Investigaciones Arqueológicas Nacionales Banco de la República; CESO, Facultad de ciencias sociales, Universidad de los Andes.

NEUMANN, M. A. 2008. Por uma arqueologia simétrica. Cadernos do LEPAARQ (UFPEL), v. 5, p. 82-95.

KOIDE, K., FERREIRA, M. T. & MARINI, M. 2014. Arqueologia e a crítica feminista da ciência: Entrevista com Alison Wylie. scientiæ zudia, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 549-90.

GONZALEZ-RUIBAL, A. 2012. Hacia otra arqueología: diez propuestas. Complutum, Vol. 23 (2): 103-116



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO**

**TERRAS PRETAS E TERRAS MULATAS: HISTÓRIA, FORMAÇÃO E USO
Carga horária: 60 h**

Ementa – O foco concentra-se nos processos humanos e naturais responsáveis pela formação do registro arqueológico que levaram à gênese de solos antrópicos conhecidos como terra preta de índio e terra mulata. Através de análises estratigráficas e geoquímicas, o curso está voltado para a reconstrução assentamentos pré-coloniais que durante séculos promoveram a alteração dos solos naturais. Leituras e discussões visam abordar contextos inter e intra sítios e também esclarecer como processos erosivos, deposicionais, de lixiviação associados a atividades biológicas e humanas são responsáveis pela formação e alteração do registro arqueológico. Vários estudos de caso serão apresentados no decorrer do curso, bem como um esboço histórico das pesquisas na Amazônia.

Bibliografia Básica

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA – EMBRAPA. 1999. Centro Nacional de Pesquisa de Solos. Manual de métodos de análise de solo. 2.ed. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Pesquisa de Solos.

KAMPF, N., W. I. WOODS, D. C. KERN & T. J. CUNHA. 2009. Classificação das Terras Pretas de Índio e Outros Solos Antrópicos Antigos. In: As Terras Pretas de Índio da Amazônia: sua caracterização e uso deste conhecimento na criação de novas áreas, eds. W. G. Teixeira, D. C. Kern, B. E. Madari, H. N. Lima & W. I. Woods. Manaus: Embrapa Amazônia Ocidental.

KERN, D. C., N. KAMPF, W. I. WOODS, W. M. DENEVAN, M. L. COSTA & F. J. L. FRAZAO. 2009. Evolução do Conhecimento em Terra Preta de Índio. In: As Terras Pretas de Índio da Amazônia: sua caracterização e uso deste conhecimento na criação de novas áreas, eds. W. G. Teixeira, D. C. Kern, B. E. Madari, H. N. Lima & W. I. Woods, 72-81, Manaus: Embrapa Amazônia Ocidental.

Bibliografia Complementar

TEIXEIRA, W. G., D. C. KERN, B. E. MADARI, H. N. LIMA & W. I. WOODS. 2009. A Terras Pretas de Índio da Amazonia: Sua caracterização e uso deste conhecimento na criação de novas áreas. In: As Terras Pretas de Índio da Amazônia: sua caracterização e uso deste conhecimento na criação de novas áreas, eds. W. G. Teixeira, D. C. Kern, B. E. Madari, H. N. Lima & W. I. Woods, 72-81, Manaus: Embrapa Amazônia Ocidental.

HOLLIDAY, V.T. 2004. Soils in Archaeological Research. Oxford University Press.

LIMA, H. N. et al. 2005. Dinâmica da mobilização de elementos em solos da Amazônia submetidos à inundação. Acta Amazonica, v.35, n.3, p.317330.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

REBELLATO, L. 2007. Interpretando a Variabilidade Cerâmica e as Assinaturas Químicas e Físicas do Solo no Sítio Arqueológico Hatahara, AM. In Museu de Arqueologia e Etnologia, 197. São Paulo: Universidade de São Paulo.

SCHAEFER, C. E. R. et al. 2000. Uso do solos e alterações da paisagem na Amazônia, cenários e reflexões. Boletim Museu Goeldi, Série Ciência da Terra, v.12, p.63-104.

TÓPICOS ESPECIAIS EM ANÁLISES QUANTITATIVAS E QUALITATIVAS
Carga horária: 60 h

Ementa – Arqueólogos podem trabalhar com uma grande diversidade de tipos de dados arqueológicos – artefatos, sítios, relatos, entrevistas, ambientes, composição química, documentos históricos. Essa disciplina procura aprofundar conhecimento sobre metodologias da análise de dados qualitativas e quantitativas. Tópicos incluem: tratamento e organização de dados; abordagens distintas para dados quantitativas e qualitativas; estatística multivariada; estatísticas distribucionais/espaciais; análises de entrevistas, turnês guiadas, e outros dados etnográficos.

Bibliografia básica

GIBBS, Graham. 2009. *Análise de dados qualitativos*. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Coleção Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Artmed Editora S.A.

OKUMURA, Mercedes, and Astolfo Araujo Araujo. 2013. Pontas bifaciais no Brasil Meridional: caracterização estatística das formas e suas implicações culturais. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 23: 111-127.

SANTOS, José Osman dos, Casimiro Sepúlveda Munita, Mário Ernesto Giroldo Valerio, and Cleonice Vergne. 2007. Arqueostatística aplicada ao estudo composicional de cerâmicas arqueológicas. *Canindé - Revista do Museu de Arqueologia de Xingó* n.9: 59-88.

Bibliografia complementar

CALZA, Cristiane Ferreira, Maria Dulce Barcellos Gaspar de Oliveira, Danielle Dias de Carvalho, Filipe André do Nascimento Coelho, Renato Pereira Freitas, and Ricardo Tadeu Lopes. 2013. Análise de peroleiras e cachimbos cerâmicos provenientes de escavações arqueológicas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 1, no. 1: 621-638.

DUQUE-BRASIL, Reinaldo. 2010. Etnobotânica: reflexões sobre conceitos e métodos de pesquisa. ETNOIKOS – Grupo de Estudos Transdisciplinares em Etnoecologia – UFV.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO**

LATINI, Rose Mary, A. V. Bellido, Marina Beatriz Agostini Vasconcellos, and O. F. Dias. 2001. Classificação de cerâmicas arqueológicas da Bacia Amazônica. *Química Nova* 24, no. 6 : 724-729.

SALOMÃO, Rafael de Paiva. Densidade, estrutura e distribuição espacial de castanheira-do-brasil (*Bertholletia excelsa* H. & B.) em dois platôs de floresta ombrófila densa na Amazônia setentrional brasileira. 2009. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Naturais* 4, no. 1: 11-25.

WÜS, Irmhild, and Hellen Batista de Carvalho. 1996. Novas perspectivas para o estudo dos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro: a análise espacial do Sítio Guará 1 (GO-NI-IOO), Goiás. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 6: 47-81.

**TÓPICOS ESPECIAIS EM ARQUEOLOGIA HISTÓRICA
Carga horária: 60 h**

Ementa – Arqueologia Histórica: ênfase sobre o contexto Sul-Americano, compreendendo aspectos de teoria e métodos voltados para estudos de caso sobre temas relacionados à Arqueologia da Arquitetura; Arqueologia da resistência; Arqueologia e Gênero.

Bibliografia Básica

FUNARI, P.P.A; ZARANKIN, Andrés; REIS, J.A. (orgs.). 2008. Arqueologia da Repressão e da Resistência (décadas de 1960- 1980). São Paulo: Annablume.

ZARAKIN, A. & SENATORE, M. X. 2004. Arqueología Histórica en América del Sul: Los desafíos del Siglo XXI

ZARAKIN, A. & SENATORE, M. X . 2002. Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul. Cultura Material, Discursos y Práticas. Zarankin & Senatore (eds). Ediciones del Tridente, Buenos Aires.

Bibliografia Complementar

ANDRADE LIMA, T. 1996. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. *História, Ciência, Saúde - Manguinhos*, 2(3):44-96.

FUNARI, P.P.A; ZARANKIN, Andrés; REIS, J.A. (orgs.). 2008. Arqueologia da Repressão e da Resistência (décadas de 1960- 1980). São Paulo: Annablume.

ZARANKIN, A. 2000. El pensamiento moderno y posmoderno en arqueología. *Narrar o passado, Repensar a História*. M. Rago & R. Oliveira Gimenes (eds.). Editora da UNICAMP, Campinas



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO DE ARQUEOLOGIA
PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

_____. 1999. Casa Tomada; sistema, poder y vivienda domestica. *Sed Non Satiata; Teoría Social en la Arqueología Latinoamericana Contemporánea*. Zarankin, A & F, Acuto. (Editores). Del Tridente, Buenos Aires.

ZARANKIN A. & SALERNO, M. 2007 El sur por el sur. Una revisión de la arqueología histórica sudamericana. *Vestigios* 1 (1): 5-25.